

Arquétipos, Psicanálise e Reencarnação

Fernanda Suhet

<u>Arquétipos, Psicanálise e Reencarnação</u>	<u>1</u>
<u>Prefácio</u>	<u>3</u>
<u>Primeiras Considerações sobre a Reencarnação</u>	<u>4</u>
<u>I – A Espiritualidade no Desenvolvimento da Psique</u>	<u>8</u>
<u>1) Deus é uma Verdade Monoteísta da qual depende toda Lei.....</u>	<u>8</u>
<u>2) A lógica da reencarnação.....</u>	<u>10</u>
<u>3) A fé como ferramenta de conhecimento</u>	<u>14</u>
<u>4) Compreendendo os mundos</u>	<u>16</u>
<u>5) Por que reencarnar.....</u>	<u>20</u>
<u>6) Os Senhores do Karma.....</u>	<u>26</u>
<u>7) O Planejamento de uma encarnação – parte prática.....</u>	<u>33</u>
<u>8) O despertar.....</u>	<u>38</u>
<u>9) Ninguém está órfão nos assuntos da matéria.....</u>	<u>42</u>
<u>II – Arquétipos e Espiritualidade ‘Na Prática’</u>	<u>44</u>
<u>1) As várias ‘faces’ do Paráclito.....</u>	<u>44</u>
<u>2) O Paráclito e a Mediunidade</u>	<u>47</u>
<u>III - Conclusão</u>	<u>63</u>
<u>IV – Anexo I: Breve apresentação dos principais conceitos junguianos</u>	<u>64</u>
<u>V - Anexo II: Mediunidade: Neurose ou Fenômeno Interdimensional?.....</u>	<u>67</u>
<u>1) O caso S.W.....</u>	<u>74</u>
<u>2) Caso Walkíria Kaminski</u>	<u>77</u>
<u>3) Jeanne e Ivenes: Complexos Autônomos ou Personificação do Inconsciente?</u>	<u>84</u>

Prefácio

Diferente de nosso trabalho anterior, no presente livro estamos dando uma ênfase maior ao aspecto espiritual da psicanálise reencarnacionista e à interação do ser encarnado com os seres desencarnados. Não pretendemos com isto apresentar provas irrefutáveis ou mesmo inquestionáveis, pois a percepção desta interação e a irrefutabilidade de seus fenômenos sofre de uma limitação na qual não pretendemos nos imiscuir: dependem de uma abertura mental e emocional que só é proporcionada pela fé.

Desta feita, este livro não se destina àqueles que não tenham uma mente aberta ou que estejam fortemente aferrados à conceitos e cosmovisões que lhes velem a percepção. Seu alvo é, por outro lado, as pessoas que dispendo de uma crença ou religião que considere como realidade a interação entre planos estejam, ainda assim, necessitados de uma análise mais acurada destes fenômenos, a fim de que a fé não seja justificativa para a perda de racionalidade e objetividade.

Advertimos, portanto, ao leitor que exatamente por nos atermos ao princípio da lógica e da racionalidade, também estaremos tocando algumas feridas abertas pela fé cega, ou seja, estaremos também demonstrando que a atitude de crença sem questionamento é tão nociva quanto a atitude de total descrença tanto sobre a reencarnação, quanto sobre a interação entre planos. Desmistificar estes conceitos e colocá-los, adicionalmente, dentro de uma perspectiva psicanalítica e evolucionista certamente levará a um certo desconforto, mas consideramos que este desconforto é necessário para retirar algumas consciências de seu estado inercial.

Durante todo o trabalho estaremos realizando uma interface entre a psicanálise, o desenvolvimento do ser humano e o que é dito nos Evangelhos. Desta forma, este livro também não se destina àqueles que não sejam cristãos – independente de sua religião – e que, além do mais acreditam que o conhecimento evangélico é ‘de pouca utilidade’ para a vida prática.

Fernanda Suhet

20 de janeiro de 2004

Primeiras Considerações sobre a Reencarnação

A palavra reencarnação desperta nos meios mais ortodoxos e nas mentes mais religiosamente tradicionais um arrepio profundo que explode algumas vezes em medo, outras em escárnio. No Brasil, contudo, temos o privilégio de pertencermos a uma sociedade visceralmente sincrética que permite àqueles de mente mais aberta conviver, sem contorcer-se de raiva ou medo, com religiões nas quais o conceito de reencarnação é aceito e difundido.

Contudo, e este é o objetivo destas considerações, convém explicar que o conceito de reencarnação, a despeito de ser amplamente difundido no Brasil por várias religiões, e mais especificamente pela religião kardecista, não é privilégio ou invenção de qualquer religião ou cultura específica. No Egito, há mais de quatro mil anos, várias dinastias pautaram sua vida espiritual considerando esta possibilidade. Na Índia, também há tanto tempo quanto no Egito, a reencarnação era ensinada e vivida como uma verdade diária. No Ocidente, devemos a Kardek a difusão da teoria da reencarnação, mas o Budismo, o Taoísmo e as religiões dos povos da África também abraçaram este conceito há milênios.

O que se observa, entretanto, ao se fazer um estudo comparado das religiões e culturas nas quais se acredita que a alma (ou o espírito) não se restringe a uma única e efêmera existência é que cada uma delas tem sua própria versão do que ocorre após a morte e como se dá esta vida seguinte. O único ponto comum em todas elas é o fato de que existe uma consciência que é criada em algum ponto do tempo universal e que esta consciência, depois de passar uma existência na matéria, continua evoluindo em outra forma.

E é exatamente este resumo conceitual que usamos para definir o que compreendemos como reencarnação: um processo que permite que a consciência evolua continuamente desde a forma mais primitiva do ser até a forma mais elevada. A reencarnação é, portanto, muito mais do que um conceito pertencente a este ou àquele nicho religioso, a esta ou àquela cultura, mas uma forma lógica e racional de dar sentido à Criação e, especificamente, à vida humana, muitas vezes tão curta e aparentemente tão desprovida de significado. É uma cosmovisão com a qual podemos ampliar o significado de nossa existência e compreender melhor o que se passa diuturnamente com cada um de nós.

Convém abrir um parêntese e chamar igualmente a atenção para o fato de que qualquer que seja a religião de uma pessoa, de um jeito ou de outro, ela acredita em algum tipo de vida após a morte. Seja esta vida no Céu/Inferno/Purgatório, seja no Paraíso/Inferno, ou no Limbo ou sei mais lá aonde, o fato é que são raras as pessoas na nossa cultura que de fato pensam e sentem como se a vida se resumisse ao nascer e morrer do corpo. Na maior parte das vezes, as pessoas acreditam em uma única encarnação seguida da eternidade dos tempos em uma condição estanque. O resultado disto é que usualmente se exasperam diante do pouco tempo de uma única

vida humana, principalmente ao se aproximarem da terceira idade, e podem reagir das mais diferentes formas. Podem, por exemplo, querer prorrogar ao máximo a juventude, negando o envelhecimento, o desgaste e a morte natural não somente do corpo físico, mas também de tudo aquilo ao qual se apegam. Ou, então, decidirem aproveitar ao máximo este pouco tempo e se entregarem a toda sorte de excessos a fim de ter 'boas lembranças' quando forem para o Além. Há ainda quem se entregue mais rápido à morte e caminhe pela vida com os ombros curvados de uma depressão mascarada em conformismo, esperando que o 'sacrifício e as dores' que aqui passaram possam lhe dar uma visão panorâmica no Céu.

Na outra ponta de todas estas formas de se conduzir pela vida, o conceito de reencarnação, quando verdadeiramente compreendido, sacode até as raízes cada uma destas reações, pois ao colocarmos o foco na Evolução Contínua da Consciência conseguimos agir e reagir melhor no aqui e agora, ao invés de ficarmos esperando que as coisas se organizem por si mesmas ou que o nosso sofrimento sacrificial seja levado em conta ao nos defrontarmos com um velhinho e seu molho de chaves. Aprendemos o verdadeiro sentido da Oração da Serenidade (Concedei-nos, Senhor, a coragem necessária para mudar aquilo que podemos mudar, a serenidade para aceitar aquilo que não podemos mudar, e a sabedoria para distinguir uma situação da outra) e tornamo-nos donos do nosso presente e do nosso futuro, responsabilizando-nos pelo nosso passado.

Qualquer profissional de psicanálise e/ou psicologia identifica neste último parágrafo o sentido para o seu próprio trabalho. A despeito da linha na qual atue, o objetivo de todos nós é exatamente este: dar ao paciente a consciência de que as rédeas de sua vida emocional estão em suas mãos e em nenhum outro lugar. Ainda que sua vida física, seu emprego, suas relações interpessoais, a economia do país, a situação do planeta, a violência etc., possam estar numa daquelas situações diante das quais só lhe resta aceitar, por um motivo ou por outro, a maneira como ele reage a cada uma e a todas estas coisas depende exclusivamente dele. Como costumamos dizer a nossos próprios pacientes, se ele vai reclamar e fazer caretas diante de um limão azedo ou vai transformá-lo em uma deliciosa limonada é algo que apenas ele pode decidir. Mas ele pode decidir!, e o fará se colocar o que quer que lhe aconteça no já referido filtro de ampliação da consciência. Assim, levar esta cosmovisão para os consultórios de psicanálise parece-nos uma extensão natural para o próprio processo de análise, como se verá a seguir.

Para concluir, é preciso esclarecer que a via escolhida por nós para explicar o que seja uma consciência e como se dá sua evolução é a via junguiana, pois apenas se nos apoiamos nesta base arquetípica seremos capazes de compreender o que antecede e o que sucede à limitada forma humana de uma encarnação. E neste ponto estamos plenamente conscientes de estarmos desagradando tanto aos psicanalistas freudianos, quanto aos psicólogos junguianos. Aos primeiros estaremos afrontado especificamente ao nos apropriarmos da palavra psicanálise não de acordo com a extensa formulação de regressão à infância e à fixação a um processo sexual ou edipiano, formulada por Freud, mas por sua simples formação léxica: psicanálise nada mais é do que a análise

da psique. Neste sentido, pouco importa se ela é praticada em um set de terapia, num mosteiro budista ou numa caverna do Himalaia – se o seu objetivo é debruçar-se honestamente sobre você mesmo e compreender em profundidade seus impulsos e aspirações, modificando sua perspectiva de vida a partir desta compreensão, você está fazendo psicanálise. Assim, analisar profundamente uma psique e *fazer alguma coisa a partir desta análise* é o que definimos como psicanálise e não a uma técnica ou ritual específico. Obviamente que qualquer profissional irá eleger uma técnica e um escopo de ferramentas quer melhor se afine à sua psique e a de seus pacientes, mas o que define a psicanálise – a despeito do egocentrismo de Freud – não é a ferramenta, mas o resultado, assim como o que define a pintura não é a tinta ou a técnica – e nem mesmo este ou aquele pintor específico –, mas o fato de produzir um quadro.

Quanto aos junguianos sabemos que muitos se sentirão igualmente desconfortáveis, pois a despeito de Jung ter estudado diversas culturas, ter se aproximado do ocultismo e ter mesmo citado em seus livros estudos sobre a vida após a morte, fez absoluta questão de manter fora de suas obras completas qualquer apoio ao conceito de reencarnação e há mesmo um de seus livros no qual ele resume o fenômeno da mediunidade a um caso de histeria¹, ainda que em sua autobiografia² abordasse as referências à paranormalidade de maneira menos rígida.

Queremos esclarecer ainda que a despeito de este livro tratar de diversos temas que são de interesse específico para profissionais de psicanálise, de forma alguma ele se destina especificamente a estes. É um livro para leigos e para aqueles que têm interesse em compreender o que está na formação da sua própria psique. Tampouco é um livro escrito apenas para aqueles que já compreendem o conceito de reencarnação e os conceitos subseqüentes a este – não é um trabalho religioso nem no sentido estrito, nem no sentido lato. Em resumo, é um trabalho destinado àqueles de mente aberta o suficiente para se aproximarem sem preconceitos teóricos ou religiosos de uma abordagem evolutiva da consciência humana.

Para concluir, advertimos ao leitor que temos uma tendência de falar por metáforas porque acreditamos sermos esta uma das maneiras mais simples de poder explicar o que às vezes é absolutamente inexplicável. Este recurso é necessário para que consigamos formar uma imagem que seja compreensível para nossa mente, ainda que saibamos que toda metáfora, por mais bem construída que seja, sempre deixará a desejar dada a natureza do assunto. Contudo, para a mente humana tentar explicar um arquétipo, tentar explicar um símbolo, é como se uma gota tentasse explicar o oceano. Símbolos e arquétipos, por exemplo, são infinitamente maiores do que nós. Antecedem a nossa formação, atuam neste momento e nos sucederão na Criação, assim como os elementos químicos nos antecedem e nos sucederão no Universo. Somos nós que somos compostos deles e não o contrário. O máximo que podemos

¹ Jung, Carl Gustav. Estudos Psiquiátricos. OC Vol. I, Ed. Vozes.

² Jung, Carl Gustav. Memórias, Sonhos e Reflexões, Ed. Nova Fronteira.

fazer são pálidas idéias, definições simbólicas, indiretas e tentar correlacionar tudo isto de uma forma que possamos compreender.

I – A Espiritualidade no Desenvolvimento da Psique

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento. Eis o grande, o primeiro mandamento. Um segundo é igualmente importante: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.” (Mateus, 22, 34-40)

1) Deus é uma Verdade Monoteísta da qual depende toda Lei

Existem um pilar fundamental em cima do qual construímos todo nosso trabalho e que é, por assim dizer, nossa própria cosmovisão: Deus não perde e nem nunca perdeu tempo criando inutilidades. Tudo o que acontece, seja nos níveis mental e emocional, seja nos níveis da matéria bruta ou espiritual, quando analisado em profundidade tem uma função, uma finalidade. E o norte, a bússola para esta finalidade, é a expansão, a ampliação e a perpetuação. Quer estejamos falando de uma planta ou de um sistema estelar, a verdade é que este Universo está em expansão e tudo o que se encontra nele também. Não existe, portanto, um estágio inercial permanente e o fim de uma forma implica, necessariamente, no início de outra forma. Tomemos, como exemplo, as folhas que caem de uma árvore: depois de morta virarão adubo para outras formas de vida e a Vida, enquanto princípio inerente às formas biológicas, continua se expandindo de outras maneiras. Ainda que da perspectiva da folha possa parecer que sua vida chegou ao fim, o fato é que a Vida que existe nela se perpetua em outras formas, alimenta a existência de outros seres e não se perde em um movimento que seria quase inútil se resumíssemos toda sua finalidade a uma existência de poucos meses.

A perpetuação de um fio condutor que vai de uma forma para a próxima forma, da folha para o verme que a transforma em seu alimento, da estrela que explode para o sistema solar que é criado a partir da matéria que libera, é, por assim dizer, uma das Leis Fundamentais da matéria. E como seres participantes deste Universo é válido dizer que esta é também uma lei para nossos processos psíquicos, emocionais e espirituais, pois se nos excluíssemos desta verdade estaríamos admitindo não fazer parte da Criação. E este é um segundo pilar para nosso trabalho: não existe algo parecido com uma teoria de exceção no Universo; não existe um processo de Criação à parte para a humanidade e nós evoluímos e continuaremos evoluindo exatamente como todo o resto. Como a folha de nosso exemplo, se buscamos o significado da existência em um tempo limitado, se resumimos a finalidade da vida humana a algumas poucas décadas, sentimos muitas vezes um vazio, principalmente quando estamos diante de fatos dramáticos ou quando sentimos se aproximar de nós o fim da vida. Nestes momentos, quando o frescor da juventude nos abandona ou quando a dor e o

sofrimento se imiscuem em nosso coração tingindo de negro tudo que está a nossa volta e em nós, perdemos muitas vezes a fé no que quer que seja, pois não encontramos uma resposta que justifique o sofrimento e a brevidade da vida, quer tenha sido ela coalhada de alegrias ou tristezas.

Chegamos assim a um terceiro pilar para nosso trabalho: se somos monoteístas de verdade, temos que admitir que Deus está conduzindo todos os processos e toda Vida, quer sejam eles agradáveis ou desagradáveis, longos ou curtos. Mas ao contrário de outras cosmovisões não nos limitamos a resumir aquilo que não conseguimos entender chamando-o de 'mistérios divinos', pois a finalidade é, do nosso ponto de vista, muito clara: a evolução e o aperfeiçoamento das formas. Quando ressalvamos que esta é uma conclusão lógica para os monoteístas estamos chamando a atenção para o fato de que ainda que pertençamos a uma cultura e a uma religião (qualquer que seja ela) que apregoe o monoteísmo, a verdade é que na mente e principalmente no coração de muitos de nós o monoteísmo ainda é algo a ser alcançado. Regra geral, as pessoas acreditam em pelo menos dois deuses: um para as coisas boas e duradouras e outro para as coisas negativas e breves. Damos graças Deus a tudo que seja bom e belo e consideramos que Deus se afasta de nós quando a dor e a infelicidade se abatem sobre nós; e neste afastamento ficamos sujeitos a uma força negativa de igual tamanho e proporção à força divina positiva. Esta força negativa, como a imaginamos, tem o poder e a capacidade de nos arrastar para suas garras *à revelia e contra a vontade de Deus*, o que a colocaria, no mínimo, em pé de igualdade com Ele.

Esta é a essência do dualismo e contradiz frontalmente aquilo que é apregoadado nos templos de quase todas as religiões ocidentais modernas. A verdade está bem longe disto: não existe um Deus para as coisas boas e outro para as coisas 'não-boas'. Deus está acima e além desta limitada conceituação humana, o que coloca a finalidade de qualquer dor e sofrimento em um patamar bem diferente daquele de 'prêmio ou punição', de graça ou maldição. Assim como não podemos dizer que uma folha que caiu de uma árvore e foi devorada por um verme deixou de fazer parte da Criação, ou que um filhote de cervo devorado pelo leão foi abandonado à sorte, não podemos dizer igualmente que a morte de uma pessoa a coloca à parte da Criação e que sua dor e infelicidade significaram que Deus a abandonou à sorte. Nosso orgulho e nossa vaidade humana, contudo, fazem exatamente isto e acreditamo-nos seres à parte da Criação e da Natureza. Supomo-nos deuses mais poderosos que o próprio Deus, pois pensamos que nossa vontade pode estar mesmo acima da Vontade dele ao invadirmos a matéria e violarmos a Natureza. Nosso orgulho nos faz crentes de que se Ele assistiu impassível a violência que perpetramos e que, por isto, julgamos que ou Ele não é forte o suficiente para nos deter em nossa sanha assassina, ou não está mesmo ao lado de nossas vítimas, sejam elas o garoto vítima de seqüestro ou japonês desintegrado pela explosão de uma bomba atômica.

Contudo, quando colocamos todos os eventos em uma perspectiva evolucionista e expandimos esta evolução para além de algumas décadas, conseguimos perceber que nem o assassino fica sem correção em sua visão distorcida, nem a vítima perdeu seu tempo e sua vida inutilmente. No calor da dor de uma perda é mesmo natural que

sintamos este sofrimento como algo injustificado e inútil, assim como é natural que dentro de um furacão tudo o que sentimos à nossa frente e atrás de nós sejam os ventos da tormenta. Mas, passada esta, recolhidos os cacos, podemos reconstruir tudo em novas bases, seja como um Japão melhor ou como um ser humano mais sensível às dores alheias.

Gradualmente iremos explicar os processos que estão por trás deste grande processo chamado Evolução, focando, obviamente, no processo da evolução da consciência humana. Por enquanto é fundamental que compreendamos que o Universo e tudo que há nele é, em essência, muito lógico quando somos verdadeiramente monoteístas e toda e qualquer mistificação foi somente um esforço inicial de compreender algo que até então estava acima da limitada capacidade intelectual e emocional humana. O monoteísmo é, como dito no Evangelho de Mateus, o princípio sobre o qual se embasa toda Lei que, com 'L' maiúsculo, não se resume às leis morais e espirituais, mas as abrange e transcende. É, obviamente, o princípio que forma também a matéria, à despeito e à revelia do orgulhoso cartesianismo moderno, pois igualmente não existe um Deus para as coisas do espírito e 'deus-nenhum' ou um segundo deus para as coisas da matéria. Deus é um só, seja regendo a matéria, seja regendo a alma humana. É apenas nossa imaturidade intelectual, espiritual e emocional que O fragmenta em dois ou em muitos.

2) A lógica da reencarnação

“Decerto, Elias vem e restabelecerá tudo; mas eu vos digo, **Elias já veio e, em vez de reconhecê-lo, fizeram com ele tudo o que quiseram.**” (Mt 17, 10-12, grifo nosso.)

“Pois bem, eu vos declaro, **Elias veio e fizeram a ele tudo o que queriam, conforme está escrito a seu respeito.**” (Mc 9, 13.)

A Bíblia, de ponta a ponta, é eivada de citações que dão margem a toda sorte de interpretações particulares e peculiares. Contudo, há nela frases que não se submetem, por mais que o desejemos, a subterfúgios mentais, e a idéia atada às palavras não permite mais de uma interpretação. As referências de Jesus a Elias são desta categoria. Inquirido sobre a previsão do retorno de Elias, Jesus afirma categoricamente que a profecia já havia sido cumprida e que a personalidade de Elias havia caminhado novamente entre eles e não fora reconhecida, como o previsto. Todos sabiam que Elias era morto e só haveria uma forma dele voltar, caminhar entre eles e não ser reconhecido: estar em um outro corpo físico que não aquele que tinha enquanto Elias. Não é uma questão de interpretação, é uma questão de lógica que nos leva inexoravelmente para o reconhecimento, por parte do próprio Jesus, da possibilidade de que uma personalidade qualquer, no caso a de Elias, depois de morto o corpo

físico, volta em outro corpo, através do processo da reencarnação, para cumprir um trabalho específico, concluir uma missão ou continuar um aprendizado.

Algumas pessoas poderiam argumentar que se tratava de um profeta excepcional e que, por isto mesmo, poderia até mesmo merecer a exceção de uma reencarnação e que nós, seres cheios de imperfeições, não mereceríamos esta Graça. Contudo, duas considerações põem por terra este argumento. Em primeiro lugar, lembremos que não existe teoria de exceção no Cosmo e que a Lei é Uma para todos. Elias, por mais maravilhoso que tenha sido, era tão filho de Deus como qualquer um de nós e não um ser à parte da Criação. Segundo: que o retorno para a conclusão de algo inacabado é tão indicado para o aprendizado quanto para a realização de missões especiais como a de um profeta. Aliás, somos nós e não aqueles que já estão completamente integrados às Leis Divinas que deixamos para trás a cada encarnação alguma coisa por fazer: enquanto uns deixam de desenvolver o amor aos pais, outros deixam de aprender a amar a Deus e outros podem ainda não aprender a perdoar em setenta ou oitenta anos de uma única vida.

Se acreditamos honestamente que ao 'pastor importa mais a ovelha desgarrada do que aquela que já lhe está no rebanho', temos que acreditar que Deus se interessa tanto pelo transgressor de uma de suas Leis que não lhe imputaria o desterro eterno no inferno porque ele se desgarrou. Antes: envidaria todos os recursos necessários para que ele voltasse para seu rebanho e não se perdesse para sempre. E qual seria o recurso para quem desencarna tomado de ódio? Qual é o recurso para quem morre aos 20 anos de idade consumido pelas drogas, sem ter construído nada de bom para si ou para outrem? Qual é o recurso para quem é tomado de egoísmo e ganância até o último de seus dias? Seria o abandono? Será que o Criador não ama mesmo ao pecador e não se precaveria com medidas que dariam a este pecador outra oportunidade a fim de que ele possa tentar novamente se alinhar às Suas Leis?

Lembremos que as religiões atuais oriundas do cristianismo, e também o islamismo, prevêm algo como um julgamento final. Este julgamento separaria os bons dos maus, dando aos primeiros o direito a algo chamado de Reino de Deus e aos segundos a condenação eterna. No entanto, está também muito claro que este julgamento ou Juízo Final é um momento específico, um espécie de prazo final marcado no calendário cósmico para um evento incomum por sua magnitude e abrangência. Ainda assim, fora de qualquer excepcionalidade, pois estas mesmas religiões afirmam que estamos sendo 'julgados' diuturnamente por nossas ações, o que será levado em conta após o nosso desencarne. E se sairmos do campo religioso e entrarmos estritamente no campo psicanalítico, sabemos que este 'julgamento' diário é levado a efeito pelo que comumente se chama 'voz da consciência' ou, freudianamente falando, superego. Seja como for, contudo, se acreditarmos que a sentença do Juízo final será proferida depois de uma única vida, estaremos contradizendo o amor de Deus e todos os esforços que

Ele faz para nos ter a Seu lado³. E mais: qualquer um de nós poderia sentir-se completamente desanimado em continuar tentando, pois se formos verdadeiramente honestos conosco e olharmos em profundidade para nosso coração iremos encontrar, se não ações, pensamentos e desejos frontalmente contrários a qualquer Lei Divina.

Voltar a viver na matéria, em um outro corpo, seria, desta forma, uma conseqüência lógica do amor de Deus sobre nós, pois isto nos daria outras oportunidades que uma vida única jamais irá nos dar. Contudo, o que é mesmo 'reencarnar'? Todos compreendemos com facilidade o que significa a palavra reencarnação, contudo, o processo por trás desta palavra pode se tingir de dúvidas e confusões se perdemos de vista a simplicidade e agregarmos a ele hipóteses mentais que só nos levam a mistificações. Como dito na apresentação, ao longo de toda história humana a reencarnação foi vivida como uma verdade religiosa e às vezes filosófica, mas cada religião ou filosofia tinha uma 'versão' e uma explicação particular para este processo e, dependendo da época que estudarmos uma mesma cultura podemos encontrar versões diferentes para o mesmo evento. Os Egípcios, por exemplo, em dado momento de sua história, acreditavam que o morto, após o julgamento de Osíris, reencarnaria em seu próprio corpo no Duat e, em outros momentos, que a alma do morto voltaria a este corpo todas as noites; os indianos, e algumas tribos primitivas de hoje, acreditavam que a alma de um ser humano seria transferida, no exato momento da morte, para uma outra forma, seja um animal ou uma árvore ou qualquer outra coisa; algumas religiões ocidentais acreditam, como já foi dito, que a alma ficará em algum lugar esperando o Juízo Final e, depois da separação do joio e do trigo, os eleitos voltarão a habitar o mesmo corpo que tinham antes de morrer.

Nestes três exemplos, vê-se uma distorção comum no entendimento do que seja a reencarnação: a despeito de a alma poder voltar a viver na carne, ela não passaria por um novo processo de gravidez e não adquiriria um corpo humano 'novo'. Para os fins deste trabalho uma pessoa nos perguntou como podemos ter certeza de que ao desencarnar o ser não passa imediatamente para outra forma reencarnada e se a condição de espírito já não é em si mesma uma reencarnação.

Comecemos, desta forma, esclarecendo primeiro que reencarnar significa estar novamente em um corpo de carne, o que descarta a possibilidade de que a condição de espírito tenha qualquer coisa a ver com reencarnar-se em outro plano que não seja físico. O segundo ponto importante a enfatizar é que o objetivo de uma reencarnação é sempre a continuidade, a conclusão e/ou o aprendizado: em síntese, a evolução da mente e do emocional humano da condição de ser ignorante das Leis Divinas para a condição de 'ovelha reintegrada ao rebanho divino'. Se este Universo caminha para frente e para a expansão, não podemos acreditar que haveria uma regressão da forma humana para a forma animal, vegetal ou mesmo mineral, pois isto sim equivaleria a

³ Nossa visão do que seja realmente o Juízo Final será explicada adiante. Por enquanto deixemos em suspenso que nem mesmo o Juízo Final implica no abandono de Deus e um filho transgressor de suas leis.

jogar na lata do lixo qualquer raio de lucidez mental, espiritual e emocional que uma pessoa tenha adquirido ao longo de sua vida.

O último ponto a esclarecer neste tópico é exatamente aquele que mais desperta inquietações: a necessidade de uma outra encarnação, ou seja, a necessidade do nascimento em um outro corpo físico, gerado igualmente por um outro corpo físico durante os nove meses de uma gravidez. Como vimos, o mais comum para as religiões que acreditam em uma nova vida é que esta vida se dará no mesmo corpo de antes, e nada nos parece tão desprovido de senso do que esta crença. Qualquer criança de sétima série sabe explicar que um corpo, depois de morto, passa por um processo de decomposição que o reintegra à cadeia alimentar, ou seja, ele deixa de ser o veículo de um espírito humano ou mesmo de um animal para se transformar em alimento para vermes e moscas e adubo para plantas. E ao longo dos milênios ele pode até se transformar em petróleo! Desta forma, poderíamos supor a dificuldade de um homem encarnado à época de Jesus, cujo corpo não tenha sido mumificado, para reintegrar novamente na mesma forma de antes todas as moléculas e átomos que o compunham há dois mil anos. Se seu corpo virou adubo para uma árvore frutífera, significa que as moléculas que o compunham forma absorvidas pelas raízes e podem ter se transformado em uma fruta qualquer, consumida por um outro homem que, por sua vez, também já é morto e também já pode ter virado adubo. Seguindo nesta brincadeira mental até os dias de hoje, o contemporâneo de Jesus teria provavelmente moléculas a reivindicar até mesmo no corpo de uma mosca!

Voltando a citação do retorno de Elias, compreendemos que é muito mais simples e muito mais 'limpo', proporcionar ao espírito reencarnante uma nova gestação e um corpo novinho em folha. Há ainda outras implicações um pouco menos óbvias para esta nova gestação – o esquecimento da personalidade anterior a fim de que o reencarnado possa começar em bases realmente novas e não simplesmente repetir os erros que cometeu no passado. Suponhamos um homem absolutamente mesquinho que precise aprender a amar ao próximo. Se ele lembrasse de si mesmo exatamente do jeito que era, provavelmente teria as mesmas dificuldades para aprender novas formas de ver a vida que qualquer um de nós tem durante uma única encarnação. Um outro exemplo para ficar mais claro o porquê da necessidade do esquecimento: se alguém aprendeu na infância a reagir com violência a qualquer agressão que sofra, esta pessoa provavelmente terá, na idade adulta, grande dificuldade de aprender a ter calma e paciência diante das adversidades e só irá mudar esta forma de agir depois de um longo e doloroso processo de aprendizado e autocontrole. Mudar um jeito de ser, um hábito nocivo ou um aprendizado da infância não é algo fácil e qualquer um que já tenha tentado pode atestar isto. O esquecimento ao qual somos submetidos quando recebemos um cérebro novinho em folha nos proporciona uma oportunidade ímpar de apagar de nossa memória atual o hábito anterior e tentar fazer tudo diferente desta vez.

Adiante veremos que este esquecimento não é absoluto e que exatamente por não o ser é que precisamos de não uma, mas várias reencarnações, pois a personalidade anterior e seus hábitos e vícios permanecem no inconsciente e pressionam a

personalidade atual para agir 'à moda antiga'. São as 'tendências' que apresentamos muitas vezes ainda no berço e que fazem com que nossos pais se desdobrem em esforços para corrigir 'defeitos' que eles não têm a menor idéia de onde ou quando foram adquiridos. Por enquanto é importante frisar que a reencarnação é um processo que está dentro das Leis de Evolução e Expansão do Universo e que, ainda, atende às necessidades de aprimoramento e aperfeiçoamento da alma humana, dando a esta um outro corpo físico a fim de que tente novamente se reintegrar ao 'Rebanho Divino'.

3) A fé como ferramenta de conhecimento

*"A fé é um modo de possuir desde agora o que se espera, um meio de conhecer realidades que não se vêem. Foi ela que valeu aos ancestrais um bom testemunho. Pela fé nós compreendemos que **os mundos** foram organizados pela palavra de Deus. Segue-se que **o mundo visível** não tem suas origens em aparências." (Hh 11, 1-3.)(Grifo nosso.)*

Um outro ponto que causa confusão àqueles que não estejam familiarizados com os temas referentes à reencarnação, e que mesmo para estes tem resultado em muita mistificação, é o que acontece com o ser entre uma encarnação e outra. A origem de tanto desentendimento é simples: até hoje contamos somente com a fé para podermos compreender exatamente o que acontece além da vida e a fé, principalmente na civilização ocidental, ou é largamente utilizada como recurso para prestidigitações ou é escarnecida como fonte de conhecimento, pois nossa mente cartesiana exige que uma verdade, para alçar a condição de 'verdade', seja testada e provada em laboratórios ou em fórmulas matemáticas complexas e qualquer conhecimento que conte apenas e tão somente com a fé e com a intuição é tido como menor ou mesmo inválido.

Este tipo de escarnecimento nos coloca em conflito íntimo, visto que a despeito de qual seja nossa religião, ainda assim proclamamo-nos cristãos. Para fugir ao confronto desta cisão entre nossa mente e nossa alma, limitamos o exercício e a plenitude da fé aos cultos celebrados algumas horas por semana e/ou acreditamos honestamente que apenas aos apóstolos, contemporâneos de Jesus e a algumas outras poucas pessoas escolhidas desde então, foi dado o privilégio de poderem viver sua fé abertamente e utilizá-la como recurso legítimo para 'conhecer as realidades que não se vêem'.

A verdade, entretanto, está bem longe desta crença que nos faz a todos falsamente deserdados de capacidades espirituais fundamentais para compreender em profundidade estas outras realidades, dar testemunho sobre elas e compreender como **os mundos** foram organizados. Se acreditássemos realmente que somente aos antepassados Deus deu o dom de utilizar a fé como ferramenta de conhecimento, cairíamos novamente na teoria de exceção e nos condenaríamos a voltar à condição de ignorância existente nos séculos que precederam a vinda de Jesus.

Um outro ponto importante que muitas vezes coloca a fé na condição de 'dom menor' diante do ocidental é o fato de que, presas de uma civilização mental, muitos de nós acreditamos que o pleno exercício da fé descarta a possibilidade de continuarmos sendo lógicos e racionais, como se Deus tivesse nos dado dois dons diferentes que brigam e se excluem mutuamente. Isto faria do crente um tolo desprovido de senso, tanto quanto faz do racionalista um cego diante das realidades de sua própria alma. Contudo, quando compreendemos que ser racional não significa termos que perder nossa condição de filhos de Deus e que manter esta identidade por uma fé inabalável não nos torna estúpidos irracionais, vítimas de toda sorte de mistificações, nos colocamos em condição de verdadeiramente conhecer o que vemos e o que 'não-vemos'.

Feitas estas considerações que exortam a qualquer um de nós a utilizar os Dons que Deus nos deu para irmos além do fisicamente tangível, comecemos chamando a atenção para o fato de que em sua exortação aos Hebreus, o apóstolo fala da organização dos 'mundos', deixando claro que ele reconhecia e compreendia que existia pelo menos mais de um mundo, e, em seguida, ressaltava a existência dentre estes mundos de um único mundo visível, cujas origens não se encontram nas aparências, mas em algo que está além do visível e palpável.

A primeira conseqüência lógica destas afirmações é de que há um universo visível e pelo menos mais um universo, agora 'invisível' (a física moderna, depois de formulada a Teoria das Cordas, fala em mais de um universo 'invisível para nós', quantificando-os em dez ou onze e chamando a todo conjunto de 'pluriverso'). Este outro universo, obviamente, tem suas próprias leis, das quais o mundo físico é conseqüência, e participa da Criação como o nosso, o que nos leva à outra conclusão igualmente lógica: não é algo à parte para nós, inacessível, e não é algo que esteja além da nossa realidade espiritual. Antes disto, é a fonte, a origem de tudo o que está visível para nós e de toda a matéria, uma espécie de matriz na qual as coisas se organizam e se criam antes de serem materializadas por aqui.

E se isto é válido para o que existe em termos físicos, também o é para o que existe em termos de psique e mente humana. Em sendo a fonte, é também o destino de toda alma. É o 'lugar' para o qual voltamos entre uma encarnação e outra, e compreender o que se passa nos períodos em que estamos fora da matéria nos coloca em condições de compreender o que acontece conosco enquanto estamos na matéria, pois é lá que organizamos e decidimos o que iremos fazer ou viver por aqui.

Sendo 'fonte' do mundo físico, obviamente o mundo não-físico mais próximo de nossa realidade mental e espiritual, que chamaremos a partir de agora de mundo espiritual⁴, não pode ser algo que guarde uma grande diferença do nosso mundo. Ele é a fonte e

⁴ No livro "Fundamentos de Psicanálise Reencarnacionista", também de nossa autoria e igualmente distribuído neste site, distinguimos e diferenciamos os termos alma e espírito e apenas no presente trabalho, graças a sua peculiaridade de ser direcionado a leigos, estaremos usando indiscriminadamente a ambos para descrever a essência humana que está além da matéria física.

isto o coloca na condição de possuir sim leis e organização um pouco diferentes, maiores e mais abrangentes que as nossas, que o permitem plasmar esta realidade tangível, mas não existe possibilidade de que ele seja algo que guarde uma grande solução de continuidade com o que vimos a nosso redor. O mundo ou universo para o qual o ser humano desencarnado retorna ao abandonar o corpo físico não é um universo fantástico de conto-de-fadas e, a despeito de poder ser dividido em 'mundos' (como atesta a física moderna), e por isto mesmo aventar a possibilidade da existência de universos bastante diferentes do nosso, aquele para o qual retornamos entre uma vida e outra não guarda grande disparidade com este graças à sua condição de matriz.

Para sabermos o que acontece neste mundo espiritual, a primeira coisa que devemos ter em mente é que para desvelar o que ali se sucede podemos utilizar a realidade que nos cerca como pálido espelho, como se observando o boneco de gesso pudéssemos ter uma idéia do molde que o compôs. Nosso foco, para os fins deste trabalho, é o foco da psique humana e, obviamente, é ela que utilizaremos como pista para buscar a matriz.

4) Compreendendo os mundos

“Pois onde estiver o teu tesouro, ali também estará o teu coração.” (MT, 6, 21.)

Quando alguém está diante de um problema grave, por exemplo uma depressão profunda, pode olhar para uma paisagem ensolarada e não se sentir tocado por uma única cor, pois para esta pessoa é como se o mundo a seu redor se tornasse algo cinza e sem vida. Da mesma forma, quando se encontra no meio de uma crise emocional, pode olhar por esta mesma paisagem e sentir que seu mundo está inundado por uma tempestade. Passada a depressão ou a crise emocional, a paisagem volta a ser o que sempre foi em termos físicos, mas sofre uma modificação significativa para o observador, uma vez que suas perturbações anteriores deixam de ser um filtro negativo que distorcem sua percepção. Da mesma forma, a percepção da paisagem e do mundo físico pode ainda ser alterada pelo sentimento de amor por uma pessoa 'especial' e qualquer um de nós sabe o que significa 'ver o mundo cor-de-rosa' quando se está apaixonado, ainda que lá fora caia uma chuva torrencial!

Disto concluímos que o estado emocional de uma pessoa é responsável pela maneira como ele percebe a realidade e, mesmo que a paisagem pela janela não sofra qualquer alteração de acordo com as variações deste estado emocional, no mundo espiritual, mais plástico que o físico, este estado é o diferencial para a construção de uma realidade exterior. Frisemos que a qualidade de 'ser plástico', atribuída ao mundo espiritual, é uma consequência do fato de que somente se lhe admitirmos esta plasticidade é que poderemos vermo-nos como capazes de modificar por um ato de

vontade a estrutura de nosso corpo. Dito de outra forma: ainda que o estado emocional de uma pessoa modifique somente sua percepção da paisagem, e não a paisagem em si, este mesmo estado emocional é capaz de gerar ou curar doenças em um corpo físico - que é, de toda sorte, completamente material.

Pesquisas em neurociência, realizadas com monges budistas e freiras, demonstram que durante uma prece profunda ou um ato de contrição religiosa, os neurônios destes religiosos sofrem uma modificação visível durante o escaneamento cerebral e estas pesquisas modernas estão atestando e compreendendo em maior profundidade o que acontece, por exemplo, no fenômeno conhecido como 'placebo', no qual uma pessoa recebe um falso medicamento absolutamente inócuo, ou até mesmo sofre uma falsa cirurgia, e apresenta a seguir a remissão de seus sintomas, se não a cura completa de suas doenças. Repetindo apenas para frisar: o que acreditamos, o que vai em nossa mente e em nosso coração, cria uma realidade psíquica tão potente que é capaz de modificar até mesmo a estrutura de nosso corpo físico.

Uma segunda consideração que irá nos levar adiante na compreensão do que se dá entre encarnações diz respeito a uma constatação da física moderna: dentre as teorias originárias da Teoria das Cordas, há uma que atesta que a única força que permeia e 'vaza' de um universo para outro é a força gravitacional. Dois raciocínios conseqüentes se originam desta constatação: primeiro que os universos não 'físicos', para fazerem justiça a mesma força gravitacional, possuem um tipo especial de 'matéria' que tem forma, dimensão e densidade. Segundo: se a gravidade é uma força que atua somente sobre coisas que possuam densidade e, ainda, que atua sobre elas de forma diferente, conforme tiverem diferentes densidades, ainda que invisíveis, estes universos possuem uma estrutura composta por 'coisas' que, como dito, têm forma, tamanho, dimensão e peso próprios.

Um terceiro ponto é que se um ato de fé ou de vontade é capaz de criar para nosso corpo uma realidade diferente da que tinha antes deste ato, e se esta realidade foi inicialmente concebida apenas em nossa mente e posteriormente materializada e, ainda, se o mundo espiritual é a matriz para a realidade física, então a fé e/ou a vontade são igualmente forças capazes de, neste mundo espiritual, criar largamente o que se deseja. E mais: o que quer que se crie, se adquirir densidade suficiente, é atraído para na nossa realidade corporal, donde se conclui que pensamentos e sentimentos, a despeito de serem 'intangíveis' para nós, têm neste outro mundo uma – com o perdão da palavra – concretude. É como se eles adquirissem uma carga magnética que nos faz ser atraídos neste mundo para a área ou zona que melhor se afinizem a eles – quanto mais negativos, mais densos eles se tornam; quanto mais positivos, mais leves.

Feitas estas considerações iniciais, passemos para a descrição do que ocorre a uma pessoa após de seu desencarne. Suponhamos alguém que esteja, ao longo dos anos que precedem a morte física, atormentado por um processo de depressão. Neste estado, como já dito, a pessoa tem uma realidade mental 'cinza' e popularmente dizemos que esta pessoa está emocionalmente 'pesada'. Lembremos uma vez mais que

o estado emocional de uma pessoa não é algo que em vida ela consiga modificar de um segundo para o outro – a menos que este processo de modificação seja fruto de um insight conseguido após anos e anos de reflexão.

Desta forma, a psique de uma pessoa que desencarna não sofrerá salto evolutivo, continuando a ser exatamente do jeito que era antes da morte do corpo, o que equivale dizer que a morte não é um milagre ou uma ‘varinha de condão’ que a fará transformar-se em um ser leve e alegre instantaneamente. Contudo, uma primeira diferença aparece entre os dois mundos neste momento: se no mundo físico a mente atrai a realidade emocional/mental para modificar a realidade corporal, no mundo espiritual o corpo espiritual é a traído para a realidade emocional/mental criada. Assim, a pessoa que desencarna após anos de depressão será atraída por força da gravidade para uma paisagem cinza, lúgubre e desprovida de alegria. Não é uma questão de castigo ou condenação eterna: é uma simples questão de força gravitacional. Ali ela irá encontrar e interagir com aqueles que, assim como ela, também estejam gravitacionalmente presos ao mesmo cenário. E isto é válido para a depressão e para todo e qualquer estado mental/emocional.

Suponhamos, agora, uma outra pessoa que, a despeito de ter desencarnado em um processo depressivo, foi até pouco antes de sua morte na matéria, alguém otimista e alegre. Comparando a mente do nosso primeiro desencarnado em relação a este de agora, percebemos no segundo um acúmulo bem menor de pensamentos e sentimentos negativos, visto que o otimismo anterior à depressão era um estado costumeiro. Esta pessoa terá em seu campo mental/emocional uma quantidade maior de pensamentos leves e alegres que acabarão fazendo-a ser atraída para um cenário infinitamente mais ameno que o da primeira.

Acima dissemos que o nosso depressivo, pessimista contumaz, irá encontrar e interagir com aqueles que lhe são afins. Algumas pessoas poderiam questionar se cada um de nós não cria para si mesmo um mundo espiritual à parte e permanece sozinho em sofrimento ou idílio até a próxima encarnação. A estas respondemos que a despeito de a física moderna admitir pluriversos, eles não passam de onze e, ainda, para ser matriz do mundo físico, o mundo espiritual mais próximo de nós guarda uma coerência interna que exclui a possibilidade de que cada ser humano tenha um universo próprio, construído de acordo ao que lhe vai na mente. O que acontece é que este mundo espiritual é composto por faixas, zonas ou, se preferirem, planetas, cenários e paisagens tão diversos quanto o nosso universo físico e para elas seremos atraídos conforme nossa identidade, identificação ou afinidade mental/emocional com este ou aquele cenário.

Desta forma, ao desencarnarmos encontraremos aqueles que já nos precederam e que ainda não reencarnaram. Mas não necessariamente encontraremos as pessoas com as quais mantivemos laços na matéria, quaisquer que sejam estes laços, pois elas podem ter um estado mental/emocional bem diverso do nosso e serão igualmente atraídas para o cenário que melhor lhes convém. Na matéria podemos até conviver por anos com uma pessoa cujo estado mental/emocional é absolutamente antagônico ao nosso,

mas depois de desencarnarmos cada um de nós irá conviver somente com aqueles que verdadeiramente lhe são afins.

Há, contudo, duas variações a esta regra que poderiam parecer ao observador menos atento uma exceção. O primeiro é caso de pessoas que tendo um estado mental/emocional leve, que as daria direito de estar em cenários amenos, convivem em cenários pesados. Ao contrário do que possa parecer, estas pessoas não estão contradizendo a força gravitacional que as levaria para longe de ambientes lúgubres e se assim o fazem é pelo livre exercício de sua vontade, vontade esta que, já o vimos, é uma força de atração extremamente potente. Seja por amor e dedicação a uma pessoa específica, seja por um amor livre ao próximo, aqueles que têm o coração leve podem acabar sendo sim encontrados ombreando lado a lado com pessoas negativas, pessimistas ou mesmo cruéis. No mundo espiritual estas pessoas são chamadas muitas vezes de socorristas, guias ou missionários e em nada diferem dos religiosos ou pessoas caridosas de nosso planeta que saem de seus ambientes limpos e organizados para prestar serviço voluntário em um hospital público mal higienizado. Também poderiam ser comparados às mães e pais que abandonam o aconchego de seu lar para entrar em becos e bares imundos na tentativa de resgatar o filho amado dos braços do alcoolismo ou das drogas.

A outra variação a esta regra de atração, e que também está longe de ser uma exceção, é exatamente aquela que mais gera controvérsias fora dos meios espíritas ou espiritualistas: a possibilidade de um espírito desencarnado permanecer no ambiente familiar que possuía antes de desencarnar. Para explicar esta possibilidade, voltemos um pouco à física moderna. Segundo esta, cada um dos onze universos é separado do outro por uma medida infinitamente menor que a dimensão de um cabelo humano. Isto equivale dizer que estes universos 'quase' se sobrepõem uns aos outros. Assim, o mundo espiritual, a despeito de ser invisível para nós, na qualidade de matriz do mundo físico, adquire a propriedade de ser o universo mais próximo de nós, separado da matéria por uma fração de milímetro. A qualidade de matriz também faz com que tenhamos que excluir dele a miopia que o faz invisível para nós, ou seja, ainda que nossos olhos físicos⁵ não possam ver o que se passa no mundo espiritual, o olho espiritual é capaz de ver o que acontece tanto no mundo físico quanto no espiritual.

Voltando à questão de permanência do espírito no seu ambiente familiar, ela é igualmente uma questão de afinidade e força de vontade. Frisemos uma vez mais que a vontade é, no mundo espiritual, uma espécie de força gravitacional que nos atrai para aquilo que desejamos com suficiente intensidade. Se, ao desencarnar, a pessoa é dotada de uma vontade poderosa o suficiente para fazê-la ser atraída ao local ou à convivência daqueles ao qual se afinizou ainda em vida (por amor ou ódio), é exatamente para ali que será levada pela gravidade espiritual. Observemos que isto

⁵ Neste ponto é preciso esclarecer que aquilo que os espíritas chamam de vidência é um processo mental/espiritual, ou seja, os olhos do espírito encarnado se abrem para o mundo espiritual e ele constrói uma imagem mental do que seu espírito vê. A qualidade desta imagem e a exatidão deste processo serão explicados mais à frente.

exclui as pessoas de vontade fraca e, igualmente, aquele que a despeito de amar seus familiares, é suficientemente abnegado e dotado de fé para deixar estes seres amados seguirem sua vida e seguir, por sua vez, o rumo que lhe é destinado.

Uma outra forma de fazer um desencarnado permanecer em seu ambiente familiar acontece quando um ou todos os seus familiares têm uma vontade e um apego suficientemente fortes para atrair o espírito desencarnado para seu lado. Em ambos os casos, apenas a intervenção amorosa e abnegada dos socorristas ou guias poderá amenizar ou mesmo romper o laço que ata o desencarnado ao espírito ou espíritos que ficaram na matéria. Ressaltemos ainda que este laço de atração pode se dar não somente entre espíritos que estejam afinizados, mas também entre um desencarnado e as coisas, objetos e bens materiais aos quais se apegou fortemente enquanto encarnado. Isto fará com que a despeito de estar agora em um universo por assim dizer 'paralelo', ele permaneça vivendo e transitando na proximidade dos seus 'tesouros'. E impedido de agir e interagir livremente na matéria por não dispor mais de um corpo físico, será tomado de grande angústia e sofrimento até compreender, por vontade própria, a necessidade de se desapegar ou, então, até que um espírito abnegado venha em seu socorro e o esclareça desta necessidade.

Uma terceira possibilidade que acabará fazendo que ele seja arrancado à força deste ambiente é a intervenção de alguém que tenha uma vontade mais forte que a dele e que, pelo uso desta vontade, vede a entrada dele ao ambiente familiar e ele, então, será finalmente levado a outro ambiente de acordo com sua densidade mental/espiritual. Dito isto, podemos concluir que a advertência de Jesus para que não nos apeguemos aos tesouros da matéria tem um sentido muito mais prático e espiritual do que meramente nos exortar a todos à prática da caridade e/ou da pobreza.

5) Por que reencarnar

*“Põe-te logo de acordo com teu adversário, **enquanto estás ainda a caminho com ele**; não aconteça que esse adversário te entregue ao juiz, e o juiz, ao policial, e sejas lançado na cadeia. Em verdade, eu te digo: de lá não sairás enquanto não tiveres pago o último tostão.” (Mt 5, 25-26). “Assim, quando fores com o teu adversário perante o magistrado, procura entrar em acordo com ele em caminho, para que ele não te arraste perante o juiz, o juiz não te entregue ao executor, e o executor não te jogue na prisão. **Eu te digo: de lá não sairás enquanto não tiveres pago até o último centavo.**” (LC 12, 58-59) (Grifo nosso.)*

Comparado à plasticidade do mundo espiritual, o mundo físico é com legitimidade chamado de prisão. Enquanto no primeiro, a vontade forte de uma pessoa é suficiente para que ela modifique imediatamente não somente a estrutura de seu corpo espiritual, mas também esteja no cenário que melhor se afiniza a sua qualidade

mental/emocional, no segundo até mesmo a vontade mais forte é insuficiente para, por exemplo, reconstruir um corpo mutilado ou sair do cenário conflituoso no qual nos encontramos ao passar por uma verdadeira modificação de nosso estado emocional. Assim, na matéria, até mesmo a fé e a vontade, consideradas por nós as forças mais poderosas de quaisquer universos, sofrem uma redução de seu poder ao se submeterem às leis que regem esta matéria. Ainda que possamos operar milagres em nosso corpo, muitas das vezes temos que alimentar a idéia de transformação e a fé nesta transformação por um longo período de tempo antes de conseguirmos operar uma modificação. Outras tantas, precisamos de um elemento 'catalisador' para esta mudança, seja ele a oração de um homem santo, seja uma falsa cirurgia ou um medicamento 'inócuo'.

Desta forma, para o ser humano cuja matriz é espiritual, e por isto mesmo acostumada ao mundo espiritual, o ser obrigado a permanecer em um corpo deficiente ou em um planeta cuja Natureza é imprevisível e a sociedade absolutamente confusa equivale estar em uma das piores prisões, pois todos os seus movimentos e todo o seu querer estão limitados. Como um prisioneiro de qualquer penitenciária do planeta, estas limitações serão concernentes à dimensão de nosso crime e à nossa conduta prévia e presente. Mas nem mesmo o preso mais bem tratado deixa de sonhar com o dia em que terá de volta sua liberdade.

Não estamos aqui depreciando ou desqualificando a vida na matéria e muito menos endossando a conduta depressiva de muitas pessoas que não valorizam a vida física pensando somente no porvir. Deus não criaria um Universo deste tamanho à toa e, obviamente, a matéria tem uma função nobre no processo evolutivo humano e somente o reconhecimento de ser uma das obras de Deus deveria bastar para que nós a respeitássemos e valorizássemos cada minuto aqui passado. Estamos apenas reforçando a sua qualidade de estágio inicial e temporário no desenvolvimento de uma psique e enfatizando que no planeta Terra, especificamente, a brutalidade social e o descontrole da Natureza fazem-no equivaler-se muito mais a uma prisão do que a um paraíso. E é a esta prisão que seremos obrigados a voltar após o 'julgamento do juiz que nos entregará ao executor'.

Qualquer um de nós sabe que existem duas maneiras diferentes para que nossa mente fique fortemente ligada a uma pessoa: o amor e o ódio. Tratemos especificamente deste último caso. Quando sentimos muita raiva de alguém ou chegamos às raias do ódio e da ira, não conseguimos pensar em outra coisa e, muitas das vezes, sequer conseguimos fazer qualquer outra coisa. Nossa mente arquiteta infinitas vezes um plano de vingança, uma forma de fazer com que este outro 'pague' pelo que nos fez e/ou sinta a dor que nos fez sentir. Mesmo que não realizemos fisicamente absolutamente nada que venha a ferir ou magoar esta pessoa, atamo-nos a ela de uma maneira que, não raras as vezes, faz a nós e não a ela o verdadeiro prisioneiro de uma situação. No mundo espiritual, este ódio equivale a um laço, uma corda que firmemente nos ata não somente à pessoa em questão, mas a situação em si mesma e ao estado de desequilíbrio emocional ao qual somos levados pela ira e, ao

desencarnarmos, estes laços serão como ‘pesos’ ou limalhas a nos imantar à pessoa e à situação dolorosa.

Em termos práticos, fica evidente que esta imantação tem o caráter de uma prorrogação indefinida do sofrimento, da dor e da angústia vividas no momento em que fomos ‘ofendidos’. Proponhamos um exemplo para clarificar o que se entende por ‘prorrogação’. Suponhamos uma mulher que se apaixone por um homem e se coloque disponível para ele. Suponhamos ainda que este homem, numa miopia bastante humana, considere esta disponibilidade da mulher não como um convite ao amor e à paixão, mas como um simples sinal para se aproximar fisicamente e, mesmo não tendo por ela nenhum sentimento, entregar-se por um tempo ao prazer físico. Em questão de dias ou meses o desejo e a curiosidade sobre uma mulher tão disponível podem se exaurir e ele, que em momento algum esteve apaixonado por ela, voluntariamente se afasta. Do ponto de vista dele não lhe parece um equívoco desfrutar somente de sexo uma vez que ela demonstra estar feliz com este contato. Contudo, do ponto de vista dela, que está apaixonada por ele, o contato meramente sexual não irá preencher suas expectativas e, muitas das vezes, ela irá permitir que ele assim se comporte *alimentando secretamente a esperança de que ao lhe dar o máximo de prazer e atenção ela acabará finalmente fazendo-o apaixonar-se*. Findo o caso, esta esperança que a levou a voluntariamente violentar não somente sua natureza, mas também seus sentimentos, poderá se converter em raiva e ódio, uma vez que ele efetivamente desconsiderou os sentimentos dela e aproveitou-se de sua disponibilidade física.

Os leitores masculinos deste nosso exemplo poderiam argumentar em favor de seu par dizendo que ele em momento algum prometeu amor ou paixão. Contudo, até mesmo nas Leis humanas, existe a possibilidade de condenação por um crime que não se quis cometer, mas que o foi por imperícia ou imprudência. E se isto é válido no limitado universo físico, o é mais ainda no universo espiritual e o homem do exemplo acima ganhou uma inimiga de peso, visto que as mulheres que se sentem desprezadas costumam ser os espíritos que engendram as maiores crueldades e podem destruir emocionalmente um homem. Ao retornar ao mundo espiritual e ser confrontado com seus atos, ele deverá perceber que a ignorância que o levou a desconsiderar os sentimentos e as necessidades de outra pessoa o coloca ainda em um estágio evolutivo primário. Desta forma, terá dois bons motivos para retornar à matéria em uma outra encarnação: a necessidade de apaziguar a alma e se reconciliar com a mulher que no passado desprezou; e a necessidade evolutiva de aprender a agir diante de uma mulher apaixonada atentando não somente para suas necessidades físicas, mas também emocionais. Ele deverá, neste caso, desenvolver uma sensibilidade aos sentimentos do próximo que o permitirá no futuro refrear até mesmo seus próprios instintos quando perceber que a intenção do outro está em um patamar emocional diferente daquilo que ele mesmo deseja.

Neste exemplo bastante banal podemos ver em profundidade a nobreza e a validade de um processo de reencarnação, pois é graças a ele que teremos infinitas oportunidades para aprimorar nossa consciência e nosso campo mental/emocional e, igualmente, nos reconciliarmos com nossos processos conscienciais e com tantos

inimigos ou desafetos que tenhamos adquirido voluntária ou involuntariamente ao longo de nossas vidas. Ao enfatizar a necessidade da reconciliação, os evangelistas dão a este processo o peso evolutivo que lhe cabe, pois ela só é verdadeiramente possível quando o ofensor adquire maturidade emocional e espiritual suficiente para compreender a parte que lhe cabe na aquisição de um inimigo. Em nosso trabalho clínico, enfatizamos que qualquer relacionamento, por mais fortuito que seja, é de responsabilidade individual limitada a 50%. Desta forma, apenas metade da responsabilidade pelo desastre romântico acima descrito é de responsabilidade do rapaz, mas este percentual é suficiente para que ele tenha que engendrar a reconciliação. Os outros 50% cabem à moça que, a despeito de ter adquirido temporariamente o direito de livre acesso ao jovem, pois os laços que os ligaram foram atados por ambos voluntariamente, também será confrontada em algum momento com sua própria imaturidade emocional e espiritual e a conseqüente necessidade de voltar à matéria para, dentre outras coisas, aprender a respeitar seus próprios sentimentos e a não tentar manipular os sentimentos de um homem usando seu corpo como instrumento de sedução. Deverá também aprender a perdoar e a dar a um ser amado o direito de caminhar em uma direção oposta à sua, sem tentar atá-lo a si mesma.

Melhor seria que estes dois ex-amantes realizassem este aprendizado e esta reconciliação fraterna, que não pressupõe uma ligação conjugal, ainda durante a mesma encarnação enquanto o cérebro do qual dispõem tem na memória tudo o que fizeram e/ou deixaram de fazer. Quando passarem para uma próxima encarnação, esta memória será lançada ao inconsciente futuro e, na grande maioria das vezes, eles irão agir e receber as ações do outro sem a menor consciência de por que o fazem. O entendimento e o aprendizado se tornam mais complicados sem serem, contudo, impossíveis. Algumas vezes, no entanto, para que se reconciliem é necessário exatamente o esquecimento que fará com que ambos se aproximem um do outro temporariamente desarmados de seu ódio, mágoas e/ou rancor. Somente com este 'desarmamento' ambos terão verdadeiramente a oportunidade de fazerem desta vez tudo diferente do que fizeram na outra vida.

Existe ainda a possibilidade de que um dos dois insista em não apreender as lições que lhe cabem e não assuma efetivamente os seus 50% de responsabilidade. Neste caso, alguns poderiam supor que enquanto a parte ofendida estivesse presa de ódio e emocionalmente desequilibrada, ou seja, enquanto não houvesse verdadeira reconciliação, seria permitido a esta parte continuar indefinidamente cobrando e cobrando do ofensor. Nada mais longe da verdade, pois está claro que no processo de cobrança e reconciliação está prevista uma figura de Justiça, o que equivale dizer que há um limite para esta cobrança e este limite é descrito na parábola pelos tostões ou centavos. Não está escrito ali que a cobrança incluirá 'juros e correção monetária', livremente arbitrados pelo ofendido, mas que o devedor pagará sim até o último centavo *justo*.

E este é o motivo pelo qual afirmamos que a Justiça, neste caso, é muito menos uma questão de 'reparação do erro', do que um caso de aprendizado e ampliação da consciência. Sendo assim, quando um dos dois alcançar o estágio evolutivo necessário

para passar à próxima etapa de sua evolução, ainda que o outro permaneça preso de sua ignorância e/ou renitente em seus erros, o primeiro não será obrigado pelas Leis Divinas a permanecer atado a esta pessoa. E se por ventura decidir permanecer no seu raio de ação vingativo o fará agora por livre vontade e não por resgate de dívidas ou necessidade de aprendizado, mas por desejar de coração seguir o que também é dito no Evangelho: “Se alguém te força a andar mil passos, anda com ele dois mil”. (Mt 5, 41)

E quando ocorre que seja o ofensor a não aprender as lições que lhe cabem e ficar para trás no processo evolutivo, a Justiça Divina também não o deixará desamparado em sua necessidade de aprendizado: colocará em seu caminho uma terceira pessoa com um tipo psicológico e um comportamento similares aos da primeira jovem a fim de que ele tenha tantas oportunidades de colocar-se à prova quantas forem necessárias. Obviamente quanto maior a quantidade de pessoas envolvidas neste drama, maior a quantidade de laços que ele formará e se, como é comum acontecer, ele repetir muitas vezes a mesma conduta irresponsável do passado, acabará tendo diante de si uma quantidade considerável de pessoas às quais deverá reparar seus erros.

Tendo em mente que a reparação é para ambos, ou seja, que não é uma simples questão de repetir novamente a cena original, mas aprender algo com ela e *fazer diferente*, podemos agora colocar este processo pelo nome que é mais conhecido tanto no Ocidente quanto no Oriente: Karma. Contudo, a primeira coisa que fica claro para qualquer estudioso é que esta palavra adquiriu um caráter distorcido e para a maior parte das pessoas ‘karma’ significa simplesmente ‘sofrer as conseqüências do que se fez no passado’. É isto, mas não é somente isto, visto que não tem o caráter de ‘passividade’ que o ocidental mediano lhe atribui e não basta apenas sentar e chorar enquanto se sofre as conseqüências dolorosas do passado. É preciso *fazer algo diferente* e a atitude diante do Karma deve ser uma atitude *ativa*.

Karma significa, no sentido original da palavra, ‘colheita’, mas pressupõe uma profunda modificação de conduta, ou seja, pressupõe que aquele que esteja submetido a esta colheita faça desta vez o que deveria ter feito de certo no passado. Isto põe a Lei do Karma em estreita relação com outra Lei, conhecida no Oriente por Dharma⁶. Por enquanto, diremos apenas que, numa redução simplista, que Dharma significa fazer a parte que lhe cabe na Criação. No caso do rapaz de nosso exemplo, o Dharma lhe imputa desenvolver uma profunda responsabilidade por seus atos e uma atitude de compaixão pelos sentimentos de outra pessoa. Ele precisa aprender a *viver* a primeira parte do segundo Mandamento – ‘amar ao próximo como a si mesmo’ – e agir de acordo com este amor. Note-se que isto não implica que na cena original ele deva casar-se com a jovem apaixonada, mas se estivesse inteiramente cômico deste Mandamento, ainda que ela estivesse se colocando irresponsavelmente disponível para

⁶ No livro “Fundamentos de Psicanálise Reencarnacionista”, também de nossa autoria e igualmente distribuído neste site, estas Leis são abordadas de maneira mais detalhada e profunda.

ele, não teria se aproveitado da imaturidade espiritual dela e não teria se deixado levar por seus próprios instintos.

Assim, enquanto ele não aprender a se alinhar com as Leis Fundamentais do Dharma, descritas no Evangelho, que coordenam e direcionam não somente o funcionamento coordenado do Cosmo, mas também todo processo de evolução social da consciência humana, não estará livre de seu Karma e precisará reencarnar e reencarnar inúmeras vezes. Pelo exposto, não é uma simples questão de restituir ao outro a paz de espírito roubada, mas alçar um novo patamar de consciência.

Abordemos agora uma outra característica peculiar do processo de reencarnação: por maior que sejam os erros cometidos no passado e por maior que seja a quantidade de pessoas às quais um espírito imaturo deva reerguer – por ter participado da queda – a colheita que lhe será imposta a cada encarnação está em conformidade com sua capacidade de fazer frente a ela. Suponhamos que nosso jovem do exemplo acima tenha ferido emocionalmente não uma, mas sete ou oito mulheres na mesma encarnação e que estas, igualmente presas de sua própria imaturidade espiritual e imantadas pelo ódio e pelo rancor, decidiram-se pela vingança. Não será excesso repetir uma vez mais que todo este processo, ainda que do ponto de vista das mulheres seja ‘mera vingança’, do ponto de vista espiritual tem o caráter de recursos para a evolução da consciência e que há uma figura de Justiça coordenando o todo destas relações. Se todas as mulheres forem autorizadas a perpetrar cada uma sua vingança ao mesmo tempo, é pouco provável que o nosso jovem, ainda em um estágio inicial de despertar da consciência, consiga fazer frente às dores que sofrerá e realizar, assim, a justa reparação e ampliação dos limites e potencialidades desta mesma consciência.

A Justiça Divina irá, assim, graduar o pagamento das dívidas conforme a capacidade de pagamento do devedor. É fácil compreendermos isto quanto fazemos um paralelo com a justiça terrena: diante de um devedor falido e vários credores ansiosos por receber o dinheiro devido, o juiz irá priorizar qual destes credores receberá o que lhe cabe em primeiro lugar, qual receberá em segundo e assim por diante. E mais, o pagamento será de conformidade com a capacidade do devedor em resgatar suas dívidas e não de acordo com a vontade ou mesmo necessidade do credor. “Assim na Terra como no Céu”, e se a justiça humana tem sabedoria suficiente para saber que não adianta imputar um resgate maior a quem tem poucos recursos para pagar uma dívida, a Justiça Divina, mais sábia e superior, não o fará diferente. Isto explica o porquê de termos não uma, mas várias encarnações, pois enquanto não pagarmos até o último centavo a nossos credores não só não nos sentiremos deles desobrigados, como também o fato de não termos nem mesmo tentado restituir a cada um em sua própria caminhada espiritual significa que não evoluímos ainda o suficiente para alçarmos vôos mais altos na Criação.

Ter Karma a resgatar significa, desta forma, ter lições a aprender e, assim, na eventualidade de o credor desistir de cobrar ao devedor, este gesto de desprendimento do primeiro não faz com que a consciência do segundo esteja livre da necessidade de

aprendizado. E para que este aprendizado se realize a Justiça Divina conta com o recurso de juntar na matéria pessoas que, a despeito de não terem um comprometimento comum no passado, têm uma sintonia de idéias, pensamentos e necessidades evolutivas que fará com que sirvam de instrumentos de resgate mútuo. O equivalente a isto na justiça terrena é a figura do resgate através da prestação de serviço à comunidade e não somente ao ofendido em particular.

Lembremos que os laços que atam um devedor a um cobrador podem se romper não somente quando o credor evolui, mas também quando o devedor evolui. E que esta evolução pode se dar em um mesmo momento, ou se dar em momentos siderais diferentes, fazendo com que o devedor possa sair do raio de atuação do credor, ainda que este continue renitente em sua ignorância espiritual. Isto equivale dizer que quando a Justiça (tanto Divina, quanto terrena) considera que alguém pagou o que lhe é devido, ainda que credor permaneça na disposição de cobrar 'juros e correção monetária', não lhe será permitido continuar cobrando.

Enfatizemos agora que sentir-se na disposição de cobrança equivale, em termos evolutivos, estar ainda em um estágio de imaturidade espiritual e, igualmente, necessitar aprender uma outra Lei Divina, que é a Lei do Perdão às Ofensas. Desta forma, como dito, o Karma conta com a possibilidade de colocar lado a lado pessoas que não tenham exatamente um evento comum a resgatar, mas que tenham uma necessidade evolutiva comum que as fará serem instrumentos de crescimento espiritual recíproco, cada uma na sua especificidade de aprendizado. Ou seja: enquanto o rapaz de nosso exemplo precisar aprender a amar e respeitar o próximo como a si mesmo, e a abrir mão de seus instintos quando este amor não for suficiente para uma convivência íntima, irá encontrar em suas encarnações mulheres que precisem aprender a perdoar e a abrir mão da convivência e do contato íntimo, mesmo com aqueles a quem amam, quando perceberem que não têm afinidades recíprocas.

Isto amplia profundamente o que o Ocidente entende como Karma e coloca as relações e vivências humanas, principalmente as dolorosas, em uma perspectiva muito mais ativa do que passiva. Karma não é, desta forma, uma mera questão de sofrer humildemente as conseqüências do que se fez no passado, mas ter humildade suficiente para reconhecer a ignorância espiritual do passado e aprender hoje o que se deveria aprender, atuando sobre os eventos e sobre as relações de forma positiva. Não é simplesmente o ato de 'pagar' que nos garantirá a liberdade para não sermos novamente jogados na prisão da matéria, mas fundamentalmente aprender a não contrair dívidas.

6) Os Senhores do Karma

“Desgraçado do mundo que causa tantas quedas! Decerto, é necessário que haja escândalos, mas aí do homem por quem acontece a queda! Se tua mão ou o teu pé te levam à queda, corta-os e lança-os longe de ti; mais vale para ti entrar na vida maneta ou coxo do que ser lançado com ambas as mãos ou ambos os pés no fogo eterno!” (MT 18, 7-8) “Pois cada um será salgado no fogo. Coisa boa é o sal. Mas se o sal perde a força, com que lha restituireis?” (MC 9, 49,50) “Guardai-vos de desprezar algum desses pequeninos, pois eu vos digo, nos céus os seus anjos se mantêm sem cessar na presença do meu Pai que está nos céus. (MT 18, 10)

Exploremos agora uma figura tantas vezes citada: a figura da Justiça, referidas na parábola como Juiz e Executores ou Policial. Começemos comentando aos versículos acima: quando Jesus compara aqueles a quem se destina o Reino dos Céus às crianças ele o faz muito menos por serem elas ‘puras’, mas porque têm uma disponibilidade interior para crer e para seguir aquilo no qual crêem. Os ‘pequeninos’ são simples de coração e, principalmente, não possuem a sofisticação mental e atenção às ‘regras sociais’ de um homem adulto. Mais à frente, em ele nos exorta a sermos como elas, o que significa dizer que nos exorta a abrimos mão tanto de nosso ‘verniz social’, quanto das idéias, conceitos, preconceitos e traumas que tolhem a nossa espontaneidade e nossa confiança em Deus.

Contudo, o próprio Jesus reconhece que as pessoas que sejam tão simples são exatamente aquelas que acabam sofrendo mais facilmente diante de um mundo eivado de vilanias e iniquidades. E mais: em Mateus ele afirma categoricamente que estes sofrimentos, que ele chama de ‘escândalos’, são *necessários*. Vimos acima que a função de qualquer sofrimento é provocar um amadurecimento no espírito e conduzi-lo no longo caminho da evolução. Isto significa dizer que este processo de evolução nos leva a uma espécie de ‘movimento circular’: partimos de um estado de simplicidade mental, pelo sofrimento perdemos esta simplicidade e deveremos, conforme formos acumulando experiências, voltar a este mesmo estado de confiança absoluta, mas agora uma confiança calcada na fé madura e não mais na ingenuidade e inexperiência infantis’.

Neste trecho do Evangelho, quando fala das ‘quedas’, Jesus está se referindo em primeiro lugar ao estágio inicial da evolução espiritual, fala especificamente daqueles que ainda estejam imaturos e que, por isto, precisam amadurecer pela dor. É para estas pessoas que Deus destinou seus anjos da mais alta hierarquia celeste, pois são exatamente aquelas que não têm ainda condições de decidirem por si mesmas o que viverão na matéria e o que lhe acontecerá ou deixará de acontecer em uma determinada encarnação.

Voltemos ao nosso casal imaturo dos parágrafos acima e o flagremos agora entre uma encarnação e outra, confrontando-se com as conseqüências do que fizeram a si mesmos e ao outro e com o que deixaram de aprender e reconhecer em si mesmos. No nosso exemplo, em dado momento, o rapaz está agora comprometido com mais de uma mulher a quem sua conduta descompromissada feriu e todas elas estão

cobrando simultaneamente o 'pagamento da dívida'. Se fossem todos deixados a sua livre vontade, nem ele seria levado a reconhecer sua imaturidade e a necessidade de aprendizado e nem elas, por seu turno, reconheceriam a capacidade limitada do devedor para 'pagar' todas as dívidas de uma só vez, pois tudo se resumiria a um ato de vingança. Além disto, ambos ainda poderão estar hesitantes em assumir os 50% de responsabilidade individual que cabe a cada um diante de qualquer problema de relacionamento, o que também contribui para o retardamento do aprendizado.

Assim, diante de tanta inconsciência de si mesmo e do outro, há a necessidade da intervenção de um ser espiritualmente muito mais maduro do que todos eles juntos, cuja função é graduar não somente as lições que deverão ser aprendidas, como as prioridades de resgate. Este 'ser' é chamado de Anjo da mais alta hierarquia celeste na Bíblia ou Anjo da Guarda, mas também é conhecido como Senhor do Karma no Oriente e, ainda, como guia espiritual da mais alta hierarquia. Qualquer que seja o nome que lhe demos, o fato é que somos a ele confiados em nome de Deus e é ele quem nos conduz, muitas vezes à revelia de nossa vontade egocêntrica e espiritualmente infantil, para as experiências que precisamos passar em nosso processo evolutivo.

Pensemos nele como um mestre ou professor à moda antiga que conhece a intimidade de seu aluno mais que este mesmo e gradua as lições que o incipiente aprendiz pode assimilar. Ele também é capaz de determinar quais destas lições ou das anteriores já deveria ter aprendido e tem autoridade para 'elaborar os testes' aos quais o jovem deve ser submetido. Estas lições, para o vaidoso ego, encastelado em sua postura de falsa inocência ou de ignorância, têm o peso de uma condenação amarga e 'ardida'. Lembremos que mesmo na matéria, sair da infância e entrar na adolescência, passar da adolescência e entrar na fase adulta e, depois desta, atravessar a meia-idade e chegar à terceira idade são, regra geral, processos acompanhados de muita dor e sofrimento, pois a passagem de um estágio para outro significa que teremos de abrir mão da imagem e da conduta anterior que não somente nos eram caras, mas também eram tudo aquilo ao qual estávamos acostumados. No limiar entre uma fase e outra, no 'portal', a fase anterior já não nos serve mais e, contudo, apegamo-nos a ela por medo do desconhecido, medo do que virá a seguir. E este receio do novo é natural e humano tanto na evolução do corpo físico, quanto na evolução espiritual.

Contudo, cada fase tem suas características e um 'sabor' que lhe é próprio. Quando não assumimos a qualidade inerente à fase em que estamos, a vida interior e ao nosso redor perde o sabor, ficando insossa ou mesmo amarga. E o que é válido para a matéria também o é para o espírito: perdemos a nossa 'essência' quando já estamos prontos para galgar novos degraus da evolução e nos encastelamos em condutas e atitudes da fase anterior. Somos tais como o sal que perde o poder de salgar. Neste ponto, o Evangelho dá não somente o diagnóstico (perdemos o sabor) e o prognóstico (seremos lançados ao fogo), mas fundamentalmente – e isto é o mais importante – como iremos recuperar este sabor. Ao afirmar que 'cada um será salgado no fogo', o Mestre está dando a chave para importância e a validade destes sofrimentos. O fogo

tem, desta forma, o poder de nos 'salgar' e nos fazer assumir nossa essência. Analisemos um pouco o simbolismo do Fogo.

Na História do planeta, o fogo tem papel fundamental na evolução humana, pois foi a partir do ponto em que conseguimos torná-lo um aliado e usá-lo como instrumento para a proteção que a noite se tornou um momento seguro para reflexões. A arqueologia atesta que entre 1,5 e 0,5 milhão de anos atrás o homem das cavernas não obteve nenhuma evolução significativa e permaneceu exatamente do mesmo jeito por todo este tempo em qualquer lugar do planeta em que o encontremos. Então, há 0,5 milhão de anos dominamos o fogo e pudemos, a partir dele, liberar nossa mente do ambiente imediato e dar liberdade às nossas idéias, preparando nosso cérebro para uma evolução significativa que se daria na África entre 150 e 140 milhões de anos atrás, quando finalmente desenvolvemos a capacidade pensar sobre o futuro, imaginá-lo e providenciar hoje o que será necessário amanhã. Foi, desta forma, o desenvolvimento da imaginação que propiciou nossa sobrevivência (estávamos à beira da extinção) e nos tornou o que somos hoje. Foi o fogo que nos deu a chance de nos tornarmos mais que descendentes de símios e nos transformarmos em verdadeiros humanos.

E se o fogo real foi o elemento detonador do processo para desenvolvermos da 'essência humana', nada mais justo que ele seja usado por Jesus para definir todo e qualquer processo que proporcione o desenvolvimento de nossa 'essência espiritual'. No versículo 8, contudo, como em muitas outras partes da Bíblia, este fogo é chamado de 'eterno', o que é uma evidente contradição com sua propriedade de 'restituir o sabor'. Ora, uma vez que o sal volte a ter a propriedade de salgar, ele torna a ser o 'bom sal' e readquire todas as qualidades que lhe possam dar bom uso. Pensamos, desta forma, que esta 'eternidade' não é absoluta, pois nem mesmo este Universo é eterno. O próprio planeta Terra, que já possui 5 bilhões de anos, acabará sendo consumido pela expansão do Sol dentro de 7 bilhões de anos e, supondo-se que a humanidade não se extinga a si mesma em uma hecatombe nuclear, a terra prometida por toda eternidade certamente não é esta aqui.

Desta forma, a eternidade de uma punição ou 'premiação' não é um valor absoluto nem mesmo para a matéria e muito menos para o espírito. Ela é relativa e esta 'relatividade' se aplica ao ego. Acima dissemos que quando no meio de um furacão emocional ou real não conseguimos ver nada a frente ou atrás de nós e aqueles que já passaram por um grande drama em suas vidas podem atestar que a sensação temporal se distorce: honestamente pensamos que aquele momento e aquela dor jamais irão passar. Depois de anos ou décadas, olhamos para trás e vimos que tudo aquilo não durou mais que algumas horas ou meses e podemos nos espantar do tempo real decorrido. É o ego em sofrimento quem percebe as dores como 'eternas' e este é o único sentido admitido para a palavra 'eternidade' não somente neste versículo, como em toda Bíblia.

A 'eternidade' é assim a percepção do espírito confrontado com sua necessidade de evoluir e abrir mão da imaturidade relativa a seu momento sideral anterior. Frisemos

uma vez mais que não abrimos facilmente mão daquilo que acreditamos e da auto-imagem que alimentamos e este é o motivo pelo qual precisamos que mestres e guias mais elevados e maduros que nós imponham as lições que eles sabem – graças a sua alta hierarquia – serem necessárias. A vida na matéria se assemelha, desta forma, a uma escola à qual somos enviados todas as manhãs por aqueles que têm responsabilidade sobre nós. Quer desejemos ou não permanecer dormindo, qualquer pai na matéria sabe da importância de não dar asas à preguiça infantil e sabe, ainda, o custo, na vida adulta, de um ano letivo perdido na infância.

Para concluirmos é preciso comentarmos o lamento de Jesus sobre aqueles que são os responsáveis pela queda de alguém. Repitamos, antes, que a queda, e as dores advindas dela, é necessária para que nos libertemos da imaturidade espiritual e é graças a ela que evoluímos. Antes que ela aconteça somos como diamantes brutos incrustados na rocha e o diamante é uma outra metáfora para ‘crianças’, pois no seu estágio inicial ele praticamente não brilha e precisa passar por um longo e doloroso processo de evolução até atingir todo resplandecente fulgor que lhe é próprio. Ele jamais deixou de ser o que sempre foi, mas antes da lapidação estava ‘escondido’ de si mesmo e do mundo. Se, em nossa metáfora, imaginarmos o diamante dotado da propriedade de sentir as dores relativas ao processo de lapidação, estaremos bem próximos de compreender a realidade do que foi dito nos parágrafos acima. Agora, tratemos especificamente do lapidador: sem ele o diamante não alcançaria todo seu valor e, no entanto, na qualidade de ignorante das dores que provoca ao diamante, ele se torna por si mesmo alvo de lapidações futuras.

As pessoas que ‘provocam quedas e escândalos’ são como instrumentos divinos para o burilamento de outros; mas são instrumentos cegos, instrumentos de dor e, ainda que esta dor seja necessária ao diamante, quem a imputa o faz usualmente armado de um ego tosco e bruto. Por serem ‘instrumentos divinos’ para nossa evolução é que somos exortados todo o tempo a perdoá-los, pois, verdadeiramente, eles não sabem o que fazem. Mas quando Jesus adverte que devemos ‘perdoar para que nossos pecados também sejam perdoados’, a verdade que encontramos aqui é que também nós somos todo tempo instrumentos cegos na vida de outras pessoas. Qualquer ser humano adulto, principalmente se já atingiu o fim da meia-idade ou se já adquiriu alguma lucidez espiritual, sabe que não passou pela vida sem provocar dor e angústia até mesmo naqueles a quem amava e que lhe amavam. Quando olhamos para nossos pais, nossos filhos, amigos e companheiros de muito tempo, quando vimos os anos de nossa juventude, sempre encontramos alguém a quem ferimos e machucamos, ainda que involuntariamente. Quando esta pessoa permaneceu em nossas relações é possível que tenhamos feito tudo o que estivesse a nosso alcance para que esta dor fosse minimizada. Mas uma ferida na alma, qualquer que seja sua gravidade, sempre deixa cicatrizes.

O que poucas vezes observamos é que estas cicatrizes não estão só na alma de quem foi ferido, mas também na alma de quem feriu, pois no fundo de sua consciência a pessoa está em débito consigo e sente-se culpada. Este sentimento de culpa, mesmo se for inconsciente, irá ‘pesar’ em seu espírito e o colocará – por força da lei gravidade

antes mencionada – em circunstâncias dolorosas que terão por finalidade libertá-lo da culpa. Assim, poderíamos dizer que quem sofre está espiritualmente um passo à frente de quem faz sofrer, pois este tem no momento ‘presente’ a oportunidade de burilamento do diamante de sua alma enquanto aquele que é instrumento de sua dor só terá esta oportunidade no futuro. E este é o sentido que encontramos para a afirmação de Jesus de que são ‘felizes aqueles que agora choram’ (LC 6, 20), porque irão sorrir quando finalmente perceberem que estas lágrimas ácidas lavaram e burilaram o diamante de suas almas e os fizeram alçar a uma condição de lucidez e brilho espiritual antes inacessível.

Percebam que estamos falando neste momento daqueles que já têm alguma consciência sobre si mesmos e admitem terem sido instrumentos de dor para aqueles que lhe eram caros. Não percamos de vista, contudo, que até mesmo o fato de já ter esta lucidez implica na verdade de que este espírito já saiu um pouco do estágio anterior de total primitividade espiritual. Estes últimos, por outro lado, são aqueles que provocam dores e sofrimentos indistintamente sem qualquer laivo de remorso em sua alma; antes, divertem-se com as dores que causam ou, na melhor das hipóteses, não se importam em absoluto com elas. São como crianças no maternal do espírito: absolutamente ignorantes até mesmo do que vieram fazer na escola vida, crêem que tudo se resume a brincar e se divertir de acordo com sua própria vontade, inconscientes do fato de que até mesmo estas ‘brincadeiras’ têm uma finalidade educativa. Muitos deles chorarão ao deixar o maternal e o jardim de infância e reclamarão do ‘peso’ que os livros e os cadernos que agora terão de levar. Mas, quer chorem ou não, serão levados no devido tempo pela mão de seus Guias, Mestres, Anjos da Guarda ou Senhores do Karma para a escola e a ‘série’ que melhor se adequem à sua idade.

É importante abriremos um parêntese aqui para explicar aos menos avisados que não estamos fazendo qualquer tipo de ‘apologia à dor’, mas tão somente explicando o porquê de ela acontecer de maneiras exacerbadas mesmo aos animais inferiores: ela nada mais é que mero recurso evolutivo para despertar da consciência. Dito isto, enfatizemos ainda que não recomendamos de maneira alguma que ela seja buscada conscientemente em um processo de auto-flagelação ou masoquismo, e menos ainda que seja aceita ‘passivamente’, pois é justamente a compreensão ativa do processo que lhe dá a característica de mecanismo evolutivo que lhe estamos atribuindo.

Até aqui falamos com maior ênfase das dores resultantes processos kármicos. Contudo, por tudo o que foi dito acima, fica evidente que nem sempre é assim. A função das dores é levar ao aprendizado e à conseqüente evolução e, desta forma, pode acontecer que ela não seja fruto de algum ‘pagamento a um cobrador’, mas mera necessidade de evolução individual a qual o ser recusa por medo. Repitamos de outra forma a fim de que isto fique claro: todo sofrimento tem por função o burilamento da alma e este burilamento é uma necessidade evolutiva que não está obrigatoriamente atrelada a um resgate kármico. Lembremos que Karma é um dos conceitos orientais mais distorcidos no ocidente e não é raro atribuirmos tudo que nos acontece de ‘negativo’ a ele. Não é bem assim: as posturas arcaicas do ego devem ser

gradualmente abandonadas conforme o espírito esteja evoluindo, sejam estas posturas fonte de dívidas ou não. O ego, regra geral, tem muito medo do novo e do desconhecido e ainda que a 'roupa velha alma' já não lhe sirva mais, ele se apegará naturalmente a ela e resistirá 'bravamente' a qualquer troca. Sob sua perspectiva, ter que deixar esta 'roupa velha' para trás lhe parecerá uma 'violência' e uma 'condenação' e quanto maior for seu apego à velha forma, quanto maior for sua resistência em trilhar novos caminhos espirituais e aprender novas formas de se relacionar consigo mesmo e com o universo, mais os processos evolutivos lhe parecerão dolorosos e muita lágrima é derramada por apego ao passado. Usando palavras orientais, a dor também pode ser resultante da recusa em aceitar seu próprio Dharma.

Acima simplificamos Dharma dizendo que ele significa a parte que nos cabe na Criação. Para explicarmos isto, criemos um novo personagem. Imaginemos um jovem cujo Dharma seja desenvolver uma vacina para a cura de uma doença cruel. Flagremo-lo aos 25 anos de idade, concluindo a faculdade e dividido entre casar-se, constituir uma família e trabalhar como professor e, por outro lado, abrir mão de tudo isto e enveredar pela carreira solitária de pesquisa em outro país tecnologicamente mais avançado. Pode acontecer que a primeira via – a da família e a do trabalho em seu próprio país – lhe seja a mais cara ao coração e, caso ele insista em a seguir, em dado momento tudo isto lhe parecerá insosso ou poderá ser retirado a fim de que, com as mãos vazias em seu próprio país, ele se retire, muitas vezes magoado pelo 'fracasso', e se enfurne dentro de um laboratório, esquecido de si mesmo, mas cumprindo finalmente a parte que lhe cabe na Criação. Sob a perspectiva do ego estas 'perdas' que o levam para longe de casa são dolorosas; mas sob a perspectiva da evolução, são necessárias não somente para ele, mas também para a humanidade.

Costumamos usar uma outra metáfora bastante simples para definir Dharma e diferenciá-lo de Karma: comparemos a Criação a um enorme jardim. Cada ser criado é um jardineiro especializado em um tipo de flor; o Dono do Jardim atribui a cada um uma quantidade definida de terra a fim de que ali seja plantada uma qualidade individual de flor. Se o jardineiro encarregado das rosas decidir plantar gerânios ou espinhos estará mudando o projeto original e, em dado momento, será obrigado a voltar a seu terreno e a arrancar aquilo que plantou errado. Este 'voltar e arrancar o erro' é o Karma. Mas não lhe basta ter o terreno limpo novamente: ele agora tem que fazer o que lhe foi destinado desde o princípio – plantar rosas – e isto é o Dharma, que o texto evangélico é a 'propriedade de salgar' destinada ao sal. Se o fizer de má vontade, sentirá a ordem como algo doloroso e pesado. Assim, o pesquisador do exemplo acima pode sentir-se condenado a não ter uma família que lhe faça feliz e sofrer muito por estar longe de seu país; no entanto, é a parte que lhe cabe e apenas quando concluir seu trabalho é que poderá, olhando para trás, compreender a beleza do que fez eabençoar o fato de tê-lo feito, ainda que de má vontade. No caso do jovem do nosso outro exemplo, o Karma dele é restituir à jovem a paz de espírito e o Dharma é aprender a amar e a respeitar o próximo em suas fraquezas sem manipulá-las em benefício próprio.

7) O Planejamento de uma encarnação – parte prática

“Quanto a vós, até vossos cabelos estão todos contados.” (MT 10, 30.)

Voltemos agora aos Senhores do Karma e detalhemos melhor o que ocorre em termos de planejamento para uma encarnação. Pelo que vimos acima, os Senhores do Karma ou Anjos da Guarda da mais alta hierarquia estão firmemente alinhados com a Vontade Divina e são os responsáveis pela execução desta Vontade. Estes seres, portanto, estão muito acima de nós na escada evolutiva e este simples fato é suficiente para que não compreendamos, muitas vezes, que seguir aquilo que eles nos destinam é algo bom. Eles têm uma ‘lógica’ e ‘falam uma língua’ que nosso ego espiritual infantil não compreende. Poderíamos compará-los a Professores Doutores na Universidade, chefes de Cátedra da Criação, enquanto nós somos simples alunos do jardim de infância. Entre nós e eles há uma grande distância evolutiva, um hiato de conhecimento que deverá ser preenchido em escala decrescente por outros professores de menor graduação, desde o mestre e o professor secundarista até a professora normalista e sua assistente em sala de aula. E são estas duas últimas figuras as mais indicadas a ‘falar a nossa língua’ e, usualmente, são as únicas que as crianças do jardim irão ver e mesmo saber da existência por todo um período letivo. Não percamos de vista, no entanto, que mesmo a assistente da professora é ainda alguém que, em relação à criança, tem um conhecimento muito elevado, ainda que em relação ao dono da Cátedra esteja ‘apenas começando’.

Dissemos anteriormente que quando uma pessoa desencarna é levada pelo ‘peso’ de seus pensamentos e desejos para os lugares do plano espiritual que melhor se adequem a ela. Voltemos agora tanto ao jovem imaturo quanto ao pesquisador amargurado por não ter tido família e os flagremos após o desencarne depois de 80 anos na matéria. O primeiro irá imediatamente se defrontar com as mulheres as quais feriu e elas o irão atormentar com críticas e cobranças. Como infringiu uma Lei Sideral, uma parte importante do Primeiro Mandamento (Amarás teu próximo com a ti mesmo), estará sujeito à cobrança a qual é submetido e suas dores neste outro universo serão tão intensas quanto for o desejo de vingança das mulheres que o perseguem. O ‘peso’ de estar desalinhado com as Leis Divinas irá levá-lo a paisagens lúgubres, sufocantes, semelhantes às nossas cavernas, pântanos ou desertos na Terra. Ali irá encontrar igualmente outros que, como ele, também infringiram mais ou menos as mesmas Leis e se verá imerso em uma multidão de sofredores e lamentadores como ele. Em seu coração, a imaturidade e a não aceitação de que sua conduta foi um erro provocará a revolta e até mesmo o ódio àquelas mulheres, retroalimentando o processo negativo e tornando seus pensamentos e seu perispírito ainda mais pesados.

No livro “Fundamentos de Psicanálise Reencarnacionista” explicamos detalhadamente o que venha a ser ‘perispírito’. Aqui, resumamo-nos a defini-lo como o corpo energético que o espírito utiliza depois de desencarnado. Este corpo, na qualidade de matriz, é em tudo similar ao corpo físico, carregando, inclusive a mesma aparência, mas tem a diferença de ser constituído da ‘matéria’ e sujeito às Leis próprias ao universo no qual transita, sendo, desta forma mais plástico e maleável que o físico. Contudo, mesmo não possuindo tenha uma qualidade ‘física’, o perispírito é ainda um revestimento para a verdadeira essência do ser e podemos compará-lo a um ‘traje’ que cobre a alma.

Se usarmos a Parábola das Bodas para definirmos o perispírito como ‘veste nupcial que se encontra suja’, o tempo que a pessoa imatura irá ficar em lugar menos privilegiado no universo matriz não é determinado por nenhum outro fator que não o que ele levar para lavar um pouco sua alma no ‘tanque das lágrimas’, ainda que de má vontade! Passado este tempo, o guia mais próximo dele em termos de evolução espiritual (a professora do jardim) irá receber dos mestres mais elevados um programa de correção que irá incluir as necessidades de aprendizado e as lições deixadas para trás na última encarnação. Este planejamento de resgate estará graduado e levará em conta não somente a necessidades de evolução como, e isto é importante que se frise, a capacidade de aprendizado do aluno naquele momento e sua ‘idade sideral’. E mais: levará em conta não somente este indivíduo isoladamente, mas todos os outros indivíduos envolvidos no drama original, algo parecido a um entrecruzamento complexo das necessidades de toda uma turma de jardim e não somente a um aluno isolado. As ‘crianças’ serão colocadas em ‘grupos’ e ‘subgrupos’ e cada um terá uma atividade específica tanto isoladamente, quanto em relação ao ‘grupo’ e a ‘turma’, de acordo com seu perfil. Lembremos que os Senhores do Karma ou Anjos da Guarda são seres altamente evoluídos que têm, por isto mesmo, a capacidade e a autoridade para definir desde a família na qual o jovem irá renascer, até com quem irá casar-se ou estabelecer relações de amizade.

Mas lembremos, ainda, que isto é um ‘planejamento’ e qualquer professora de jardim de infância sabe que por melhor e mais detalhado que seja um planejamento letivo, a vida real pode apresentar surpresas; e um aluno do qual se esperava que aprendesse a ler pode concluir o ano sem reconhecer nem mesmo o ‘a’, enquanto outro de quem se poderia esperar maiores dificuldades supera-se a si mesmo e surpreende favoravelmente a equipe de professores. Isto põe por terra o chamado ‘predeterminismo’ ou ‘fatalismo’ que muitas vezes confunde a mente ocidental: certo que o aluno do jardim de infância não pode decidir por si mesmo freqüentar as aulas de uma outra turma que não a dele; mas é certo também que pode decidir voluntariamente não aprender o que lhe é ensinado ou, por outra, superar-se a si mesmo e aprender até aquilo que não se esperava dele. O que ele pode decidir e o que ele não pode decidir definem os limites do seu livre-arbítrio. E se ele insistir em não aprender, será ‘reprovado’ e, no ano seguinte – na próxima encarnação – deverá ver novamente todas as lições que cabulou. E, neste recomeço, os ‘coleguinhas’ que tiverem condições de seguirem para séries mais elevadas, seguirão, e ele irá conviver

não somente com aqueles que foram ‘reprovados’ junto com ele, mas também com outros que pertenciam no passado a grupos bem diferentes do dele.

Flagremos agora nosso pesquisador e suponhamo-lo magoado com a vida isolada que teve que viver para realizar seus trabalhos. Assim que desencarna ele tem sua mente e seu perispírito pesado pela tristeza que carregou durante a vida, mas possui uma grande diferença em relação ao jovem do exemplo anterior: ele conduziu sua vida, ainda que de má vontade, exatamente dentro do programa determinado tanto pelo Karma como pelo Dharma. Ele cumpriu a missão que lhe foi destinada, ainda que não visse seu trabalho como tal e, assim, terá um tratamento condizente com esta retidão. Tão logo se desligue do corpo, será levado pelos guias e amigos espirituais (as professoras de nossa metáfora) a lugares no plano espiritual nos quais terá tempo para ser esclarecido e limpar-se das mágoas desnecessárias que carregou na alma; mas ao contrário do nosso exemplo anterior, o ‘tanque’ não é um ‘tanque de lágrimas’, mas um local similar aqui na Terra a um hospital ou posto de socorro, onde receberá carinho e informações sobre os motivos pelos quais viveu como viveu. Depois de esclarecido e readquirida a leveza condizente ao espírito que cumpre a Vontade Divina, ele é levado a outros cenários que tenham afinidade com seu tipo psicológico.

É muito importante frisarmos que a despeito de o universo correspondente à vida espiritual ser um universo mais plástico ele é, como já o dissemos, matriz do nosso e muito similar em termos de aparência a nosso próprio universo. Assim, há planetas e, neles, cidades e muita atividade em cada uma delas. Mas há diferenças fundamentais: a lei que governa estes ‘mundos’, como os chamou Jesus, está firmemente pautada na questão da afinidade energética, como já o vimos e, desta forma, o jovem egoísta e espiritualmente irresponsável não consegue transitar livremente na mesma cidade de um pesquisador interessado no destino da humanidade. Como disse o Mestre, nestes lugares as pessoas ‘não casam, nem são dadas em casamento’ (MC 12, 25), e, portanto, as relações entre os indivíduos são pautadas exclusivamente no que elas sentem umas pelas outras e não em protocolos ou vernizes sociais.

Um outro ponto fundamental diz respeito às implicações de ser aquele universo a matriz do nosso e de que todo planejamento de encarnações acontece ali. Isto significa dizer que o que quer que precise ser ‘inventado’ ou desenvolvido ou aprendido no universo físico, o é primeiro no universo ‘espiritual’ que lhe tem por base. Assim, uma vacina necessária à humanidade tem todo seu projeto inicialmente desenvolvida no plano espiritual e só posteriormente é desenvolvida no plano físico. Obviamente, se existe algo a ser desenvolvido, existe alguém a desenvolver e o pesquisador do nosso exemplo muito provavelmente já o era no plano espiritual antes mesmo de sua encarnação, e o continuará a ser após o desencarne. E existem igualmente ‘lugares’, tais como hospitais, universidades e bibliotecas – apenas que tudo é muito mais sofisticado e eficiente do que aqui na matéria.

Algumas pessoas objetam para o fato de que ao espírito não interessam os assuntos da carne. Nada mais longe da verdade, pois é na carne que o espírito ‘prova’ que realmente atingiu determinado estágio evolutivo, tal como é durante os testes e provas

bimestrais que o aluno mostra o que aprendeu e o que não aprendeu durante as aulas. Assim como o jovem deve 'provar' que aprendeu a amar e respeitar o próximo 'esquecido' das dores que sofreu no espaço, o pesquisador deve provar que realmente se interessa pelo sofrimento do outro e é capaz de dedicar uma vida inteira a salvar vidas, 'esquecido' do planejamento que aceitou antes de encarnar. A vida na matéria, desta forma, assemelha-se a uma 'prova sem consulta' em nossas escolas ou, melhor dizendo, a 'consulta' é feita somente nos 'apontamentos' e não nos livros. Veremos a seguir que o que chamamos aqui de 'apontamentos' são os sonhos significativos que todos temos ao longo da vida e que, quando devidamente interpretados, podem nos dar as respostas adequadas a cada momento importante de uma encarnação. Por enquanto, é importante mantermos em mente que o verdadeiro aprendizado e planejamento de uma encarnação se dá *antes que ela aconteça* e o que se passa aqui é mesmo uma *prova de conhecimentos adquiridos*.

Um outro motivo para que os espíritos se dediquem a pesquisar e desenvolver recursos para melhorar a vida na matéria é o amor ao próximo. Imaginemos que qualquer um de nós irá mandar seu filho amado para um intercâmbio cultural em um país distante a fim de que ele aprenda a cultura e o idioma deste país. Nós não poderemos acompanhá-lo nesta viagem, mas tudo faremos para que ele tenha a seu alcance todos os recursos necessários a fim de que a estada naquele lugar seja a mais agradável e proveitosa possível. Certificaremos-nos do clima e providenciaremos as roupas adequadas; trocaremos nossa moeda pela moeda do país distante; providenciaremos livros e faremos junto com ele as pesquisas necessárias a fim de que o choque cultural seja minimizado... em síntese: nos interessaremos ao máximo por tudo o que se passa ali a fim de dar a nosso amado filho tudo que estiver a nosso alcance, mesmo que pessoalmente as lições que ele aprenderá ali não sejam mais necessárias a nós.

Acima dissemos que um planejamento, por mais detalhado que seja, pode não ter o resultado esperado se o 'aluno' não corresponder às expectativas. Neste caso, o que ocorre na matéria pode ser comparado novamente ao que ocorre em uma sala de aula: ao longo de um período letivo (uma encarnação), o discente é submetido a testes e provas mensais e bimestrais e, quando detectado que ele não assimilou o conteúdo do mês ou bimestre anterior, os professores providenciam lições extras ou mesmo 'aulas de reforço', modificando e aprimorando, desta forma, o planejamento inicial.

Tendo em mente que até mesmo estes esforços dos professores podem não mobilizar o aluno para o aprendizado, fica claro que o resultado de uma encarnação pode ser absolutamente oposto ao esperado e qualquer professor sabe que um aluno que se atrase demais em relação à turma pode até mesmo ser 'mudando de turma' no meio de um ano letivo. Imaginemos um novo exemplo para deixar claro que qualquer programação pode ser modificada no meio de uma encarnação: suponhamos que o nosso jovem, depois de lavar sua alma no plano espiritual, tenha tido um lampejo de consciência e admitido que sua conduta imatura é algo a ser corrigido. Suponhamos que dentre todas as pessoas que prejudicou há uma da qual ele verdadeiramente se arrepende de ter sido o instrumento de queda e que lhe seja apresentado um

planejamento para a próxima encarnação que inclui um casamento de sete anos com ela, depois dos quais ele deverá casar-se com outra pessoa a quem igualmente deve algo, mas que não lhe é tão cara aos sentimentos. Ao reencarnar, a memória de todo o planejamento será lançada em seu inconsciente e ele irá 'esquecer' seus compromissos. Por volta dos 20 anos, conhece a primeira moça também reencarnada e casa-se sem saber que tem ali alguém a quem deve algo, mas no recôndito de sua alma sente necessidade de protegê-la e ampará-la, ainda que não tenha objetivamente nenhum motivo para tais sentimentos. Pode acontecer, no entanto, que a moça mantenha em seu inconsciente a mesma raiva que tinha dele e, passados alguns anos, este casamento transforme-se em um verdadeiro 'inferno', no qual ela impiedosamente 'cobra' e impinge nele todas as dores que sentiu no passado enquanto ele, eivado de remorsos também inconscientes, não consegue perceber que o 'pagamento' tem dia e hora para acabar – sete anos no planejamento original – e que depois disto ele deverá relacionar-se com outra pessoa também prevista originalmente.

Assim, 20 anos depois poderemos encontrá-los no ringue doméstico, alimentando-se mutuamente de mágoas e ódio. Enquanto isto, a segunda moça do planejamento, está completamente fora do raio de ação do jovem e ele continua, em relação a ela, um devedor. Neste ponto, os 'professores' desta turma, cientes de que o rapaz e sua esposa não conseguiram aprender as lições de amor e perdão que lhe cabiam e que, por isto mesmo, não podem ser promovidos a uma nova etapa do aprendizado, colocam no caminho da segunda jovem um outro rapaz que, a despeito que não ter em relação a ela nenhum karma a ser resgatado, irá proporcionar-lhe as mesmas lições de perdão e amor que deveriam ser proporcionados pelo primeiro. Façamos neste ponto uma ressalva importante: ainda que este segundo jovem não seja aquele previsto no planejamento original para ser o esposo desta moça, muito raramente lhe será alguém totalmente 'desconhecido'. A verdade é que estamos todos na mesma 'escola' e ainda que alguém não faça parte originalmente do mesmo 'grupo de estudos', faz parte da mesma 'turma' e pode ser convocado a ajudar um colega de turma com o qual, até aquele momento, não teve relações tão estreitas.

Para não deixar dúvidas sobre o fato de que um planejamento pode ser completamente modificado, imaginemos agora que o nosso pesquisador do exemplo acima não se conforme com o fato de ter que sair de seu país de origem e não aceite de forma alguma dedicar toda sua vida a uma pesquisa de vacina, insistindo em estabelecer e manter laços de família e permanecer em seu país. Em dado momento, seus mestres podem concluir que ele decididamente não está preparado para provar o seu aprendizado e, assim, ele é liberado temporariamente das lições mais avançadas – do compromisso com o seu Dharma. No entanto, em sua alma, no seu inconsciente, ele sentirá o peso desta liberação e ainda que venha a ter uma família, haverá em relação a si mesmo um sentimento de frustração que poderá, em dado momento, levá-lo até mesmo à depressão e ao completo desastre na vida que escolheu. Não é improvável que a carreira que escolher – a de professor – lhe seja um grande peso, visto que não é ali que ele deveria estar e, ao fim da vida, o sentimento de 'fracasso' será inevitável, pois este sentimento permeia a alma de todos aqueles que voluntariamente decidem

não cumprir os compromissos assumidos antes de nascerem, sejam estes compromissos individuais com outras pessoas, sejam com a humanidade inteira. Não importa se o indivíduo teve uma encarnação programada para ser jardineiro, pedreiro ou Albert Einstein – se ele não cumprir o planejamento, a frustração e a angústia em seu inconsciente serão inevitáveis e, posteriormente, outra encarnação será planejada a fim de que ele realmente cumpra o que deveria ter feito logo de início.

E como fica a humanidade sem a pesquisa da vacina? Também neste caso não há um desamparo e ainda que o indivíduo previsto para desenvolvê-la tenha sido o pesquisador que desistiu, os mestres irão providenciar que outra pessoa no planeta se interesse pelo mesmo tema e o desenvolva. Alguns poderiam perguntar neste momento o porquê de esta pessoa não ter sido 'acionada' logo de início, visto que haveria a possibilidade de que o primeiro falhasse em sua missão? A resposta é que cada um de nós tem uma habilidade e uma característica única e somente Einstein poderia ser Einstein. Se ele falhasse e se decidisse a ficar toda vida longe da física, trancado em seu escritório burocrático, certamente algum outro físico seria chamado a preencher esta lacuna para a humanidade, mas também certamente não seria com a mesma genialidade e com a mesma facilidade de Einstein. Não percamos de vista que estes planejamentos são arquitetados nas mais altas esferas e, por isto mesmo, extremamente complexos para nossa mente encarnada. Também não percamos de vista que não é necessário que alguém seja um Einstein para ter os Olhos de Deus sobre si e qualquer um de nós tem do Criador e de seus Anjos a mesma atenção e amor, cumprindo-se desta forma o que é dito por Jesus no Evangelho, pois até mesmo todos os cabelos de nossa cabeça são contados.

8) O despertar

“Vieram os da undécima hora e receberam uma moeda de prata. Vindo por sua vez os primeiros, pensaram que iam receber mais; mas receberam, também eles, uma moeda de prata cada um. Ao recebê-la, murmuravam contra o senhor de casa; ‘Estes que chegaram por último, diziam, só trabalharam uma hora, e tu os tratas como a nós, que suportamos o peso do dia e do calor intenso.’” (MT 20, 9-12)

Como todas as parábolas, tudo que está escrito na Bíblia pode ser entendido como um símbolo e, como todo símbolo, sujeito a várias leituras, todas válidas. Para entendermos esta peculiaridade do símbolo, utilizemos uma metáfora indiana para descrever o que venha a ser 'a Verdade': Três cegos foram chamados a descrever um elefante; um apalpava sua pata, outro sua tromba e o terceiro sua orelha. O primeiro disse que o elefante era sólido como uma coluna, o segundo que era flexível como um cipó e o terceiro que era delgado como uma folha. Um homem que via à distância

aproxima-se dos três e conclui que o elefante era sim tudo aquilo, mas também era muito mais que aquilo. Assim como a Verdade, o símbolo se presta a várias interpretações, todas corretas, mas também parciais.

Explicamos isto neste momento pois vamos abordar a questão do trabalhadores da undécima hora não apenas com o caráter de conversão espiritual que lhe é próprio; mas também com o caráter de despertar psicológico pouco explorado. Em nosso trabalho clínico comumente encontramos pessoas que ao se darem conta de que estavam adormecidas em relação a seu desenvolvimento psicológico e espiritual, ficam desanimadas pelo tempo que perderam. Principalmente se já estiverem na segunda metade da vida, sentem-se fracassadas, e este sentimento esmagador é usualmente utilizado como argumento para não provocar neste momento as mudanças que precisam ser feitas. Seu argumento distorcido é que 'já não têm mais tempo' para fazer grandes modificações em sua psique e que 'perderam a encarnação'. Nada está mais longe da verdade.

Lembremos que ao tomarmos consciência do processo de reencarnação transferimos o foco do nosso desenvolvimento para o momento presente e não para 'uma vida futura'. A 'salvação', qualquer que seja o sentido que dermos para esta palavra, não é em um 'além' ou num 'paraíso', mas no momento presente, qualquer que seja este momento. Pelo que é dito na parábola, não existe grande diferença, em termos de desenvolvimento psicológico ou espiritual, entre uma pessoa que alinha sua vida com seu Karma e seu Dharma aos 20 anos e outra que só o faz aos 75. E isto ocorre exatamente porque o processo de evolução é contínuo e o que se aprende verdadeiramente em uma encarnação, ainda que o seja aprendido dias antes do desencarne, passa a ser um 'patrimônio do espírito', um 'tesouro' imperecível que ninguém lhe pode retirar.

É com muita tristeza que percebemos muitas vezes as pessoas utilizando o mecanismo da reencarnação como argumento para não realizarem modificações em suas vidas aqui e agora. Muitas vezes, elas se comportam como o rapaz do nosso exemplo que, reencarnado eivado de culpa e preso a uma companheira que o maltrata, escora-se no argumento do Karma e deixa que o tempo de dores se estenda além do previsto. Anos depois, ao perceber que marcou passo em sua evolução, ele se vê diante do dilema de dar uma guinada em sua vida ou curvar os ombros ainda mais porque sente a aproximação do desencarne. No entanto, 'perderá' mais tempo ainda se transferir para uma próxima encarnação as modificações que pode fazer em si mesmo neste exato instante. O que a parábola deixa bem claro é que ainda que ele trabalhe 'apenas uma hora' em benefício de seu desenvolvimento, terá feito um trabalho digno e isto sim fará grande diferença em um novo reencarne.

A verdade que a nenhum de nós escapa conforme vamos amadurecendo é que por mais que nos empenhemos em amadurecer psicologicamente e espiritualmente, ao longo da vida deparamo-nos com problemas e questões internas e externas que acabam ficando intocadas. Mesmo aqueles que iniciam o Caminho logo no início da vida, se forem honestos consigo mesmos, verão que a completa evolução espiritual

não ocorre em uma única encarnação e que por mais que a pessoa se debruce sobre si mesma e modifique o que lhe estiver ao alcance, haverá em sua psique pontos que decididamente ficarão para um posterior exame. Voltemos a nossa metáfora da escola para entendermos este processo: imaginemos um aluno de jardim que desde o primeiro dia de aula se dedique a aprender com afinco tudo o que lhe é ensinado pela professora e, ao final do ano letivo, tenha verdadeiramente aprendido a ler. No entanto, se ele tiver uma boa percepção de si mesmo, estará bem consciente de que sua letra ainda é imatura e não tem os traços firmes e fluentes de sua professora. Por mais que ele se dedique a ficar horas e horas treinando caligrafia, a verdade é que sua musculatura está ainda em desenvolvimento e esta fluidez que ele não somente deseja, mas que também é algo que se espera dele para o futuro, não é possível de ser adquirida no primeiro ano de alfabetização. Contudo, repitamos apenas para frisar, a percepção de que é impossível saltar da condição de alfabetizando para a condição de uma caligrafia impecável não lhe pode ser argumento para deixar de traçar as primeiras letras seguindo ainda o pontilhado dos exercícios.

Um outro argumento que muitas vezes é usado para que não se realizem aqui e agora as modificações psíquicas e espirituais necessárias é o de que muitas vezes as pessoas não sabem se 'este é o momento de mudança' ou se devem ainda 'suportar com paciência os grillhões do Karma' ou as determinações do Dharma. Lembremos que acima dissemos que o todo aprendido e/ou a preparação para qualquer encarnação é feita ainda antes do reencarne e que a vida na matéria se assemelha, desta forma, a uma prova à qual o aluno se submete tendo em mãos apenas seus apontamentos. Dissemos ainda que estes 'apontamentos' são consultados durante o período de sono, através dos sonhos.

Durante um longo período na história da humanidade os sonhos tinham o status de 'vozes de Deus' e eram levados a sério tanto pelo sonhador, quanto pela comunidade. No entanto, conforme esta humanidade foi perdendo a consciência de ter uma alma que atua em sua vida diária e transferindo exclusivamente para outrem (usualmente um sacerdote ou uma igreja) a prerrogativa de estar em contato com este aspecto espiritual da vida humana, foi gradualmente alienando-se do fato de que "Deus fala através dos sonhos" a todos nós e não somente a alguns poucos eleitos. Agregue-se a isto o fato de os sonhos serem 'simbólicos' e teremos a clara compreensão de o porquê de termos voluntariamente aberto mão de uma via importante para conhecer aquilo que se espera de nós em todos os momentos de nossa vida.

Começemos explicando o porquê de os sonhos serem simbólicos⁷. Lembremos que o universo no qual o espírito transita livremente entre encarnações é um universo que possui características e leis que o tornam 'maior' e mais abrangente que o nosso. É ele nossa matriz e, por isto mesmo, não está restrito aos nossos limites e sim nós é que estamos restritos aos limites dele. Entre encarnações estamos muitas vezes plenamente

⁷ Existem várias categorias de sonhos e há mesmo aqueles que não são de forma alguma simbólicos, mas deixaremos para explorar os detalhes deste assunto em outro trabalho.

cientes não somente da última encarnação, mas também de muitas outras e de todo planejamento da futura. Assim, ficamos em condições sabermos a nosso próprio respeito muito mais do que o pode saber o limitado ego criado em uma única encarnação. O cérebro que ali utilizamos suporta um volume de informações e uma verdade que o cérebro físico, ainda em desenvolvimento, não suporta. E estas informações, por incluírem revelações e características que não são peculiares ao universo físico, não têm como serem descritas em toda sua magnitude e, desta forma, podem ser comparadas ao elefante da metáfora indiana, pois em cada encarnação ficamos 'cegos' para a amplitude do espírito e do mundo espiritual.

Isto, no entanto, não retira dos sonhos sua validade enquanto 'apontamentos de consulta' e não nos exige de levarmos a sério o que nos é colocado todas as noites por eles. Façamos agora uma observação importante: dissemos que entre encarnações estamos cientes da programação para esta encarnação, mas ao afirmar que os sonhos são fonte de informação para a presente encarnação, estamos igualmente afirmando que a plenitude desta memória espiritual fica disponível todas as noites. A implicação lógica de tudo isto é que ao deixarmos nosso corpo na cama estamos novamente voltando para o mundo espiritual e para os dados que estão arquivados em nosso inconsciente pessoal. Readquirimos temporariamente a condição de espíritos livres e, não raras vezes, reassumimos a personalidade que tínhamos *antes de reencarnar*, visto que é esta personalidade que dispõe dos dados significativos que precisamos saber hoje. Em outro trabalho explicamos a técnica que utilizamos para realizar a análise de um sonho e como converter símbolos em informações úteis, mas neste tópico é importante ressaltarmos sermos lançados em uma encarnação não nos faz verdadeiramente ignorantes de tudo aquilo que se espera de nós e não podemos invocar a 'perda da memória' como atenuante para nossas falhas. Ninguém é lançado neste universo totalmente desamparado e o sonho de cada noite pode ser comparado com o 'aviso' que a professora dá ao aluno na véspera de uma prova. Ela não somente diz que terá uma prova, mas qual o conteúdo que deve ser estudado para o dia seguinte.

Muitas pessoas, até mesmo quando estão em processo de análise, argumentam que não se lembram de seus sonhos e que, por isto, acham que não devem sonhar. Contudo, há provas científicas suficientes de que sonhamos todas as noites e que o fato de não nos lembrarmos deles é muito mais uma questão de falta de prática do que de 'falta de sonhos'. No trabalho clínico percebemos que há duas condições diferentes que podem levar uma pessoa a não lembrar seus sonhos: a primeira, e a mais comum, é a completa desvalorização do sonhar como fonte de informação; a segunda, que ocorre até mesmo a um analista ou um analisando treinado, é o fato de naquele período da vida não haver necessidade de que o ego tome conhecimento do que o espírito vem fazendo fora da matéria. Ao primeiro caso recomendamos sempre que o ego se esforce e se empenhe mais em reter as memórias do sonho; ao segundo, vemos como um período em que o ego já recebeu e compreendeu todas as informações significativas e deve agora pô-las em prática.

9) Ninguém está órfão nos assuntos da matéria

“Quanto a mim, eu rogarei ao Pai, e ele vos dará um outro Paráclito⁸, que permanecerá convosco para sempre. É ele o Espírito da verdade, aquele que o mundo é incapaz de acolher, porque não o vê e não o conhece. Quanto a vós, vós o conheceis, pois ele permanece junto de vós e está em vós. Não vos deixarei órfãos, eu virei a vós.” (JO 14, 16-18) “Em verdade, em verdade eu vos digo, receber aquele que eu enviar é receber a mim mesmo, e receber-me é receber Aquele que me enviou.” (JO 13, 29)

Acima dissemos que a humanidade, notadamente no ocidente, perdeu gradualmente a noção de que a vida humana na matéria tem um caráter espiritual diário e, em conseqüência, restringimos o exercício espiritual aos templos, entregando-o nas mãos de sacerdotes ‘autorizados’ e eximindo-nos da responsabilidade individual pelo nosso desenvolvimento. No entanto, por tudo que foi colocado até aqui, estamos incorrendo em dois erros gravíssimos que são os responsáveis por nos sentirmos perdidos em muitos momentos da vida.

O primeiro deles é que por estarmos em um processo de evolução individual, apenas o indivíduo pode se responsabilizar e ser responsabilizado por cada ato e cada gesto que venha a realizar tanto na matéria, quanto fora dela. Nas palavras de Jesus, o julgamento entre justos e injustos é feito não pela religião ou pela crença ou mesmo pelos mestres ou sacerdotes que o indivíduo abraça, mas por aquilo que tem no coração, pelas palavras que profere e pelos atos que pratica. Desta forma, ainda que seu ‘guru’ seja um Jones e lhe diga que deve cometer suicídio para ‘ser salvo’ ou seja um Papa e lhe exorte a realizar uma Cruzada contra os mouros em nome de Cristo, a verdade é que espiritualmente cada um responderá por si mesmo pelos atos praticados, pois ainda que os pratique por ‘sugestão’ de outro, a decisão de seguir esta sugestão é pessoal e intransferível e será pautada pelo que o indivíduo tem dentro de si.

Atualmente, nos centros espíritas e meios espiritualistas e também em muitos tribunais do planeta, não é incomum ouvir-se dizer que uma pessoa fez ou deixou de fazer algo graças a uma sugestão espiritual ‘maléfica’ ou a ‘vozes’ que ouve em sua cabeça. Com estes argumentos, as pessoas tentam livrar-se da responsabilidade por seus atos, transferindo para outro a totalidade desta responsabilidade. É certo que alguém pode pôr em nossas mãos uma arma e sugerir que atiremos em outro alguém; mas é certo também que caberá a nós apertar ou não o gatilho. Quando tratamos de fé, dissemos

⁸ Paráclito: paraclito, designativo aplicado a Cristo e especialmente ao Espírito Santo; defensor, protetor, mentor. (Aurélio)

que ela não pode ser apartada da lógica e da racionalidade, pois se permanecer apenas em nível emocional, torna o ser sujeito a mistificações e desprovido de senso.

O segundo erro gravíssimo, que também já abordamos de outra maneira tópicos acima, é que ao considerarmos que Deus se interessa apenas pelos 'profetas' e pelos assuntos que são típicos do espírito, O excluímos da nossa vida diária e dos assuntos que aparentemente não têm nada de espiritual. Falamos que ao raciocinarmos desta forma, estamos confessando que acreditamos sim que há um Deus para os assuntos do espírito, mas que não há deus algum nos assuntos do homem. Na prática, apartamos o Criador de nós ou entregamos nossa vida diária a um outro 'deus', tão ou mais forte que o primeiro, pois é capaz de nos tomar completamente das mãos do primeiro, contrariando Sua Vontade.

Feitas estas considerações, não nos espanta que diante de um momento crucial da vida prática, tal como a necessidade de dar uma guinada profissional ou romper os laços de um casamento destrutivo, o indivíduo sinta-se completamente perdido e possa mesmo acabar não realizando aqui e agora as modificações que precisa para continuar seu processo de evolução. Estes dois raciocínios juntos são muitas vezes os responsáveis pelos sentimentos de solidão, isolamento e abandono na vida diária que podem levar à depressão e à sensação de fracasso no fim de uma vida. No entanto, esta depressão e o sentimento de fracasso podem ser evitados se o indivíduo tiver a certeza de que está seguindo o que foi programado para sua encarnação e tiver a seu alcance o conhecimento necessário para direcionar sua vida. Acima abordamos a vida do sonho como 'apontamentos de consulta', mas pelo que foi dito no Evangelho de João, esta não é a única via.

Durante todo seu trabalho de divulgação das Leis Divinas, Jesus compreende e comenta diversas vezes que a humanidade ainda não estava preparada para receber no coração estas Leis, ainda que as recebesse 'na mente' (ouve, mas não compreende; vê, mas não enxerga). E ao aproximar-se o momento de sua crucificação, ele promete que não irá nos deixar 'órfãos' e pedirá ao Pai que nos envie um Paráclito, um 'defensor, protetor e mentor'. É importante que percebamos que ele não disse que irá enviar alguém que viva novamente na matéria entre nós, mas que este mentor é alguém que não veremos, ou seja, é um espírito e não alguém de carne e osso. Também é importantíssimo que compreendamos que este espírito não é destinado a esta ou aquela pessoa em especial, mas a cada um de nós individualmente e que estará junto de cada um e não em um lugar distante, fora de nosso alcance e apartado de nossos interesses evolutivos (lembramos que a vida prática na matéria tem função evolutiva e, portanto, não é *menor* aos olhos de Deus!). Tampouco pode ser alguém com o qual não possamos falar e interagir, ainda que nós não o vejamos, pois se estivesse fora do nosso alcance falar com ele e ouvir suas considerações, não teria qualquer utilidade enquanto guia e mentor.

Atualmente a população mundial está em torno de seis bilhões de pessoas e isto nos faz concluir que se este espírito fosse um só, estaria em uma condição evolutiva tão elevada, deveria ser tão 'maior' que nós em termos espirituais, que não teríamos como

compreender 'sua língua'. Além disto, seria absolutamente impossível que ele estivesse 'junto' a cada um de nós, interessando-se pelos assuntos pessoais e individuais de todos e interagindo simultaneamente em todo o planeta. Lembremos que na Escola do Universo, somos ainda crianças no jardim de infância e que não compreendemos a linguagem dos Doutores da Criação, que a despeito de estarem sim interessados em nosso desenvolvimento 'escolar' e planejarem este desenvolvimento, precisam contar com nossas professoras normalistas e suas assistentes para se fazerem entender por nós. Em nossa metáfora, são elas quem interferem quando nosso 'coleguinha' rouba nosso lápis ou quando sujamos a roupa com o lanche do recreio; ou seja, são elas que estão a nosso lado nos assuntos diários e que seguram em nossas mãos para nos ajudar a traçar o pontilhado de uma letra. Também são elas que nos dizem qual será o assunto da prova no dia seguinte e que nos impõem nossos deveres de casa. E, como já o dissemos, se em relação aos Doutores da Criação elas são ainda aprendizes, em relação a nós estão verdadeiramente em condições de ensinar.

Dito isto, abordaremos a seguir as religiões e filosofias que nos ensinam como podemos estar em contato com estas 'professoras', estes espíritos que, ainda que não os vejamos, estão a nosso lado diariamente e que têm por determinação divina a função de serem as vozes de Cristo e Deus em nossa vida. Antes, contudo, é importante frisarmos que não é necessário e não está prescrito no Evangelho que alguém seja seguidor de qualquer destas religiões ou filosofias para ter 'o direito' de interagir com suas 'professoras', mas que esta é uma prerrogativa dada a cada um de nós. A via para o contato com estes mestres é a via intuitiva e a intuição é uma função natural a todo ser humano, como o são o sentimento e a razão. É exatamente no fato de ser esta uma função natural e não um 'fenômeno espetacular' destinado a uns poucos 'eleitos' que nos embasamos para confessar a verdade evangélica de que nenhum de nós está 'órfão' ou é jogado ao vento no momento em que reencarna. E é por não ser uma prerrogativa das religiões ou filosofias que preconizam o contato entre planos que afirmamos que nenhum de nós está isento de tomar em suas mãos a responsabilidade por sua vida diária utilizando para isto o argumento de que 'não podia ouvir a Vontade de Deus' para cada passo que dava na matéria.

II – Arquétipos e Espiritualidade 'Na Prática'

1) As várias 'faces' do Paráclito

"O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que eu vos disse." (JO 14, 26)

Em 1988 foi lançado no Brasil a primeira edição do livro “A Fonte Interior” de Kathleen Vande Kieft. Quem teve a oportunidade de lê-lo e realizou todos os exercícios que ela propõe ali, acabou descobrindo sem sombra de dúvidas que poderia facilmente entrar em contato com uma ‘fonte interior’ que, naquele trabalho, ela chama de ‘superconsciência’. O que ela demonstra e prova é que esta ‘superconsciência’ tem em mãos todas as respostas a todo e qualquer questionamento que a pessoa lhe faça com humildade suficiente para ouvir a resposta, ainda que a resposta contrarie frontalmente o egoísmo de quem pergunte. E este livro tem mais uma coisa que o torna, neste momento, alvo de considerações: em nenhuma de suas 440 páginas Kathleen faz qualquer referência ao fato de que este poder tenha uma fonte ‘espiritual’. Para ela trata-se de ‘algo’ inerente ao ser humano, independente de qualquer religião. Os junguianos ortodoxos diriam que ela faz ali um tipo especial de imaginação ativa que a coloca em condições de acessar seu Self, que em nossas metáforas, estamos chamando de o diamante da alma, mas que em diversas religiões é chamado de ‘centelha divina’.

Começamos citando este livro porque ele dá ensejo a algumas considerações importantes que precisam ser feitas neste momento. A primeira delas é que em certo sentido tanto Kathleen quanto os junguianos têm razão: há mesmo uma parcela divina dentro de nós, uma parcela superconsciente que, em acordo com nossos ‘anjos’, coordena e administra tudo o que ocorre ao ego em cada uma destas encarnações. Ela é a essência do ser, o diamante da alma que é gradualmente ‘liberado das rochas da ignorância’ a cada nova encarnação. Assim, vemo-la como uma espécie de característica divina que é liberada em nós pela síntese do que foi assimilado no aprendizado de cada uma das personalidades transitórias que tivemos na matéria desde o momento em que fomos criados.

Sendo assim, ela possui não somente a característica de ser divina, mas recebe os atributos humanos e agrega em si mesma a sabedoria das eras. Qualquer pessoa que se disponha a seguir os exercícios de Kathleen e que tenha, aliado a esta disposição, a humildade suficiente para ouvir as respostas daquilo que perguntar, não será deixada no silêncio. Ainda que a ‘fonte’ da resposta não possa ser sempre identificada ou seguramente confirmada como sendo da Centelha, a sabedoria e o conhecimento superior estão, ainda assim, verdadeiramente disponíveis para qualquer um de nós. O que Kathleen efetivamente ensina é a abrir o canal da intuição que, como já o dissemos, é uma função natural a todo ser humano. É por isto que suas técnicas são realmente úteis, principalmente para aqueles que têm uma certa aversão a tudo aquilo que tenha o ‘cheiro de espiritualidade’. Ela tem o mérito de nos ensinar a romper com a natural arrogância que nos faz acreditar que o ego é a parte mais importante da alma humana.

Entretanto, é preciso que se reforce que em boa parte das vezes as respostas e os textos que a intuição afiada irão gerar têm como ‘fonte’ não exclusivamente nossa Centelha ainda em evolução, mas a figura que Jesus chama de Paráclito e que anteriormente

mostramos ser os guias e mentores espirituais que cada um de nós tem a seu lado diuturnamente. Disto concluímos que o contato estreito com a espiritualidade é algo que pode ser desenvolvido por qualquer ser humano – seguindo a promessa de Jesus de que ele estará com cada um de nós e não apenas com alguns – e que aquilo que os meios espiritualistas e espíritas chamam de ‘mediunidade’ é uma figura ligeiramente diferente de intuição. A mediunidade depende da intuição, mas esta não depende daquela.

Ser médium é ser um canal, um meio de contato entre a espiritualidade e outra pessoa. O médium não fala por si mesmo, mas repete aquilo que ouve (ou deveria repetir!) para quem não consegue ainda ouvir por si. Disto se conclui que a pergunta não lhe pertence, tanto quanto a resposta e não é ele o ‘foco’ da comunicação na maior parte dos casos. Vejamo-lo apenas como um instrumento, uma ferramenta ou, para criar uma metáfora, um fio de eletricidade. Pelo fio passa a energia que irá acender a lâmpada e ainda que ele tenha que ser de boa qualidade, o que interessa no processo é a lâmpada. Para ser um médium a pessoa passa por um processo de aprendizado e por uma série de ajustes em seu corpo físico e espiritual a fim de ser capacitada a atender às necessidades de resposta até mesmo daqueles que não conhece. Poderíamos, desta forma, dizer que um médium é aquele que se prepara para abrir mão de seu próprio ego e de seus próprios interesses em benefício do próximo.

A via intuitiva, por outro lado, por ser uma capacidade natural da humanidade, pode estar exclusivamente focada no desenvolvimento de apenas uma pessoa. E aquele que a utiliza não pode ser rigorosamente chamado de médium, pois não está ligando um ponto ‘A’ a um ponto ‘B’. E é por este motivo que estamos afirmando deste as primeiras páginas deste trabalho que o contato com a espiritualidade não é um privilégio desta ou daquela religião, mas uma promessa do Divino Mestre e, por isto mesmo, um direito de cada um de nós. Como Kathleen bem o prova, não há mesmo qualquer necessidade que aquele que a use tenha consciência de estar ‘acessando a espiritualidade’ ou mantendo estreito contato com seus guias e mestres, visto que a estes guias e mestres pouco importa ‘assinarem’ uma mensagem, mas apenas que a mensagem seja boa o suficiente para elevar o padrão mental, emocional e espiritual de quem a recebe e solucionar uma questão premente para aquela pessoa em especial, seja esta uma questão de trabalho, saúde ou família.

Para estes mestres o que verdadeiramente importa é que as comunicações sejam educativas e nos recordem os mais altos valores espirituais, realinhando-nos com nosso Karma e nosso Dharma. Tanto faz se a pessoa que os acessa os chame de Espírito Santo, de Fonte Interior, de Jesus, Self ou Deuses, Santos e Arquétipos; tanto faz que ela seja uma benzedeira católica ou rezadeira protestante ou ainda que esteja interessada apenas em si mesma e não no destino de sua vizinha – é o conteúdo e não a vaidade egóica que mobiliza a alta espiritualidade para junto de nós. Repitamos apenas para frisar: se estiver interessada em alguém mais que si mesma, estará usando a intuição na função de médium; mas ainda que esteja preocupada apenas com sua própria vida, não será privada nem da intuição, nem do contato com a espiritualidade;

apenas que não poderá ser chamada de médium por não estar sendo o canal para um terceiro.

Dito isto abordemos um pouco as vias mais comuns de contato com a espiritualidade, quais sejam as vias mediúnicas. E escolhemos para este propósito justamente uma religião que nos oferece um ótimo ensejo para apresentarmos o elo de ligação conceitual entre psicanálise, mediunidade e reencarnação: a Umbanda.

Autenticamente nacional, fruto do sincretismo entre símbolos católicos, africanos, indígenas pré-colombianos e brasileiros, e agregando em seu bojo valores cristãos e muito da conceituação kardecista é, contudo, na Umbanda que o Paráclito assume as formas mais ‘assustadoras’, notadamente para aqueles que ainda não assimilaram a verdade simples de que a espiritualidade como um todo, e os guias em especial, está ao lado de cada um de nós, se interessando por todos os nossos assuntos. Ela também se torna assustadora para aqueles que ainda não conseguem perceber com a devida facilidade que os arquétipos são mais do que meros conceitos ou histórias da carochinha, mas a substância elementar por traz da formação de cada psique individual. Certo que ela, a espiritualidade, não conta apenas com a Umbanda para cumprir a promessa evangélica, assim como não conta exclusivamente com o Espiritismo, o Catolicismo, o Protestantismo ou Budismo ou qualquer outra religião. Da mesma forma, é certo ainda que os arquétipos não são ‘privilégio’ ou prioridade de nenhuma religião, permeando toda a história da humanidade. Aliás, pelo que foi dito acima, não é nem mesmo imprescindível que a via de contato com a espiritualidade ou de interação arquetípica seja identificada como ‘religiosa’ e ela pode ser tida como exclusivamente mental, como nos mostra kathleem.

Contudo, como já afirmado, ao excluir a espiritualidade dos assuntos ditos ‘mundanos’, seja focando-se exclusivamente no mentalismo, seja fragmentado-se em uma espiritualidade domingueira, o homem embaraça-se em sua vida diária e perde grandes oportunidades de evolução. Assim, nada mais justo que comecemos nossa análise e nossa interface conceitual por uma religião que tem por proposta realizar esta conexão diuturna tanto com a espiritualidade, quanto com os arquétipos. Mesmo que a prática nos mostre que até para seus adeptos é sobremaneira difícil considerar a presença divina em todos seus aspectos, o sincretismo brasileiro da Umbanda a torna campo profícuo para nossos propósitos de análise, pois suas figuras ‘tradicionais’ servem como exemplo elucidativo de como é possível construir uma ponte viável entre o humano e o divino no dia-a-dia das criaturas.

2) O Paráclito e a Mediunidade

“Não há boa árvore que produz um fruto doente e nem árvore doente que produza um bom fruto. Cada árvore, com efeito, se reconhece pelo fruto que lhe é próprio: de um espinheiro não se colhem figos, nem de cardos se colhe uva. O homem bom, do bom

tesouro do seu coração, tira o bem; e o mau, do seu mau tesouro, tira o mal; pois o que sua boca fala é o que transborda do coração.” (Lc 6, 43-45.)

O Criador, em Sua infinita misericórdia, nos deu tantos caminhos para evoluirmos e chegarmos a Ele quantos sejam os tipos psicológicos⁹ e as necessidades de cada grupo dentro destes tipos. Assim, aqueles que tem um tipo psicológico mais focado na intuição, no sentimento e/ou sensação, sentir-se-ão mais confortáveis nas vias onde se privilegiam, respectivamente, o contato direto com as fontes superiores, a fé que vem do coração ou o ritual; enquanto aqueles que têm um foco maior na função pensamento, sentir-se-ão mais confortáveis nas vias que privilegiam a racionalidade, a filosofia e o controle do pensamento. E como cada um de nós não possui apenas uma destas funções, mas tem todas em si mesmo e apenas ‘privilegia’ uma ou duas em sua consciência, o Criador permitiu que estas funções fossem se mesclando em diversas religiões e filosofias por toda história da humanidade. Desta forma, apenas para ilustrar, aqueles que têm um tipo psicológico mais emocional, sentir-se-ão mais confortáveis em religiões como o Catolicismo e a Umbanda; enquanto que aqueles que têm um tipo mais racional preferirão o Protestantismo e o Espiritismo. Certo que o Catolicismo e a Umbanda não excluem de forma alguma a racionalidade e a filosofia, assim como o Protestantismo e o Espiritismo não podem se sustentar sem a emoção e o sentimento de amor divino. O fato de ter um foco não exclui as outras funções, assim como o fato de apalpar primeiro a pata de um elefante não exclui o elefante inteiro!

Mantendo em mente esta tipologia, vamos então apresentar os principais arquétipos da Umbanda e vamos iniciar pelo mais singelo de todos eles: o preto-velho. Para esclarecer esta figura, vamos desmembrá-lo em partes e começaremos, gradualmente, a diferenciar melhor aquilo que em uma metáfora anterior chamamos de Doutores de Cátedra das nossas professoras de primário, atribuindo aos primeiros o nome pelo qual são mais conhecidos na psicanálise – Arquétipos¹⁰ – e às últimas o nome de guias e mentores.

Começemos criando uma nova metáfora, usando agora a medicina na Terra: suponhamos uma pessoa que subitamente seja atacada por uma dor de ouvido e precise ir à emergência de um hospital. Ao chegar neste hospital, irá procurar consultar-se com um otorrino (e se um ortopedista se oferecer para atendê-la de nenhuma maneira poderá ajudá-la com a precisão do especialista em ouvido). A especialidade ‘otorrinolaringologia’ e a especialidade ‘ortopedia’ são, para fins de nossa metáfora, arquétipos diferenciados (Deuses, Orixás ou Senhores do Karma), ou

⁹ Para uma melhor compreensão sobre “Tipos Psicológicos” remetemos o leitor às obras de Jung e ao nosso trabalho “Fundamentos de Psicanálise Reencarnacionista”.

¹⁰ Os arquétipos serão abordados em vários momentos neste trabalho e, esperamos, em cada um destes momentos, estaremos ampliando seus conceitos. Lembremos que qualquer tentativa de descrever um Arquétipo é parcial, pois é como se uma formiga tentasse descrever uma montanha! Assim, pedimos paciência aos leitores para irmos construindo gradualmente esta imagem em suas mentes.

seja, são uma ‘especialização’ da Energia Divina Maior (o Deus Único) que aqui chamamos Medicina. Assim como cada ‘santo’ tem uma área de atuação, cada arquétipo ou orixá ou ‘especialização da medicina’ tem uma forma mais ou menos predeterminada de abordar um problema específico.

Desta maneira, a especialização em si mesma é um *procedimento médico* específico, uma forma peculiar de canalizar a Medicina para um alvo ou foco estabelecido. Obviamente, se há um modo particular de agir e direcionar a energia da Medicina, existe também ‘alguém especializado’ para seu exercício, no caso, o médico e isto, igualmente, prevê a existência de remédios, instrumentos e aparelhos, tais como o aparelho de raio x e o otoscópio – o aparelho para ver dentro do canal auditivo. Desta forma, trabalhando lado a lado com várias metáforas, a Medicina ou Universidade Cósmica é Deus ou Criador Único; a Otorrinolaringologia é um Arquétipo, Orixá, Arcanjo ou Santo Católico ou PhD da Criação; o médico é o guia, a professora, o profeta ou sacerdote que faz a ligação entre nós, o PhD e as diretrizes educacionais e curativas do Criador. E os aparelhos, remédios, instrumentos ou cadernos, lápis e folhas de papel são tudo aquilo que é utilizado na matéria para mobilizar nossa cura ou aprendizado, quais sejam os cultos, pregações, rituais, vestimentas, paramentos e mesmo médiuns.

O Arquétipo é, desta forma, uma qualidade universal inteligente em si mesma que se expressa de forma particular e peculiar, e que cada cultura reveste ou atribui a uma figura religiosa ou mitológica. E ao enfatizarmos sua inteligência estamos chamando atenção para a realidade de que esta ‘qualidade’ emana diretamente da Fonte Divina Única, o que significa dizer que os Arquétipos possuem em si mesmos um tipo especial de Supraconsciência. Assim, voltando à Umbanda, a *figura ou imagem* universal do Preto-Velho, tanto quanto a figura ou imagem universal de um Caboclo ou Pomba-gira (especialidades médicas), são os Arquétipos em si mesmos, tanto quanto os Santos Católicos ou os Deuses Gregos, Indianos ou Africanos. Repetindo para frisar: elas são as *formas pré-estabelecidas* que incluem linguagens e modos de atuação pré-determinadas através das quais identificamos imediatamente qual o tipo ou qualidade de Energia Divina está à nossa frente. Citemos alguns exemplos: diante de uma imagem de Santa Bárbara ou de Iansã, sabemos que estamos frente a frente com a Qualidade Divina que é capaz de afastar de nós as tempestades da vida; da mesma forma, diante de uma imagem de São Sebastião ou de Oxossi ou Prometeu, sabemos que estamos frente a frente com uma Qualidade Divina que é capaz de se trazer para a humanidade a luz e o fogo da intuição e do conhecimento superior. Disto concluímos que o que diferencia Iansã de Santa Bárbara ou São Sebastião de Oxossi e de Prometeu não é a essência que eles possuem – ela é a mesma – mas apenas a ‘aparência’ assumem em cada cultura ou religião onde sejam encontrados. Se nos lembrarmos que cada Arcanjo ou Arquétipo é um ser infinitamente mais evoluído que nós e que eles falam ‘uma língua’ que nós ainda não conhecemos, fica fácil compreender que cada cultura ou religião teve a necessidade de realizar uma tradução bastante peculiar para esta ‘língua’ a fim de poder compreendê-la, ainda que parcialmente. E como qualquer tradução que se faça na matéria, o resultado final irá

depende fundamentalmente do 'tradutor' que, em um decréscimo de atribuições, está aqui sendo comparado aos guias, sacerdotes, médicos ou professores primários que são o ponto de contato que identificam – traduzem – ao observador ou crente a área de atuação e a especialidade de cada energia.

Na Umbanda, esta identificação de especialidade à primeira vista se dá pela via ritualística de duas formas: pela maneira de abordar os assuntos que lhe chegam e pela aparência e recursos físicos que o guia imprime no médium. A maneira de abordar quaisquer assuntos, realizada por um Preto-Velho, é sempre simples e amorosa, pois é o Arquétipo que remonta à sabedoria calcada na simplicidade do coração adquirida nos sofrimentos das senzalas e no aprendizado do perdão. Assim, um guia *imbuído da imagem* de um Preto-Velho irá exortar aqueles que o consultam a perdoar, a ter paciência e a seguir adiante deixando suas dores e mazelas para trás, usando sempre para isto uma linguagem singela.

A outra forma de identificação é pela aparência física e objetos que o guia faz com que o médium apresente e manipule. É como se pudéssemos identificar um professor de química 'de longe' só pelo fato de vê-lo carregando nas mãos pipetas e tubos de ensaio e diferenciá-lo do professor de português por vê-lo 'de longe' carregando gramáticas e livros de literatura. Lembremos que a *imagem* do Arquétipo do Preto-Velho foi construída utilizando a realidade física do velho escravo negro, meigo e sábio em sua simplicidade, tanto quanto a *imagem* do Arquétipo por trás de Santa Bárbara foi construída utilizando características da vida de uma pessoa excepcional. Assim, no terreiro de Umbanda, o guia irá fazer com que o médium assuma as feições e as posturas típicas de um velho curvado e carcomido pelo árduo trabalho da senzala. Ele poderá, ainda, para 'frisar' esta caracterização, fumar um cachimbo ou charuto barato e beber café amargo (ou qualquer outra bebida) em uma cuia ou cabaça simples.

Explicado como identificar qual energia, Arquétipo ou 'matéria' o nosso professor irá canalizar e ensinar, falemos agora do professor em si mesmo. Em Atos dos Apóstolos, quando Pedro é miraculosamente libertado por Deus da prisão e dirige-se para a casa de Marcos, bate à porta e uma criada ouve sua voz mas não abre, limitando-se a contar que ele estava do lado de fora. Os apóstolos que ali estão não acreditam no que ela conta de dão-lhe uma resposta para explicar a voz que ouvira que é de todo interesse para nós: "Então é o seu anjo, disseram eles." (AT 12, 12-15.) Esta resposta reforça aquilo que vimos dizendo até agora, pois até mesmo uma "criada" tem direito a ter *um anjo particular* e pode ouvir com clareza este *seu anjo*, e mais: para os primeiros cristãos – os Atos foram redigidos entre os anos 62 e 63 DC – era não somente possível, mas também normal e natural que assim o fosse, tanto que ela poderia ser leva a confundir a voz de Pedro com a voz de *seu anjo*.

Antes de seguirmos adiante, e para aqueles que pensam que este trabalho está excessivamente religioso e nada psicanalítico, é preciso reforçar que estar em contato com as diretrizes superiores para uma encarnação e ter acesso a respostas para quaisquer questionamentos, sejam eles grandes ou simples como 'quem bate à porta', é o melhor recurso para se evitar os sentimento de abandono e solidão que muitas

vezes levam a psicopatologias, à depressão e ao suicídio. Reforcemos ainda que estes sentimentos são também pano de fundo para atos de rebeldia, violência e toda sorte de desajustes familiares e sociais. Portanto, desenvolver nas pessoas um sentimento religioso, uma certeza de sentido e razão para suas vidas diárias é um recurso psicanalítico efetivo que a prática em nossa clínica tem demonstrado ser eficiente, eficaz e efetivo.

Neste momento alguns poderiam perguntar: 'se a intuição é uma função psíquica natural ao ser humano e pode ser desenvolvida e afiada por qualquer um de nós (tal como o raciocínio ou o senso estético), qual é a necessidade de um 'médium' ou de algum intermediário'? Para entender esta necessidade, lembremos que na história da humanidade a capacidade para se abstrair do cenário concreto e levar a mente para um tempo 'futuro', prevendo o que ali ocorre e tomando hoje as providências necessárias para 'o amanhã' (esta é a definição mais simples para intuição) foi a última capacidade a ser desenvolvida, cerca de 140 milhões de anos atrás. Em termos comparativos, levamos cerca de um bilhão de anos para desenvolvermos plenamente a capacidade verbal (de 1,5 a 0,5 bilhão de anos atrás) e, neste sentido, a capacidade intuitiva é muitíssimo mais nova para o desenvolvimento de nosso cérebro e está ainda 'engatinhando' em relação à capacidade cognitiva verbal.

Isto explica o porquê de que em quase todas as culturas, a função intuitiva e, conseqüentemente, a função religiosa e a capacidade de estar em contato com os seres elevados foram transferidas para as mãos de seres humanos 'espetaculares', sacerdotes autorizados e/ou profetas de renome. No entanto, pelo que foi dito, estas pessoas, tidas 'excepcionais' não eram na verdade feitas de um material à parte na Criação, apenas que seus cérebros se especializaram mais cedo em uma função que para a maioria de nós era e ainda é incipiente. E a conseqüência direta disto é que ainda que hoje nossos cérebros estejam já em condições de desenvolver individualmente as mesmas capacidades que até então eram tidas como acima do normal, não adquirimos ainda a autoconfiança ou mesmo a fé de que isto seja possível a todos e a cada um de nós¹¹.

Desta forma, as crenças e religiões que hoje se utilizam largamente da figura do 'médium' como ponto de contato entre nós e os nossos guias/professores espirituais estão cumprindo um papel importante – e temporário – para o desenvolvimento futuro da humanidade, pois estão nos treinando, nos 'acostumando' e tornando 'banal' o fato de podermos estar em contato diário e direto com *nossos anjos pessoais*. E qualquer um que conviva na intimidade de um 'médium' pode atestar que eles são pessoas comuns, normais, iguais a qualquer um de nós, com muitos pontos em sua alma e em sua psique que ainda precisam ser trabalhados e desenvolvidos, pois a

¹¹ "Acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que eu derramarei o meu Espírito sobre toda carne, vossos filhos e vossas filhas serão profetas, vossos jovens terão visões, vossos anciãos terão sonhos; sim, sobre meus servos e sobre as minhas servas, naqueles dias eu derramarei o meu Espírito e eles serão profetas."(AT 2, 17-19.)

verdade é que médiuns como Chico Xavier, verdadeiramente excepcionais em sua vida privada, ainda são tão raros como uma pérola perfeita no leito imenso do oceano.

Voltemos agora à análise dos *anjos pessoais* ou guias por trás da manifestação mediúnica de um Preto-Velho. Já o dissemos – e permita-me o leitor que repitamos várias vezes a mesma idéia para que ela fique bem clara em sua mente – que Preto-Velho é um arquétipo e, portanto, ele é antes uma ‘especialização’ da energia Divina, uma ‘matéria’ na Universidade Cósmica, que exige alguém especializado para a canalizar. Assim, do ponto de vista da Energia Divina, o próprio guia é um médium, pois faz a ligação entre um Arquétipo/Arcaño ou Orixá/Santo e o indivíduo encarnado na matéria que, naquele momento, esteja no exercício de uma mediunidade chamada ‘incorporação’. Depreende-se assim que da mesma forma que entre o Reitor de uma Universidade e a assistente da professora normalista encontramos vários professores menos graduados que ‘traduzem’ a linguagem de um para aquele que está academicamente abaixo, entre um Arquétipo e o guia que está incorporando no médium encarnado existe igualmente uma hierarquia pautada no conhecimento e na capacidade de entendimento de cada um.

Os guias mais próximos de nós – que em nossa metáfora são a assistente da professora e ela mesma – são aqueles que a despeito de serem, em relação a nós, habilitados para ensinar, são, no entanto, seres humanos, pois apenas ‘seres humanos’ conseguem se fazer entender por outros seres humanos. Eles estão ainda, tanto quanto nós, em processo de evolução e aprendizado na Universidade da Criação, mas é importante que frisemos que sob nenhuma hipótese esta constatação autoriza um aluno de jardim de infância a questionar e a desrespeitar a autoridade da assistente. Voltemos ao Preto-Velho e sigamos esclarecendo que, a despeito da ‘caracterização e da linguagem que ele utilize’, o guia por trás desta manifestação não terá sido, obrigatoriamente, um negro escravo em sua última encarnação. Ele pode ter escolhido esta forma apenas por ser capacitado, por afinidade, para canalizar um Arquétipo específico e não outro qualquer. E quando falamos de capacitação por afinidade, lembremos que um professor de matemática se capacita pela afinidade com ‘números’, enquanto um professor de português se capacita pela afinidade com ‘palavras’. Desta forma, ainda que faça modificações individuais na sua forma de manifestar este Arquétipo, o guia não irá se apresentar, por exemplo, como um Caboclo das Matas, um Exu ou uma Criança.

Destes outros Arquétipos da Umbanda diremos que o Caboclo emana a força, a higidez e a sabedoria adquirida no contato com as energias da Natureza e na manifestação mediúnica tanto sua linguagem, quanto seu gestual irão transpirar a estas qualidades; Exu e Pomba-Gira são por excelência o Arquétipo da manifestação da vontade sobre a matéria e do respeito e consideração pelo verdadeiro valor divino de quaisquer aspectos desta matéria¹², mesmo aqueles mais condenados pelos

¹² “Ele contempla o céu aberto: desce de lá um objeto indefinível, uma espécie de pano imenso, vindo pousar sobre a terra por quatro pontas; e dentro dele, todos os animais quadrúpedes, os que rastejam

puritanos. Por isto mesmo, irão se apresentar em um gestual que transpira magia e exacerba a sensualidade, a força física, o domínio e controle das energias tidas por nós como sujas e negativas, mas que, como na resposta de Deus a Pedro, por fazerem parte da Criação, são tão importantes como quaisquer outras. Na caracterização mediúcnica, eles podem ou não tomar bebidas alcoólicas e fumar, mas usualmente se vestem, falam e se comportam de forma a romper o nosso verniz puritano que considera que os assuntos humanos, os problemas da matéria e principalmente a sexualidade não sejam obras de Deus. As Crianças, por outro lado, remontam ao Arquétipo da pureza de coração e da alegria espontâneas que operam milagres. Este Arquétipo, a despeito da simplicidade de sua manifestação, tem enorme poder pois remonta à Centelha Divina, ao Diamante da Alma, e ao que é dito delas no Evangelho: “O Reino dos Céus é para aqueles que são como elas” (Mt 19, 14). Apresentam-se usualmente brincando, rindo, pulando, pedindo e comendo doces e refrigerantes.

E assim como o guia que se apresenta como Preto-Velho o faz por afinidade de especialização, e não obrigatoriamente pelo que foi em sua última encarnação, também não é obrigatório que aqueles que se apresentam como, por exemplo, uma Pomba-Gira tenham sido uma prostituta, nem que aqueles que se apresentam como um Caboclo tenham sido um índio na última encarnação ou que aqueles que se apresentem como crianças tenham desencarnado no início de uma vida. Isto é uma possibilidade e pode mesmo ocorrer em muitos casos; mas o fato para o qual estamos chamando atenção aqui é o de que existe a real possibilidade de que ele tenha, fora do estado de incorporação, uma aparência humana adulta bastante comum.

A pergunta que muitos fazem quando tomam conhecimento desta realidade é o porquê, então, dele se transfigurar em uma forma que não seja a sua para se manifestar em um terreiro de umbanda. A resposta é que sua caracterização – como aliás qualquer caracterização ritualística – tem um impacto psicológico positivo do qual muitos consulentes (como são chamados os freqüentadores dos centros de Umbanda) não podem abrir mão, graças a seu tipo psicológico: a caracterização funciona como um *catalisador* que mobiliza na psique do consulente, e também do médium, as energias relativas ao Arquétipo à simples vista de um guia caracterizado. Voltemos à nossa metáfora do hospital para explicar uma vez mais esta necessidade. Suponhamos que o nosso paciente vítima de dor de ouvido tenha à sua disposição dois otorrinos e possa escolher qual o atenderá: um está vestido de jaleco branco, tem o crachá, que o identifica pessoalmente e identifica sua especialidade, e porta na mão um otoscópio; o outro está de jeans e camiseta, não tem crachá e nada nas mãos. Ainda que sua formação e especialidade sejam as mesmas, raramente o doente mais impressionável

sobre a terra, os que voam no céu. Uma voz se dirigiu a ele: ‘Vamos, Pedro! Mata e come!’ Pedro respondeu: ‘Jamais, Senhor! Nunca em minha vida comi nada imundo nem impuro’. E de novo uma voz se dirigiu a ele, pela segunda vez: ‘Não te atrevas a chamar imundo o que Deus tornou puro!’” (AT 10, 11-15.) “O que Deus tornou puro, tu não o declares imundo!” (AT 11, 9.) Frisemos que neste momento Deus não estava tratando por ‘puro’ seres humanos convertidos, mas animais e, por raciocínio lógico, toda Criação na matéria.

irá confiar plenamente no segundo médico 'à primeira vista', principalmente se naquele momento a dor estiver colocando sua função emocional acima da função do pensamento. Se se permitir conversar um pouco com ele poderá, em um segundo momento, até mesmo optar por se colocar a seus cuidados, conforme ele demonstre maior domínio ou conhecimento a respeito de seu problema. Mas em uma emergência, muitas vezes não haverá tempo para esta conversa posterior e a 'credibilidade' do médico, e a posterior 'confiança' que mobiliza a fé do doente para sua cura, será avaliada pelo paciente muito mais pelo comportamento externo, pelas roupas, pelo gestual e pelo que o médico porta nas mãos do que por uma análise e investigação acurada de seu conhecimento.

Analisemos agora a terceira figura necessária na manifestação de um Preto-Velho, ou outro guia, em um terreiro de Umbanda: o médium. Em nossa metáfora, já o comparamos como um dos aparelho do qual o profissional de medicina se utiliza para realizar o exame e o tratamento de um doente. Ele, também já o dissemos, é o ponto de contato entre o guia e o consulente, assim como o otoscópio é o ponto de contato entre o ouvido interno do paciente e o olho do médico. Lembremos que no primeiro capítulo explicamos que o espírito vê livremente a matéria, mas o contrário não acontece facilmente e exige que se desenvolva uma mediunidade específica chamada de vidência. Assim, o médium se torna imprescindível para que o encarnado não-vidente, e que não desenvolveu ainda sua própria intuição, possa saber que está diante de um guia, ouvir a sua voz e escutar o que ele tem a dizer, e receber dele as orientações que receberia se estivesse com seu canal intuitivo aberto ou se não estivesse emocionalmente abalado por uma 'emergência da vida'.

Como dito anteriormente, o médium, qualquer que seja a religião na qual atue, não é uma pessoa excepcional, mas um ser humano que está em processo de evolução tanto quanto qualquer um de nós. Aliás, no Jardim de Infância do Universo, na esmagadora maioria das vezes, ele não é mais que um coleguinha de nossa turma imbuído da responsabilidade de transmitir literalmente os recados que a professora e sua assistente queiram transmitir a qualquer um de nós ou, em alguns casos, à turma inteira. Ele está ainda no mesmo processo de alfabetização espiritual e necessita fazer os mesmos exercícios de evangelização e auto-conhecimento. Contudo, como 'representante' da professora perante os colegas e perante a turma, tem sua responsabilidade aumentada em relação a estes esforços de evangelização e auto-conhecimento e, ainda, lhe é pedido que avance um pouco mais em seus estudos a fim de aprender mais rápido a abrir voluntariamente mão de seus próprios interesses em benefício dos interesses e necessidades do próximo.

Até aqui vimos falando mais especificamente da mediunidade como ela ocorre nos centros de Umbanda, mediunidade esta chamada de incorporação. Contudo, é preciso que repitamos que não somente a incorporação pode ser exercida em qualquer religião (já vimos até mesmo padres incorporando 'padres!'), não sendo uma 'exclusividade da Umbanda', como também que não é este o único tipo de mediunidade que existe. Lembremos que rigorosamente falando ser médium é poder ligar um ponto "A" a um ponto "B" e o mecanismo utilizado para esta ligação pode

sim ser a incorporação, mas pode também ser a intuição, a vidência, a 'audiência' e a psicografia, para falarmos somente das mais comuns. A intuição consiste no fato de receber em sua mente uma idéia completa, como se o guia transmitisse, por irradiação, um pensamento diretamente para a mente do médium, sem usar necessariamente palavras ou imagens. Desta forma, cabe ao médium revestir a idéia com palavras e imagens que as torne inteligíveis para quem o ouve. Esta mediunidade exige do médium exatamente o preparo cérebro-mental que falamos anteriormente ser o 'destino' do nosso desenvolvimento cerebral. Além disto, pelo seu caráter de sutileza, quando utilizada pelos guias como uma função de esclarecimento do próximo, ela também exige do médium uma afinidade bastante forte com estes mesmos guias a fim de que ele, ao abrir o canal que é comum a todos nós, não se sintonize com outros espíritos senão aqueles que efetivamente devem se comunicar. Como é o médium que deve revestir a imagem com palavras e formas que a traduzam, fica evidente que esta é a mediunidade para a qual o médium deve estar mais preparado psicologicamente, emocionalmente e, principalmente, espiritualmente. Para estar a altura do tipo de mediunidade que recebeu, ele deve procurar estar sempre lendo, estudando e se atualizando. E não somente nos assuntos que digam respeito à espiritualidade ou ao Evangelho, mas em todos os assuntos. Lembremos que sua função é atender o próximo e que os interesses deste próximo é que deverão ser levados em conta durante uma comunicação mediúnica. Assim, a despeito de o médium inculto poder ser utilizado pelos guias até mesmo através da irradiação intuitiva, será, com veremos abaixo, um instrumento muito menos preciso do que um médium que se empenhe honestamente em formar um cabedal de conhecimentos que o capacitará a 'sacar' de seu cérebro palavras e imagens mais acuradas para qualquer mensagem que um guia lhe transmita.

Sobre vidência e audiência não há muito o que dizer, exceto que assim como a irradiação intuitiva, o que ocorre não é um contato 'físico' entre o médium e o guia, mas um contato 'entre espíritos'. Lembremos que o fato de estarmos encarnados só faz com que tenhamos um corpo a mais em relação a nossos guias e a qualquer desencarnado – não faz com que 'percamos' o nosso espírito. Estas mediunidades são, desta forma, uma espécie de abertura das capacidades espirituais naturais do médium que o colocam em condições de, utilizando os olhos e os ouvidos espirituais, formar em seu próprio cérebro espiritual a imagem e o som que vê e ouve e, a seguir, fazer com que seu cérebro físico perceba estas imagens e sons como se as estivesse 'vendo e ouvindo na mente', ou na 'tela mental', para usarmos uma expressão mais comum. A acuidade e precisão destas visões ou vozes, bem como a identificação correta de sua origem, também depende, como na irradiação intuitiva, da capacidade, do treinamento e do conhecimento do médium que, em qualquer dos três tipos de mediunidade, deverá estar sempre atento e vigilante para saber o que dizer e o que não dizer e, principalmente, como dizer.

Na incorporação, no entanto, os guias dependem um pouco menos do preparo moral e intelectual do médium – ainda que ele seja bastante desejável. Antes de continuar é importante que digamos que isto não faz com que todos os médiuns de Umbanda ou

de incorporação possam ser tidos como menos preparados ou intelectualmente menos cultos. Muito pelo contrário: quem frequenta esses terreiros irá encontrar ali na função de médiuns médicos, enfermeiras, professores universitários, empresários, altos funcionários de empresas públicas e privadas e graduados e pós-graduados nas mais diferentes áreas do conhecimento humano. Não bastasse isto, o médium de incorporação de um terreiro de Umbanda não está isento de ter que se aprimorar moralmente e nem pode ser eximido da responsabilidade de estudar e, na medida de sua capacidade espiritual, viver o que é prescrito no Evangelho.

Dito isto, expliquemos agora o próprio processo de incorporação de qualquer guia (também chamado na Umbanda e nos meios espíritas de 'entidade'). Começemos esclarecendo que a despeito de a palavra 'incorporação' remeter à idéia de 'juntar num corpo só', o corpo físico do médium não é 'invadido' pelo corpo espiritual do guia, pois neste universo 'dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço'. O que ocorre é que o corpo espiritual do médium é ligeiramente *afastado do controle* de seu corpo físico e dá espaço para que, na brecha que se abre, o guia possa se conectar ao sistema neuronal espiritual do médium e controlar por si mesmo este corpo físico¹³. Não é demais repetir aqui que o Universo Espiritual é matriz para o Universo Físico e, obviamente, nosso corpo espiritual é matriz para nosso corpo físico. Desta forma, tudo o que ocorre no primeiro repercute no segundo e nós nem precisamos da mediunidade para entender isto – basta observar em detalhes, como já o dissemos, o que ocorre em qualquer doença psicossomática ou em qualquer cura realizada por um placebo ou pela fé: elas começam no corpo espiritual e atingem o corpo físico.

Durante a incorporação o médium pode ou não permanecer consciente da intervenção do guia, e esta maior ou menor consciência será determinada não por ele, médium, mas pelo guia. Pode até mesmo acontecer que um mesmo médium esteja plenamente consciente de uma comunicação em um dado momento e completamente inconsciente em outro. Dentre os fatores que irão determinar a maior ou menor consciência destacaremos, por enquanto, o preparo psicológico e espiritual para ouvir as dores e angústias do próximo, sem deixar que isto lhe cause um desequilíbrio emocional; e a dupla validade da comunicação do guia, isto é, quando o que está sendo dito é moralmente importante para o médium tanto quanto para o consulente. Frisemos, no entanto, que mesmo a inconsciência do médium é parcial, ou seja, ainda que seu cérebro físico não saiba o que seu corpo físico está dizendo ou fazendo, seu espírito está plenamente cômico de tudo o que ocorre. É por isto que se diz que mesmo durante uma comunicação, caso o espírito do médium mude de idéia ou decida ter um controle maior sobre seu corpo, poderá por sua livre vontade afastar o guia de si mesmo e intervir ou mesmo interromper a comunicação. A mediunidade de incorporação não é uma 'possessão' de um espírito sobre o corpo de outra pessoa, mas uma cessão feita por livre vontade. Apenas nos casos de obsessão gravíssima, em que o médium encarnado tem em relação ao espírito desencarnado um sentimento de

¹³ Este é o mesmo processo que se dá na psicografia, mas nesta mediunidade o controle se resume ao controle da mão ou mãos do médium e não de todo seu corpo.

culpa, ou qualquer outro sentimento negativo que o torne 'atado ao espírito' e presa deste processo obsessivo, é que teremos uma maior dificuldade para afastar o espírito do médium segundo sua vontade. Mas neste momento não estamos falando de obsessões, mas de mediunidade a serviço do próximo, realizada de forma controlada e por guias de elevada condição espiritual em relação a nós.

Descrevemos acima os processos 'ideais' de mediunidade, no qual o médium confia tão plenamente em sua entidade que a deixa trabalhar sem interferir. Frisemos que ele se equivale, neste caso, a um bisturi afiado que, mesmo que tenha plena 'consciência' de todos os atos da cirurgia, deixa que o médico opere sem decidir por si mesmo onde e como serão feitos os cortes. No entanto, a prática nos mostra que não é raro que a qualidade do bisturi interfira significativamente na 'qualidade da cirurgia'. Um bisturi 'cego' e um bisturi 'voluntarioso', ainda que manipulados pelo melhor cirurgião do planeta, irão dificultar enormemente o trabalho e poderão até mesmo comprometer o resultado final. Ao bisturi cego podemos comparar os médiuns que não têm o mínimo de conhecimento das realidades espirituais e dos processos envolvidos em sua mediunidade. Eles serão assustadiços, facilmente presas de mistificações, e somente se tiverem muita humildade, confiança em seus guias, fé na espiritualidade e simplicidade no coração poderão ser bem aproveitados. Ao bisturi voluntarioso podemos comparar os médiuns orgulhosos de si mesmos que, por qualquer motivo, se acham no direito de 'dar consultas no lugar dos guias'. E a palavra-chave aqui que pode pôr o trabalho a perder é a vaidade.

Mas nem sempre a interferência do médium resulta em desastre ou desconforto por parte do guia. Às vezes ela é desejada e até estimulada. Citemos um exemplo: suponhamos um guia que se apresente como um Preto-Velho e que seja especializado 'nas dores do coração', nas 'doenças da alma', ou seja, no que aqui na matéria chamamos de psicologia; suponhamos ainda que o médium deste guia tenha por profissão na matéria a medicina homeopática. Diante de uma mãe que está sofrendo e adoecendo com um filho dependente químico, o guia ouvirá suas dores, lhe dará o colo e os conselhos que ela necessita para se conduzir neste processo e poderá, em seguida, sugerir ao médium que intervenha na comunicação e lhe prescreva um remédio homeopático para as doenças físicas que esteja desenvolvendo. Neste exemplo fizemos questão de colocar o médium na condição de profissional da medicina para realçar o fato de que somente se ele for verdadeiramente detentor de um conhecimento útil para a consulta é que será celebrada a sua interferência. "Achismos" e prescrições por 'não-especialistas' podem resultar em mais sofrimento para a pobre mulher, visto que ela está ali plenamente convicta que todas as palavras que ouve da boca do médium são oriundas do guia e poderá seguir sem questionar qualquer coisa que ele disser.

Aliás, é exatamente para pessoas como ela que estamos fazendo questão de sermos bem extensos nas explicações dos mecanismos da mediunidade. Se o contato com os guias está treinando o cérebro desta mulher para as realidades do espírito e, fundamentalmente, para não se 'espantar' quando ela própria começar a desenvolver e/ou assumir sua própria intuição, então é importantíssimo que ela não perca em

nenhum momento a fé nesta mesma espiritualidade – o que pode perfeitamente acabar acontecendo quando recebe uma comunicação ruim. Ao explicarmos em um trabalho sobre reencarnação e psicanálise detalhes do processo mediúnico e das religiões nos quais eles são comumente encontrados esperamos estar proporcionando ao leigo as ferramentas que o capacitarão a diferenciar ‘o joio do trigo’ e a se beneficiar, durante estes contatos mediúnicos, da oportunidade de evolução de suas próprias capacidades intuitivas que a alta espiritualidade está abrindo a todos através destas religiões.

Desta forma, queremos municiar o consulente de medidas e conhecimentos que o capacitarão a saber se o médium está interferindo de forma autorizada ou não no processo. E isto é, na verdade, muito fácil de saber: basta passar a consulta pelos crivos da razão e, fundamentalmente, do Evangelho. Uma entidade, ainda que esteja canalizando um Arquétipo tido como ‘pesado’, como o de um Exu, só poderá fazer justiça a ser chamada de um guia da Umbanda se o pano de fundo para qualquer de suas consultas for as palavras de Jesus (que na Umbanda é chamado de Oxalá). Se ela exorta o consulente ao perdão das ofensas, a fé em Deus e em seus desígnios, à humildade e pureza do coração e, ainda, se não faz sugestões esdrúxulas, tais como furtar peças íntimas de ex-companheiros para fazer trabalhos que os tragam de volta, então a entidade é uma entidade de Umbanda e o médium não está interferindo no processo. Por outro lado, se ela alimenta a discórdia, endossa a vingança e semeia a fofoca de duas uma: ou o consulente não está verdadeiramente em um centro de umbanda (ainda que seja chamado de tal) ou o médium não passou pelo processo de evangelização e está interferindo na consulta e aconselhando o que ele mesmo faria diante desta situação. E para saber se este médium é só um cisco em uma casa pura, basta tirar a média das consultas realizadas ali: se a maior parte delas for capaz de provocar a higienização da alma, então basta que o consulente troque de médium e realize suas consultas com outro guia. Se, pelo contrário, a maior parte delas deixar o consulente cada vez mais próximo da animalidade e longe da evangelização, é melhor trocar de casa. É pelo fruto que se conhece a árvore e se o fruto de uma consulta for bom, a árvore de onde se originou também o será.

Para finalizar precisamos esclarecer a diferença que existe entre as duas religiões mais comuns em termos de contato com a espiritualidade: a Umbanda e o Kardecismo. Começamos definindo religião e doutrina pelo que é dito no Aurélio: religião é a manifestação da crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais por meio de uma doutrina e ritual próprios; e doutrina é um conjunto de princípios que servem de base para um sistema, seja ele religioso, filosófico ou científico. Desta forma, a identidade entre Umbanda e Kardecismo se faz parcialmente pela doutrina, pois em qualquer das duas o pano de fundo doutrinário é o Evangelho (como, aliás, em qualquer religião cristã), mas a maneira de manifestar esta doutrina e os rituais de cada uma são diferentes, ou seja, elas são religiões bastante distintas e, por isto mesmo, não devem ser confundidas.

Para fins deste trabalho um kardecista nos chamou atenção para o fato de que em alguns de seus centros as pessoas preferem ser chamadas de espíritas e não de kardecistas (talvez por medo de se sentirem ‘idolatrando’ a personalidade de Kardec).

Esclarecemos, neste momento, que espíritas são todas as pessoas se deparam com a normalidade da existência de espíritos e que vêem como comum a comunicação entre desencarnados e encarnados. Assim, há espíritas nos centros de umbanda, tanto quanto nos centros kardecistas, nos centros de candomblé, no budismo indiano, na igreja cristã onde o padre ou sacerdote 'receba um santo e realize curas', no voodoo etc. e nenhum destes grupos ou médiuns estaria realmente incorrendo em erro em dizer de si mesmo que é um espírita candombelcista ou kardecista ou budista ou católico. Ressalvamos, contudo, que a manifestação desta crença e os rituais podem ser bastante diferentes em cada uma destas religiões.

Um outro ponto curioso que também foi colocado por outra pessoa para fins deste trabalho é que os kardecistas fazem questão de definir sua religião colocando ênfase no fato de que 'ela não é somente uma religião, mas também um sistema filosófico e doutrinário'. Como podemos ver no Aurélio, filosofia e doutrina são conceitos que estão dentro do conceito mais abrangente de religião quando incluem o sentimento de 'crer em algo'. Este detalhe na mentalidade kardecista nos serve de ensejo para reafirmamos o que dissemos em relação aos tipos psicológicos influenciarem na ênfase que cada religião dá a uma função psicológica em relação a outra – sem excluí-la, obviamente. Assim, a ênfase kardecista é a função do pensamento e isto se deve ao fato de que Alan Kardec era uma pessoa para quem a lógica e a racionalidade deveriam ser os 'filtros' para o sentimento e a intuição. Graças a isto, e realmente louvamos o seu papel, Kardec conseguiu não somente desmistificar o contato entre planos, como abriu caminho para sistematizar um conjunto de regras e normas que tornaram estes contatos mais efetivos no mundo ocidental. Como um bom francês do século XIX, Kardec era bastante racional e sua personalidade influenciou todo o sistema pois, como dito acima, a personalidade e a realidade do médium, tanto quanto a personalidade e a realidade do tradutor de qualquer idioma, irá influenciar a comunicação. Lembremos uma constatação atual da física quântica: o observador interfere no fato observado de acordo com as expectativas que tenha em relação a ele. Assim, se um físico lança um raio de luz sobre uma partícula e 'espera' que ela se comporte de um modo 'X', ela bem o pode fazer. Se outro físico realizar a mesma experiência com a mesma partícula, mas tiver em relação a ela uma expectativa 'Y' bem diversa da de seu colega, ela poderá reagir exatamente como ele espera, contrariando o experimento anterior.

E esta peculiaridade de o observador ou 'médium' poder interferir no processo tem feito com que o kardecismo posterior a Kardec tenha começado a se diferenciar de acordo com o país no qual é praticado, pois na França de hoje, no Brasil e em Portugal, por exemplo, os centros kardecistas têm maneiras já bem distintas de 'acontecerem'. O pano de fundo será sempre o trabalho de Kardec (Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns, Evangelho Segundo o Espiritismo), mas a realidade sócio-cultural e a psicologia do povo em cada uma destas nações leva a que o 'acento psicológico' seja diferenciado e acabe diferenciando a 'forma' de atuação. Isto se deve ao fato de que dentro do Inconsciente Coletivo existe uma sub-faixa a qual chamamos de

Inconsciente Coletivo Sócio-Cultural que, grosso modo, sintetiza o ‘acento psicológico’ peculiar a cada nação, ainda que a religião seja a mesma.

Voltemos agora à diferenciação entre Kardecismo e Umbanda, tratando especificamente da questão de ‘nacionalidade’: enquanto o Kardecismo é uma religião desenvolvida na França – um país que ainda hoje é tido como “laico por natureza”¹⁴ – a Umbanda é uma religião autenticamente brasileira – o país mais católico do mundo! –, surgida a partir da sincretização dos Arquétipos das religiões Africanas e do Catolicismo e acrescida de figuras nacionais. Estamos chamando atenção aqui para um fato que muitas vezes nem mesmo os umbandistas percebem: esta é uma religião *nacional* e, como tal, não existe em qualquer outro país do planeta. Expliquemos melhor enfatizando uma vez mais os quatro arquétipos principais da Umbanda, três dos quais a diferenciam do Candomblé. Como dissemos, o Arquétipo do Preto-Velho foi cunhado a partir da realidade das senzalas e o Arquétipo do caboclo foi cunhado a partir da realidade dos habitantes originários do solo do país antes de sua invasão pelos portugueses e outros europeus. O Arquétipo de Exu é um arquétipo africano, mas no Brasil ele ganhou uma variação chamada de Zé Pelintra, cunhada a partir da realidade do ‘malandro’ das décadas de 30 e 40. O Arquétipo das Crianças é puramente africano e naquele continente chamado em muitas tradições religiosas de Erês ou Ererês.

Das religiões africanas a Umbanda agrega ainda as figuras dos Orixás, que são também Arquétipos, mas cuja manifestação mediúnica guarda uma diferença importante com as manifestações que vimos falando: a entidade canalizada pelo médium possui – como veremos abaixo – uma freqüência vibratória bem mais elevada que estes outros guias acima citados e isto faz com que ela se distancie da ‘forma humana’ e se aproxime mais da ‘forma arquetípica’. Lembremos que em relação ao encarnado o próprio guia é um ‘médium’, pois está canalizando uma energia divina superior e a traduzindo para linguagem humana encarnada. Mas na manifestação de um Orixá, o médium incorpora diretamente a energia divina/arquetípica superior, sem o intermédio de um guia, ainda que esta energia tenha que já ter sofrido um algum tipo de ‘decréscimo vibratório’.

Lembremos que um Arquétipo, com ‘A’ maiúsculo, é uma energia pura de altíssima voltagem e em sua forma primordial é absolutamente impossível que ele se manifeste através do corpo físico de um médium encarnado sem provocar danos irreversíveis em seu sistema nervoso. No entanto, ele é passível de se subdividir em vários e, nesta subdivisão, baixar sua freqüência vibratória até uma espécie de, com o perdão da palavra, ‘individualização’ e, graças a esta, tornar possível sua canalização por um médium que, neste caso, irá irradiar a seu redor aquela energia específica. Voltemos à metáfora do hospital para melhor explicar: o médico está exercendo Medicina, mas ele não é *a medicina*; o que ele faz é canalizar uma energia de cura através de si, mas a

¹⁴ A respeito desta peculiaridade da França, a edição 1.793 da revista Isto É, publicada em 18/02/04, traz um excelente esclarecimento na matéria “Deus Fora da Classe”.

cura não está no médico, nos remédios e nem mesmo em quaisquer técnicas que utilize e sim em Algo que está acima e que incorpora, supera e transcende médico, remédios e técnicas. A Medicina, portanto, seria um Princípio, um Todo muito maior que o somatório de suas partes; ainda assim, passível de divisão em especialidades e passível de ser exercida de formas diferentes mesmo por médicos da mesma especialidade.

Uma outra metáfora seria a de uma usina elétrica: a Energia Elétrica em Sua Fonte Primeira é gigantesca (Deus ou Olofim-Olodumare ou qualquer que seja o nome que dermos ao Criador) e de altíssima voltagem; suponhamos que a ela sejam ligados paralelamente doze geradores (Arquétipos/Orixás Maiores) que a captam e fazem a primeira redução de voltagem para que ela continue fluindo. A partir deles, ligados a cada um, existem mais doze outros geradores menores (totalizando 144) que pegam cada um uma cota desta Energia e vão, por sua vez, subdividindo-a em mais 12 (totalizando agora 1728) e baixando sua corrente, amperagem, tensão e voltagem até que ela possa ser utilizada em uma lâmpada ou cafeteira doméstica. Assim a Energia Elétrica se subdivide em várias direções, atinge várias cidades simultaneamente, sofre um sucessivo descenso vibratório, e particulariza sua utilização em uma cafeteira ou lâmpada sem, contudo, deixar de ser a mesma Energia Elétrica da Usina Geradora. E mais: ao longo desta incrível rede de geradores há em muitos pontos um entrecruzamento de cabos e fios de alta tensão e, desta maneira, pode acontecer que um gerador de 'quarta geração' receba a Energia de duas fontes diferentes na geração imediatamente anterior, como uma cidade brasileira que pode receber energia que venha tanto dos geradores do Nordeste quanto dos geradores do Sul. A isto a Umbanda e o Candomblé chamam de entrecruzamento de linhas e o sentido é o mesmo o sentido do entrecruzamento de duas linhas de geração elétrica.

Neste ponto queremos abrir um parênteses para enfatizar uma vez mais que a expressão aberta de uma energia arquetípica pela via religiosa não é uma prerrogativa exclusiva da Umbanda. Ao se cultivar um santo em qualquer religião de ênfase simbólica (sensório-emocional), ou ao se realizar uma imaginação ativa interagindo com uma forma mitológica, está-se igualmente entrando em contato com atributos divino-arquetípicos impregnados naquela manifestação simbólica e recebendo os benefícios desta interação. Estamos enfatizando e datalhando a Umbanda apenas porque não temos conhecimento sobre qualquer outra religião contemporânea que se preste tão perfeitamente para explicar de forma espiritual e igualmente conceitual o que venha a ser um arquétipo na prática e não somente na teoria psicanalítica e, ainda, servir de ensejo perfeito para desmistificar o contato entre nós e nossos 'anjos'.

Como dissemos, as religiões africanas foram sincretizadas com a religião Católica e, desta forma, muitas vezes um arquétipo da Umbanda é conhecido e cultuado pelo nome e aparência de um santo católico. Este sincretismo ocorreu graças à sabedoria dos negros que, proibidos pelos senhores de escravos de realizarem seus cultos nativos, *identificaram intuitivamente* nas personalidades e/ou vida dos santos católicos as qualidades e características que se ajustavam aos Orixás de sua religião e, na frente de seus 'senhores', rezavam para estes santos, enquanto em sua alma, invocavam os Orixás. Como este movimento foi um movimento espontâneo, coordenado apenas

pelo Inconsciente Coletivo da raça negra escravizada, e como a cada nação africana correspondia um sistema individual de cultos e crenças, algumas vezes podemos entrar em um templo de Umbanda e ver um Orixá associado a um determinado santo católico e, ao chegar em outro templo, descobrir este mesmo Orixá associado a outro santo católico.

E isto acontece ainda hoje porque a despeito de a Umbanda já ser uma religião, possuindo um sistema doutrinário-filosófico e de crenças bastante peculiar, ela ainda é muito nova e não foi suficientemente sistematizada até compor um corpo ritualístico único. A ênfase psicológica da Umbanda, como já o dissemos, é uma ênfase emocional e sensória¹⁵, sem, contudo, descartar as funções intuitivas e racionais. Esta ênfase a faz muitas vezes 'vítima' ainda de interpretações mirabolantes, destituídas de senso e racionalidade. Mas isto de forma alguma lhe tira a beleza e a efetividade e acreditamos que com o passar das décadas gradualmente ela irá sendo clarificada pela própria espiritualidade (como ocorreu com o Kardecismo) até o ponto de poder configurar um corpo doutrinário e ritualístico único, mesmo em suas manifestações individuais em cada centro.

Quanto aos pontos comuns entre a Umbanda e o Kardecismo, que levam muitas vezes a tomarmos uma religião pela outra, repitamos uma vez mais que ambas são cristãs, ou seja, ambas se atêm ao Evangelho para pautar suas consultas e a conduta de seus médiuns, e ambas prevêm a sobrevivência do espírito depois da morte, a possibilidade de comunicação e convivência entre encarnados e desencarnados, e a necessidade da reencarnação para o aperfeiçoamento do espírito. Contudo, no Kardecismo as figuras dos Arquétipos, Santos ou Orixás Maiores (os doze primeiros geradores) são mais comumente chamadas de Arcanjos ou mesmo de Arquétipos; os Orixás Intermediários (os 144 geradores seguintes) são chamados ora de Anjos, ora de Espíritos Puros; os Orixás Menores (as outras hierarquias de geradores) muitas vezes são chamados de Chefes de Falange ou Líderes Espirituais, o que configura um equívoco, pois já explicamos que um orixá está em um nível supra-humano, enquanto os guias são pessoas como nós, apenas que mais adiantadas na 'escola cósmica'.

Além disto, ao guia ou entidade (a professora mais próxima de nós) não é permitido que se manifeste em uma mesa kardecista canalizando abertamente a energia deste ou daquele Arquétipo (principalmente o arquétipo de Exu). No Kardecismo, também, a incorporação que leve o guia ao controle do corpo do médium é tida em muitos centros de hoje como uma 'mediunidade menor', e os kardecistas privilegiam a irradiação intuitiva como forma de comunicação 'entre planos' e o passe magnético que não prevê a consulta individual (ela se realiza em outros momentos e não é indicada indistintamente para todos os que ali vão). Eles também privilegiam a evangelização coletiva e preventiva, e não há centro kardecista que não tenha o foco de seus trabalhos as palestras de esclarecimento (lembremos a ênfase na função do

¹⁵ Estas duas funções são as funções características peculiares ao 'povo brasileiro': sensação e sentimento!

pensamento). Contudo, temos observado nas últimas décadas que começam a existir centros de umbanda que privilegiam o estudo, enquanto já há centros kardecistas que permitem, por exemplo, a manifestação de pretos-velhos, mostrando uma vez mais que o brasileiro tem uma incrível capacidade de compor o seu tesouro espiritual buscando e mesclando as jóias mais preciosas de quaisquer fonte espiritual, completamente livre para abraçar a verdade onde quer que ela se encontre.

Para finalizar, queremos apenas enfatizar que a manifestação mediúnica ‘mais light’ dos centros Kardecistas tem grande valor principalmente pelo que chamamos aqui de ‘evangelização coletiva e preventiva’. Esta evangelização se reveste de estudos sistematizados e a Federação Espírita Brasileira¹⁶ dá cursos anuais que se assemelham aos cursos de graduação de qualquer universidade terrena, inclusive quanto a duração! Na Umbanda, por outro lado, é mais comum que esta evangelização seja dada individualmente, do guia para o consulente e, muitas vezes, o consulente só procura a Umbanda no calor de um grave problema e não antes que o problema se torne incontrolável; e, solucionada a questão, muitas vezes ele ‘desaparece’ do terreiro. Em uma redução puramente metafórica, poderíamos dizer que a Umbanda é o pronto-socorro emergencial, enquanto o Kardecismo é o tratamento ambulatorial continuado. Ambas são boas árvores e dão bons frutos quando bem nutridas!

III - Conclusão

Ao chegarmos ao fim deste breve trabalho, esperamos ter deixado claro para nossos leitores três idéias fundamentais que poderão ajudá-lo na busca da melhor compreensão de sua própria realidade interior: a primeira delas é a de que a solidão e o isolamento endêmico em nossa cultura atual não passam de uma atitude neurótica que exclui da vida humana a realidade espiritual; a segunda é a de que esta realidade espiritual abrange todos os aspectos da vida humana e não somente o chamado ‘exercício religioso’, pois é no dia-a-dia, na conduta diuturna que realizamos nossa evolução; e a terceira é exatamente o fato de que nossas vidas têm um sentido evolutivo e quaisquer que sejam os eventos que lhe ocorram estão, em verdade, convidando a uma superação de si mesmo e a uma participação consciente.

¹⁶ Para o leitor leigo é importante esclarecer que a despeito de chamar-se Federação Espírita, o foco da abordagem espiritual que se faz ali ainda é o foco Kardecista, pois eles ainda não realizaram nenhum estudo sistematizado de outras religiões que também tenham foco no contato espiritual.

IV – Anexo I: Breve apresentação dos principais conceitos junguianos¹⁷

Existem alguns pilares na teoria junguiana que são fundamentais para que alguém se diga conhecedor do mínimo desta teoria. Pilares que hoje citamos até em mesa de bar sem termos um conhecimento maior do que realmente significam, tais como Inconsciente Coletivo, Arquétipos, Sincronicidades... palavras que trazem em si conceitos às vezes extremamente complexos que Jung explicou e reexplicou ao longo de todo o seu trabalho que, neste caso, confunde-se com toda sua vida. Como todos os conceitos, também estes são passíveis de leituras e releituras e jamais explorados em toda sua complexidade.

Um destes conceitos mais comuns é o conceito de Inconsciente Coletivo. Por inconsciente cada um de nós entende perfeitamente que é aquilo que está fora da nossa consciência. Neste ponto, abrimos espaço para uma primeira metáfora. Então, para começar, vamos imaginar que a psique seja um grande palco no qual existam vários personagens, mas apenas uma luz direcional. Dentre todos estes personagens, existe um deles que é tido como o principal, ao qual iremos chamar de personalidade. A luz que o ilumina, chamaremos de consciência e conforme o personagem fala e se desloca, esta luz o segue.

Existirão, obviamente, outros personagens, uns mais próximos do principal e outros bem distantes. Se no momento em que a personalidade está atuando outro personagem se manifestar e disser alguma coisa, de duas uma: ou o foco de luz, o foco da consciência, irá se deslocar, ou ele irá falar no escuro, sendo ouvido, mas não plenamente visto. Os personagens que estão mais próximos da personalidade estão em uma área a qual chamaremos de inconsciente pessoal e conforme formos nos distanciando mais e mais deste centro adentramos outra área chamada de inconsciente coletivo, pois este palco individual não é o único que existe e permeia suavemente outros palcos adjacentes sendo, desta forma, parte de um enorme conjunto de palcos que é o conjunto composto por toda humanidade.

Jung descortina o Inconsciente Coletivo através de símbolos que se repetem em várias culturas e civilizações diferentes que não tiveram contato entre si. Nesta nossa metáfora estes símbolos seriam personagens que atuam de formas similares e algumas vezes absolutamente idênticas em palcos que aparentemente não têm nenhuma relação entre si por se acharem, em termos objetivos, visualmente distantes no tempo e no espaço. Em suas pesquisas de campo e em seu trabalho clínico ele observou o surgimento espontâneo de imagens e conteúdos emocionais, seja em sonhos ou em rituais de tribos primitivas, que apareciam de forma igualmente espontânea nos sonhos de pacientes 'civilizados' que comprovadamente não conheciam ou sequer ouviram falar da cultura primitiva no qual a imagem fora originalmente detectada.

¹⁷ Aula dada na UnB, no segundo semestre de 2003, como convidada, para uma turma de psicologia.

A estes conteúdos ele chamou de Arquétipos. Para entendermos o que sejam arquétipos, façamos mão de uma outra metáfora e vamos imaginá-los como os elementos constituintes da Tabela Periódica. Qualquer aluno do ensino médio saberá dizer que a Tabela Periódica é composta por cento e nove elementos. Se, neste momento, eu olhar através da minha janela irei perceber vários tipos de árvores, o muro da minha casa, o telado das casa ao redor, pássaros de várias espécies, insetos, as nuvens no céu, a terra molhada, o vidro da janela, o ferro que a sustenta, meu próprio corpo, a lâmpada da rua, a cadeira... ou seja, uma infinidade de materiais e formas absolutamente diferentes entre si que, no entanto, se observados na sua intimidade intra-molecular apresentaram apenas e tão somente os elementos previstos na Tabela Periódica. Se cada um de nós sentar calmamente em um exercício de meditação e relacionar todos os elementos que vê apenas em sua sala de estar poderá ficar horas neste exercício. E se ampliarmos nosso nível de percepção e sairmos pelo planeta inteiro, teremos uma lista absolutamente incalculável. Tanto faz no planeta Terra ou na Constelação de Órion, por mais infinita que seja a quantidade de materiais, a verdade é que são todos compostos pelos mesmos elementos da mesma Tabela Periódica. Ou seja: pega-se cento e poucos elementos químicos, combina-se estes cento e poucos elementos de infinitas formas e obtemos infinitos tipos de materiais.

Os arquétipos são a Tabela Periódica da Psique Humana. São alguns poucos elementos que se combinam de maneiras diferentes, algumas vezes de forma harmônica e outras de forma desarmônica, e compõem o que nós chamamos de psique humana. Jung faz um paralelo com os instintos. Ele diz que os instintos são o correspondente biológico que norteiam o comportamento animal, o comportamento fisiológico de animais. Na psique os arquétipos fazem exatamente a mesma coisa: eles têm um padrão preestabelecido para o comportamento psíquico.

Tentemos entender o inconsciente e mais especificamente o inconsciente coletivo não como uma entidade, uma 'coisa' que se possa delimitar começo, meio, fim, extensão, volume, dimensão... O inconsciente é, também falando por metáfora, como se fosse uma freqüência, à moda da nossa Freqüência Modulada, ou FM. Qualquer um de nós que tenha um aparelho de rádio FM pode sintonizar na rádio Nacional, ou na Nova FM, ou na Transamérica. Conforme vamos passeando pelo Dial escolhemos uma rádio específica para ouvir e deixamos de ouvir todas as outras que, e isto é importante, continuam assim mesmo emitido sua programação, ainda que nós não estejamos mais com o foco de nossa consciência voltado para ela. Um outro detalhe é que ainda que fiquemos passeando de uma estação para a outra, se nosso rádio é FM, continuamos dentro da Freqüência Modulada, a despeito da estação selecionada.

Então o inconsciente seria a faixa, a própria freqüência modulada dentro da qual iremos encontrar diversas estações e o que irá diferenciar uma estação da outra não é somente a localização exata da sua freqüência, mas a programação peculiar a cada uma delas. Na menor freqüência, mais próxima da consciência, encontramos a estação do inconsciente pessoal e conforme vamos subindo a freqüência encontramos outras estações que são propriamente chamadas de inconsciente coletivo. Assim, enquanto na

estação pessoal temos uma programação com um tipo de música muito peculiar escolhida individualmente por cada um de nós, nas estações do inconsciente coletivo iremos encontrar estações que têm uma programação que prevê apenas 'músicas' regionais, outras que tocam somente músicas nacionais e outras ainda que tocam somente músicas internacionais desta ou daquela cultura específica (uma rádio árabe, uma rádio americana, uma chinesa etc.).

Em nossa metáfora, cada "estação" do inconsciente coletivo está, desta forma, relacionadas sempre a um mesmo tipo de comportamento psíquico (estilo de música), mas não toca sempre a mesma música. Na Nova FM, por exemplo, podemos ouvir somente músicas nacionais, mas em duas horas de programação raramente iremos ouvir a mesma música e poderemos nos deliciar tanto com Djavan, quanto com Caetano, Milton, Ivete Sangalo etc. E mesmo que esta rádio só tocasse Djavan, teria músicas suficientes da grande obra deste cantor e compositor para ficar horas e horas sem repetir uma única música. Contudo, frisemos, na Nova FM não iremos ouvir Beatles ou Bach, o que significa que o que define um comportamento psíquico não é a exatidão e rigidez de sua manifestação (a mesma música sempre), mas a estação ou estilo de manifestação deste comportamento.

Indo mais além na metáfora, lembremos que a despeito de uma estação poder ser sintonizada por qualquer pessoa apenas uma estação é 'particular' sendo todas as outras comuns também a outras pessoas. É como se no inconsciente pessoal eu tivesse uma rádio privada e fizesse uma seleção pessoal das músicas que quero ouvir ao longo da minha vida – e tivesse até mesmo composições pessoais de músicas escritas e cantadas apenas por mim mesma –, mas pudesse, também, a qualquer momento, girar o dial e ouvir as músicas de cantores e compositores consagrados e até mesmo músicas de domínio público em outras estações ou, ainda, incorporá-las a minha própria estação pessoal.

Ao definirmos metaforicamente o que seja o inconsciente pessoal e coletivo fica mais fácil compreender que os Símbolos são as músicas que tocam em cada estação enquanto os Arquétipos são as próprias notas musicais e suas variações em escala. Citemos um exemplo da alquimia para deixamos isto mais claro: o quadrado é um arquétipo (uma nota musical), o círculo é outro arquétipo (uma outra nota musical) e, na alquimia, existe algo chamado 'quadratura do círculo', que é um símbolo (música) que pode representar coisas diferentes conforme o alquimista que o descreva, assim como uma mesma música de Djavan pode ter um sentido especial e peculiar para cada ouvinte, ainda que seja a mesma música.

Esta particularidade de interpretação individual de uma mesma composição por várias pessoas diferentes é o que explica o fato de que a despeito de duas pessoas poderem estar sintonizadas com um mesmo símbolo e com um mesmo arquétipo, cada uma delas irá agir e reagir de forma pessoal. Ainda que possamos identificar que estejam dançando a mesma música, a música em si não as transforma em robôs e elas só executarão uma dança sincronizada se assim o desejarem. Em termos de desenvolvimento pessoal podemos dizer que a dança será mais peculiar e individual

quanto maior for a consciência corporal do dançarino. Em outras palavras, quanto mais individual e consciente de si mesma a pessoa estiver, menor a probabilidade de que ela viva a literalidade e a automação de um arquétipo; por outro lado, quanto menos individualizada ela for, maiores são as chances de viver um arquétipo e seus símbolos correspondentes de maneira automática, sem contribuições, leituras ou variações pessoais.

Lembremos que estamos comparando arquétipos não somente a notas musicais, mas a notas e suas variações. Desta forma, o arquétipo da Mãe Primordial, por exemplo, não tem somente a faceta benevolente e simpática, mas pode se apresentar igualmente em sua forma terrível e devoradora, da mesma forma que uma nota pode se aproximar ou se distanciar de outra conforme for bemol ou sustenido. E, ainda, a mesma nota executada em um violino de plástico terá um som absolutamente diverso quando executada em um violino do século XVIII. E Beethoven e Bach, ainda que executassem a mesma nota no mesmo violino, jamais seriam confundidos um com o outro.

Este é o espaço da individualidade que confunde muitas vezes o observador menos atento da teoria arquetípica. Os críticos desta teoria costumam dizer que se todos nós temos uma mesma base arquetípica e, dentro de uma mesma cultura, tomamos contato com os mesmos símbolos, seria de se esperar que nos comportássemos de maneiras idênticas uns aos outros.

V - Anexo II: Mediunidade: Neurose ou Fenômeno Interdimensional¹⁸?

Em toda a história da psicanálise sempre existiram pesquisadores que analisaram casos popularmente conhecidos como mediunidade e como fenômenos paranormais. Conforme foram adentrando estes assuntos, os pesquisadores se dividiram em dois grupos: de um lado aqueles que conseguiram encontrar casos procedentes de efetiva paranormalidade; e, de outro, aqueles que se depararam apenas com casos os quais poderiam ser facilmente descritos como meras fantasias, frutos de projeção do inconsciente sobre uma personalidade doentia. E mesmo no grupo daqueles que encontraram casos de paranormalidade, a tendência que se formou foi não estender esta paranormalidade para um conceito de mediunidade.

Isto aconteceu porque a ferramenta mais utilizada na análise destes casos nos primórdios da pesquisa foi a hipnose – hoje pouco comum – e graças a ela temos a descrição detalhada de sessões nas quais pessoas hipnotizadas apresentaram muitas vezes os mesmos ‘sintomas’ e características apresentadas comumente pelos chamados

¹⁸ Artigo produzido para a Internet

médiuns. Dentre estas características destacamos: o semi-sonambulismo, sonambulismo ou transe extático; o automatismo de movimentos; o surgimento de sensações ou impressões físicas, tais como formigamentos, imagens visuais ou auditivas, ou a cessação total ou parcial destas sensações; a glossolalia (falar em línguas); e a produção de material estranho à consciência, tais como discursos falados, escritos ou pintados. Estes elementos comuns levaram muitos psicanalistas a colocarem todo fenômeno mediúnico na categoria de histeria ou psicopatia e, em raros casos, na categoria de paranormalidade e isto levou a muitos deles a encerrar suas pesquisas.

Paralelo a isto, no mesmo momento histórico em que a psicanálise se formava, estava em consolidação o movimento kardecista e hoje temos, principalmente no Brasil¹⁹, uma enorme quantidade de pessoas que se auto-denominam médiuns. Isto por si só é elemento para que retomemos estes estudos e reiniciemos nossas pesquisas, pois precisamos descobrir os elementos que efetivamente separam uma manifestação patológica de uma manifestação legítima a fim de podermos lidar com a realidade do paciente tal qual ela se apresenta, e não como nós a julgamos preconceitualmente. Nos consultórios de psicanálise tradicional, não raro é encontrarmos estas pessoas sentindo-se desconfortáveis para abordarem seus sentimentos e a realidade de seu exercício mediúnico, pois a sensação de poderem estar sendo julgadas como histéricas ou psicóticas por parte do analista faz com que se calem. Cria-se, assim, uma espécie de tabu que impede que o analista efetivamente descubra se a pessoa é mesmo um médium ou realmente está canalizando parcelas de seu inconsciente pessoal. A consequência é séria, pois esta área importante da vida da pessoa fica fora das análises.

Pelo que foi dito acima, o fato de trabalharmos com psicanálise reencarnacionista não significa que aceitemos toda e qualquer 'comunicação mediúnica' sem a passarmos pelo crivo da racionalidade e da crítica. Se assim o fizéssemos, estaríamos fundando uma nova religião e não realizando um trabalho que tenha qualquer vantagem para nossos pacientes. Por este motivo, vamos nos obrigar a um rigor analítico e abordar casos que se configuram tanto como fenômenos inquestionáveis, quanto casos que demonstram ser de cunho marcadamente patológico, no intuito de dar elementos para que possamos começar a distinguir uns dos outros. Em nossa concepção, esta dupla abordagem é a única que realmente tem a potencialidade de baixar o véu dos preconceitos e criar condições para um efetivo discernimento em relação à mediunidade.

Neste ponto, é preciso que esclareçamos que a visão reencarnacionista é uma visão evolutiva da consciência e, desta forma, inclui em si mesma a possibilidade de que uma personalidade sobreviva à morte em sua forma individual mantendo a estrutura psíquica que a definia em vida e existindo em uma outra dimensão até que se estabeleçam condições para um novo reencarne. E este novo reencarne dá-se

¹⁹ Segundo dados do Vaticano, o Brasil é o país no qual se concentra o maior número de adeptos do espiritismo no mundo.

exatamente pela necessidade de que uma consciência individual permaneça no fluxo de evolução do Universo, ou seja, que ela se expanda a partir de si mesma e continue seu processo evolutivo sem estagnar em um 'além eterno' ou simplesmente se extinguir com a desintegração do corpo. A reencarnação, portanto, reinsere o ser humano como elemento de um Cosmo que surgido no ponto zero do Big-Bang permanece em constante evolução, através da expansão e modificação nas formas e nas estruturas exteriores.

Antes de adentrarmos nos casos selecionados, comecemos por explicar o que entendemos dos quatro termos envolvidos nesta questão: médium, mediunidade, paranormalidade e projeção do inconsciente. Por médium entendemos um indivíduo que tem a capacidade de fazer a ligação entre um ponto "A" e um ponto "B", sendo que "A" é uma consciência fisicamente não presente no momento e "B" uma consciência que pode ser alcançada fisicamente pelo médium, seja através de um gesto, de um comunicado escrito, ou de uma palavra falada. Ou seja: a função do médium se restringe a possibilitar a comunicação de uma pessoa para outra, sendo ele mero veículo ou tradutor desta comunicação. Disto se conclui que o médium não precisa, necessariamente, estar sendo influenciado pela consciência de uma pessoa desencarnada, mas pode estar igualmente canalizando o pensamento de uma pessoa viva. Neste sentido amplo, o médium também poderia ser definido como um ser de capacidades telepáticas conscientes e a telepatia, como veremos a seguir, é um fenômeno muito mais comum do que podemos imaginar em princípio.

De forma restrita, no entanto, o conceito de mediunidade aborda exclusivamente a possibilidade de intercomunicação entre duas dimensões e, neste sentido, o termo médium descreve mais adequadamente as pessoas que têm a capacidade de ligar a dimensão dos encarnados à dimensão dos desencarnados. Portanto, ao se atribuir a um indivíduo a conotação de médium está se enfatizando sua capacidade de ser um canal de comunicação entre individualidades pertencentes a dois planos diferentes da Criação, e isto exclui desta categoria pessoas que estejam canalizando informações originárias de seu inconsciente pessoal, de uma fonte arquetípica, ou da consciência de alguém encarnado.

O próximo termo que precisamos definir é paranormalidade. Atribui-se a uma pessoa a característica de paranormalidade se ela for capaz de colocar sua psique funcionando em níveis que descrevemos como acima do comum e pouco usuais. Estas pessoas são capazes de, por exemplo, descrever detalhadamente locais nos quais jamais estiveram e algumas delas foram utilizadas em solo americano para descrever as bases militares soviéticas durante a guerra fria. Também existem casos de indivíduos que, em experimentos controlados, descreveram o ambiente de planetas décadas antes de sondas espaciais comprovarem a validade do que eles viram mentalmente. Há ainda casos de paranormais que são capazes de prever eventos futuros com margem de acerto superior a 70%.

A paranormalidade, portanto, poderia ser definida como uma capacidade de levar a consciência individual para além da dimensão espaço-tempo e, para usar uma

terminologia psicanalítica, adentrar a realidade do inconsciente coletivo ou da quarta dimensão. Ela é mais comumente encontrada no grupo daqueles que Jung chamou de intuitivos, ou seja, que privilegiam a função da intuição como forma de abordagem das realidades objetiva e subjetiva. Lembremos, contudo, que cada um de nós possui em sua psique todas as funções da consciência – quais sejam pensamento, sentimento, intuição e sensação – e que somente nos diferenciamos em grupos porque escolhemos, em tenra idade, uma ou duas destas funções como formas preferenciais de abordagem interna e externa. Portanto, o que diferencia o paranormal de seus pares ‘normais’ não é exatamente possuir uma função extraordinária, mas utilizar de forma mais ou menos consciente esta função.

Podemos encontrar, ainda, paranormais que sejam capazes de realizar modificações nas estruturas de objetos físicos, tais como entortar peças de metal ou mover objetos. Em nossa concepção, estas pessoas aliam de forma surpreendente as funções da sensação – prioritariamente ligada aos objetos físicos – com a função da intuição – prioritariamente ligada ao inconsciente. Uma outra possibilidade é a de que esta capacidade telecinética seja uma maneira especial de lidar com o fenômeno que Jung chamada de sincronicidade e que, em termos simples, é exatamente a capacidade de constelar energias do inconsciente de forma a provocar modificações ou ocorrências físicas.

A última expressão que precisamos definir é ‘projeção do inconsciente’ e, com este objetivo, precisamos dar uma breve olhada nos conteúdos do inconsciente pessoal e coletivo. Em outros trabalhos definimos inconsciente não como uma entidade, mas como uma faixa, zona ou frequência dentro das quais circulam energias arquetípicas e pessoais que se constelam em ‘personagens’ dotados de propósito, vontade e algum tipo de personalidade própria que independem daquelas encontradas no ego ou consciência objetiva. Quando o personagem é arquetípico, ele se liga de forma absoluta ao inconsciente coletivo e, desta maneira, não sofre grandes acréscimos pessoais ou variações tonais individuais. É o caso, por exemplo, do arquétipo do Predador, facilmente encontrado no inconsciente de analisandos como uma força contrária à consciência com especial preferência pela destruição da criatividade pessoal. Em todos os indivíduos nos quais este arquétipo alcança a proximidade da consciência, ele se manifesta exatamente da mesma forma e seu aparecimento se faz comumente nos sonhos de destruição. E é nos pacientes paranóicos que ele se mostra em toda a sua crueldade, pois até que eles sejam analisados e aprendam a lidar com esta energia arquetípica, projetarão seu conteúdo e interesses destrutivos no mundo objetivo em fantasias de perseguição e traição que levam o paciente a um estado de grande sofrimento e isolamento.

A projeção, portanto, é um mecanismo natural utilizado para manipular um conteúdo inconsciente antes que este conteúdo seja integrado, e tem a finalidade de auxiliar a consciência a lidar com esta energia em um primeiro nível, ou seja, antes que ela seja efetivamente capaz de suportar em si mesma a energia que se constela em seu inconsciente. Mas existe igualmente a possibilidade de que o conteúdo do inconsciente seja inteiramente pessoal e nada tenha de arquetípico. Este é o caso dos complexos

autônomos que, na teoria reencarnacionista, explicamos como sendo originários de personalidades vividas pelo Self em outras encarnações e que permaneceram não resolvidas quando do desencarne. Estes complexos aparecem nos sonhos e nas fantasias acusando um total desconhecimento das realidades e necessidades da vida física presente do sonhador e é exatamente isto que os diferencia de um arquétipo uma vez que estes, graças a sua capacidade simultaneamente transcendente e imanente, estão perfeitamente informados de tudo o que se passa com a consciência. O outro elemento diferenciador é a complexidade personalística, pois estes complexos são efetivamente personalidades formadas anteriormente, o que significa dizer que tiveram toda uma encarnação no pretérito e estão plenos de vivências, vontades, gostos, exigências e preferências relativas àquele momento histórico.

Realizadas estas considerações, torna-se suficientemente óbvio que o mecanismo de projeção, principalmente dos complexos autônomos, é mais um grande dificultador para a separação de um fenômeno legitimamente mediúnico de uma ocorrência neurótica ou histérica do inconsciente. Não bastasse isto, devemos considerar ainda a realidade de um outro fenômeno chamado telepatia. Por telepatia compreende-se a capacidade de uma pessoa captar o pensamento de outra e, ao contrário do que costumamos acreditar, esta é uma ocorrência excessivamente banal no dia-a-dia – e somente o medo e o preconceito arraigados do ego nos fazem desacreditar que não seja assim. Em um de seus últimos trabalhos, Freud apresenta provas da realidade da telepatia durante os processos analíticos; também Jung faz em seu trabalho várias referências à realidade e à relativa banalidade da telepatia. Esta realidade é por nós comprovada no exercício diuturno da profissão, durante o qual mais de uma vez pacientes por nós analisados foram capazes de trazer para suas consultas material relativo à vivência do analista.

Citamos, a título de ilustração, o caso de uma paciente que já estava em análise por um período de quatro meses, vindo para suas consultas sempre no mesmo dia e no mesmo horário. Em uma determinada data, precisamente no dia da consulta desta paciente específica, a analista teve um problema pessoal e desejou pedir a paciente que chegasse 15 minutos antes do seu horário habitual. Decidiu, no entanto, não telefonar fazendo este pedido e se conformou a chegar antecipadamente no consultório e esperar no horário combinado. Meia hora antes do mesmo, a paciente telefonou à analista confusa sobre qual seria o horário de sua consulta, e explicou que subitamente lhe viera à mente a idéia de que sua consulta seria às 16h15 e não às 16h30 como sempre ocorrera. A analista, acostumada com estes eventos, limitou-se a pedir que ela efetivamente chegasse 15 minutos mais cedo e somente quando a viu pessoalmente foi que lhe explicou que a confusão mental gerada fora produto do desejo da analista, pois jamais ela fora atendida às 16h15.

Acima dissemos que eventos como estes são extremamente comuns em um consultório de psicanálise e isto poderia levar algumas pessoas a objetarem que o fato de os indivíduos envolvidos estarem realizando o processo incomum de análise faz com que elas tenham um nível de sensibilidade maior em relação ao inconsciente uns dos outros. O processo os levaria naturalmente a aprender a emitir, receber e traduzir os

impulsos e as sensações daí advindas em termos inteligíveis para a consciência e, ainda, que os inconscientes de analista e analisando efetivamente devem estar em contato direto, o que poderia não ocorrer fora de um set terapêutico. A verdade, contudo, passa bem longe disto, pois não há um único indivíduo sob o planeta que não tenha vivido pelo menos um episódio de telepatia legítima. No Modelo Piramidal do Inconsciente²⁰ explicamos detalhadamente que qualquer pensamento que nos ocorre não é mais que um impulso de energia elétrica que passa por nosso cérebro e, na condição de energia, transita livremente no inconsciente pessoal e, a partir dele, no inconsciente coletivo, podendo então ser captado por qualquer outro indivíduo em qualquer latitude ou longitude geográfica. E o que diferencia um fenômeno espontâneo, como o de nossa paciente, de um fenômeno telepático de um paranormal é somente a capacidade que este último indivíduo tem de controlar pela vontade o estar consciente tanto da emissão quanto da recepção do pensamento de outra pessoa.

Voltando à questão da mediunidade, fica evidente que ela conta com uma capacidade inerente a qualquer um de nós, qual seja a capacidade telepática, para sua ocorrência. E assim como o paranormal, o que diferencia as pessoas comuns daqueles chamados médiuns é somente o suposto controle que estes últimos tenham sobre esta capacidade e, como já o dissemos, o fato de que a outra personalidade envolvida está em um outro universo paralelo ao nosso. A possibilidade da existência deste o universo é discutida pela física quântica através da Teoria das Cordas que preconiza a existência de dez ou onze universos, configurando o que vem sendo chamado de 'pluriversos'. Esta mesma teoria, em seus desdobramentos, explica que existe uma força que passa de um universo ao outro e que esta força é por nós conhecida como força da gravidade. Podemos partir do pressuposto de que se a gravidade é capaz de passar de um universo para o próximo, e vice-versa, existe efetivamente algum tipo de interação energética entre estes universos separados entre si por uma distância infinitamente menor do que a espessura de um fio de cabelo. Dentro desta configuração, poderíamos aventar a real possibilidade de inter-comunicação mental entre os seres de um e de outro universo.

Permanecemos, contudo, com uma dificuldade: se os complexos autônomos também transitam na frequência do inconsciente – apenas que estão no inconsciente pessoal – tanto quanto os arquétipos – que estão no Inconsciente Coletivo Cultural ou Transcultural²¹ –, e se os pensamentos de pessoas desencarnadas também têm que contar com a mesma via do Inconsciente Coletivo para poderem atingir a consciência de um encarnado, como diferenciar na prática mediunidade de projeção neurótica de complexos autônomos? Em seu trabalho "Um Caso de Sonambulismo Com Carga Hereditária", Jung²² discute detalhadamente um caso do qual ele conclui, ao final,

²⁰ Ver nosso trabalho "Fundamentos de Psicanálise Reencarnacionista",

²¹ Ver Modelo Piramidal do Inconsciente em "Fundamentos de Psicanálise Reencarnacionista".

²² Jung, Carl Gustav, Estudos Psiquiátricos, OC, Volume I, Ed. Vozes, 1971.

tratar-se exatamente de um fenômeno patológico e não de uma ocorrência mediúnica legítima. Para chegar a esta conclusão, ele isolou elementos da personalidade da jovem em questão e percebeu que as ditas “personalidades espirituais” nada mais eram do que prolongamentos inconscientes da personalidade desperta da paciente que ora a melhoravam, ora a pioravam ou simplesmente a repetiam de forma maçante. Não bastasse esta percepção, ao final de um período intenso de sessões, a suposta médium foi igualmente flagrada em uma atitude de franco embuste. Jung, contudo, deixou passar ao largo algumas características curiosas deste caso que nos levam a uma reanálise do mesmo.

Convém que expliquemos antes disto que em toda sua obra Jung jamais se admitiu como absolutamente crédulo frente aos fenômenos mediúnicos e, contudo, por mais de uma vez transpira em seu trabalho uma enorme curiosidade sobre o ‘oculto’. Sua atitude sempre foi a atitude de um pesquisador dos conteúdos do inconsciente pessoal e coletivo, o que significa dizer que todo o tempo ele sempre passava qualquer fenômeno sob o filtro de uma ocorrência vinda diretamente do inconsciente da pessoa do médium e não temos notícia de que em seus escritos ele tenha admitido uma única vez a possibilidade de que uma ocorrência como a citada neste seu trabalho em pauta tenha origem na influência de espíritos. Ainda assim, em sua autobiografia²³ ele fala abertamente da possibilidade de que os espíritos dos mortos possam se comunicar com os vivos através dos sonhos e esta possibilidade também nós já a pudemos comprovar na análise dos sonhos de nossos pacientes.

A atitude junguiana de atribuir ao inconsciente pessoal a maior parte dos fenômenos ditos ‘mediúnicos’ nos é, neste momento, de grande ajuda, pois possibilita levantar os parâmetros para conseguirmos discernir entre uma ocorrência legítima de uma ocorrência patológica. Do que se observa de seu trabalho, o falseamento de uma comunicação mediúnica dá-se, na maior parte dos casos, quando a consciência do médium e seu inconsciente estão em conflito com a postura desta última perante a realidade interna e externa.

Um outro pesquisador que estudou à exaustão este assunto foi Allan Kardec e também ele nos legou elementos que igualmente podem servir de parâmetro para discernir entre um fenômeno patológico e um fenômeno legítimo. No Livro dos Espíritos, Kardec define o “charlatanismo” como uma ocorrência esperada sempre que existirem interesses e ambições pessoais por parte do médium. Ele deixa ainda bastante claro que estes interesses nem sempre são de ordem financeira e, agregando-se a isto a conclusão junguiana, podem até mesmo ser de origem megalomaniaca ou ambiciosa, consciente ou inconsciente, para compensar uma personalidade apagada e doentia.

²³ Jung, Carl Gustav, Memórias, Sonhos e Reflexões, Ed. Nova Fronteira, 1961.

1) O caso²⁴ S.W.

A jovem S.W. era uma adolescente alemã de 15 anos e meio no ano de 1899. detentora de um caráter inseguro, facilmente influenciável e afeita a ocorrências histéricas²⁵. Sua personalidade está, à época das manifestações, completamente diluída em uma família complexa, e o desenvolvimento de uma 'mediunidade dramática' eleva seu status social perante a família e conhecidos. Por si só isto não seria um parâmetro para classificá-la como 'falsa-médium', pois há casos de médiuns legítimos que também passam por uma espécie de elevação social da importância de sua personalidade quando manifestam sua mediunidade. O elemento diferenciador, portanto, fica por conta do caráter das comunicações que, nas sessões finais ocorridas no caso de S.W., e de todos os outros médiuns que pudemos observar em manifestações ilegítimas, são desprovidas de qualquer conteúdo que não possa ser encontrado na consciência e no inconsciente da dita médium.

É nas primeiras sessões, contudo, que nossa atenção irá se focar. Inicialmente, como era costume na época, as pessoas colocavam suas mãos sobre uma mesa e após o transcurso de algum tempo, começavam a ocorrer movimentos chamados inteligentes atribuídos à presença dos espíritos. Jung analisa estes movimentos como sendo originários de impulsos automáticos do inconsciente, mas ao parágrafo 94 da obra em questão ele afasta a possibilidade de total simulação, pois ocorreu, nestas primeiras sessões, uma efetiva leitura do pensamento das pessoas presentes na sala. Contudo, não é isto que define uma ocorrência mediúnica, uma vez que a telepatia é uma realidade que pode ser comprovada por qualquer um de nós em sua vida pessoal. Ela é, como já o dissemos, uma capacidade comum que é vista como espetacular apenas e tão somente porque estamos acostumados a lhe atribuir um caráter místico que não possui.

Na evolução do quadro, a jovem passou a entrar em um estado de semi-sonambulismo, o que levou ao abandono da mesa como ferramenta e ao aparecimento de diversas 'personalidades' que agora se comunicavam pela boca da médium. Uma destas personalidades se auto-intitulava o avô da jovem, mas as características de elevada moralidade, religiosidade piedosa e seriedade que ele apresentava não condiziam com a realidade histórica de sua personalidade. Outra entidade presente chamava-se de Ulrich Von Gerbenstein, que era cópia perfeita de uma outra identidade que aparecera anteriormente, chamada simplesmente de P.R, e que se caracterizou por um comportamento falador, espirituoso, revelando-se também um fanfarrão leviano. P.R. apresentava-se como o irmão morto de um dos presentes,

²⁴ Não iremos discutir todos os detalhes do caso, pois quem o desejar poderá lê-lo diretamente na obra junguiana, mas nos ateremos somente a algumas características das personalidades envolvidas e, fundamentalmente, nas características das comunicações que transpiravam nas sessões mediúnicas.

²⁵ O conceito de histeria até então em voga poderia ser resumido como a ocorrência de sintomas orgânicos, tais como paralisia, cegueira, pseudociese etc., cuja origem não tem base em uma função ou evento fisiológica, mas no inconsciente do paciente.

mas negava-se a dar informações que pudessem colocar acima de qualquer suspeita sua identidade e, assim, aos poucos foi sendo substituído por Ulrich, principalmente depois que seu suposto irmão encarnado afastou-se das sessões. A terceira destas personalidades chamava-se Ivenes e atribuía-se a si mesma a característica de ser o 'eu elevado' da própria médium, algo como uma personalidade transcendente que estava além do acesso normal da consciência desperta. Esta última personalidade tem para nós um interesse especial, pois assumia abertamente tratar-se de um complexo da psique da própria médium.

Às duas primeiras somaram-se uma série de outras identidades que, quando analisadas em profundidade, revelavam ser somente variações minúsculas ora do avô, ora de Ulrich. Durante os dois primeiros meses, o teor das comunicações foi classificado como solene e edificante, sendo apenas ocasionalmente perturbado pela presença de P.R. e, posteriormente, de Ulrich. É de se notar que ainda que a jovem tivesse uma instrução mediana e não fosse reconhecida por nenhum dote intelectual, Ulrich falava um alemão quase impecável. Poderíamos supor que, em se tratando de um caso histórico, esta capacidade de correção verbal pudesse ser atribuída a um fenômeno psíquico chamado criptomnésia, que se caracteriza pelo surgimento na consciência de um conhecimento retido no inconsciente e liberado de forma espontânea sem que a consciência reconheça sua origem histórica. Neste caso, por exemplo, pode-se afirmar que por ter sido instruída a jovem tinha em seu inconsciente o perfeito conhecimento da língua pátria, mas suas limitações de personalidade a impediam de tomar posse deste conhecimento e de a utilizar corretamente. Em sessões posteriores, também ocorreu um outro fenômeno psíquico chamado de glossolalia, que se caracteriza por 'falar em línguas'. Mas também no caso em pauta, Jung demonstra que esta modesta glossolalia é um mero emprego inconsciente de impressões auditivas sem qualquer sentido cognitivo.

Quando em estado de semi-sonambulismo, ao mesmo tempo que ocorriam as comunicações e a transmissão do pensamento das personalidades chamadas espirituais, sua mente consciente estava focada em um outro estado no qual se via em viagens a lugares distantes ou mesmo a outras esferas. Ocasionalmente ela também entrava em estado de êxtase, durante os quais sentia-se inundada por uma grande paz e tranqüilidade. A partir de um determinado momento, o teor das comunicações foi preenchido pela complexa elaboração de romances intrincados nos quais a jovem se via como mãe, irmã ou amante de alguns dos presentes – e mesmo como amante de Goethe – em uma sucessão infundável de reencarnações.

Jung analisou corretamente que estes romances tinham a finalidade de aumentar a importância da personalidade da médium perante o meio e a família à qual estava inserida, pois a colocavam sempre como personagem central destes dramas. Igualmente concordamos com ele quando afirma que o 'avô' representava um esforço da psique para apresentar um comportamento mais religioso e centrado, enquanto 'Ulrich' representava um esforço no sentido oposto, qual seja o deixar livre o caminho para a manifestação das fantasias de cunho sexual e dramático que usualmente

surgem na adolescência. No meio destas personalidades, Ivenes representava, na concepção junguiana, o que a jovem gostaria de ser quando atingisse a maturidade.

Disto concluímos que na canalização de qualquer aspecto do inconsciente de uma pessoa erroneamente chamada de médium, não existirão 'furos' na linha psicológica, pois a totalidade psíquica será sempre meta e as comunicações ora se pautarão de conteúdos que farão uma reafirmação egóica, ora colocarão em exposição uma atitude complementar compensatória ou opositiva ao ego. Se, por exemplo, uma pessoa é nervosa, irritadiça ou agitada em sua personalidade diuturna, podemos supor em seu inconsciente duas vertentes facilmente encontradas em suas canalizações: ou o inconsciente irá repetir monotonamente um discurso que exorte à calma, à serenidade e à tranqüilidade, ou ele irá repetir, igualmente de forma monótona, um discurso que se pauta pela livre expressão de seu caráter nervoso. A palavra-chave aqui é 'monotonia'. Jung refere-se a isto na constatação de que as sessões que ocorreram após os dois primeiros meses eram simples repetições ou pequenas releituras dos conteúdos liberados logo no início. Não foi possível à jovem S.W. manter um nível crescente no caráter de suas comunicações e apresentar novidades legítimas neste conteúdo. O motivo é óbvio: a função da interação entre a consciência e o inconsciente é levar à primeira à análise e/ou reintegração de um conteúdo relegado até então ao segundo. Em psicanálise isto se traduz na elaboração e reelaboração constante de uma verdade que pertença ao inconsciente. Diante de seus traumas ou de uma neurose, a personalidade e o inconsciente irão 'falar vezes sem conta' sobre o mesmo assunto, e ainda que um novo conteúdo surja do inconsciente, e o foco da análise seja temporariamente desviado, o conteúdo anterior irá reaparecer oportunamente no transcurso da análise até que seja plenamente assimilado pela consciência e verdadeiramente transformado no inconsciente.

A validade desta conclusão apresentou-se não somente no fato de que o final das sessões foi determinado pelo desgaste dos presentes graças à crescente dominação de Ulrich, quanto pelo flagrante de embuste. Todas as personalidades envolvidas sofreram algum tipo de deterioração e passaram a apresentar um grau crescente de insegurança nas comunicações. Esta deterioração pode ser explicada pela colocação do caso em paralelo com o que ocorre em um processo psicanalítico atual. Ao iniciar seu tratamento, o paciente traz para as consultas um determinado conteúdo inconsciente que exigirá dele um esforço para ser integrado à consciência. Nestas primeiras consultas, o conteúdo aparece com uma força e numinosidade impressionantes, fruto da repressão à qual foi submetido até então. Conforme for ocorrendo a reintegração do conteúdo, ele perde o caráter de numinosidade e a força libidinal que se agregava ao complexo ao qual ele pertence passa gradativamente a pertencer à consciência, ocorrendo uma espécie de fusão entre o que até então se apresentava como dois pólos opostos. Este ponto intermédio proporciona o surgimento do que Jung chamou de Função Transcendente que é, grosso modo, exatamente a capacidade de encontrar um ponto mediano entre a postura da consciência e a do inconsciente frente a realidade interna e externa. Contudo se o paciente resiste à integração, ou se a total reintegração ainda não é possível graças à imaturidade inconsciente, pode ocorrer que a libido

envolvida volte a cair nas camadas mais profundas do inconsciente e o conteúdo constelado sofra uma perda de força e coerência interna. E se, ainda que resistindo à integração, o ego insiste em, por exemplo, realizar uma imaginação ativa²⁶ com o complexo, ele não apresentará mais do que fracas e forçadas repetições de todo material até então apresentado.

2) Caso Walkíria Kaminski

Analisemos agora um outro caso de mediunidade que apresenta caracteres mais próximos de um fenômeno legítimo. Esclarecemos, contudo, que não nos foi possível observá-lo pessoalmente e as informações que dispomos foram retiradas do relato pessoal da própria médium, publicado na forma de um livro intitulado “Pescadores de Almas²⁷”, e de observações diretas realizadas por um familiar da analista. Também devemos esclarecer que não conseguimos contato com a médium ou com qualquer outra pessoa que a conheça na intimidade, o que nos impossibilita realizar qualquer análise em um período posterior a maio de 1989, data em que pode ser observada diretamente em trabalho mediúnico por nosso familiar.

Pode-se objetar que o fato de podermos dispor apenas do livro publicado pela médium nos induzia ao erro analítico, pois por óbvio qualquer escritor que apresente um trabalho como retirado de sua vida privada com a finalidade de ‘provar algo’ irá selecionar conscientemente o material a fim de que ele efetivamente corrobore suas crenças e não as contradiga. A estes argumentos, contrapomos a realidade de que por mais que uma consciência tente falsear um relato, o inconsciente sempre irá fazer-se presente em uma criação fantástica por tempo suficiente para ser detectado por um analista experimentado. Este fenômeno de ‘falseamento’ é tão comum nos consultórios analíticos que podemos mesmo supor que um psicanalista só poderia realmente se considerar apto para analisar outra pessoa quando fosse capaz de garimpar cuidadosamente as contradições do discurso egóico que todo paciente apresenta em cada consulta, notadamente naquelas em que a resistência tenta impedir exatamente o surgimento da verdade inconsciente.

Dito isto, façamos inicialmente um breve histórico do caso: à época da publicação do livro, 1988, Walkiria tinha 36 anos de idade e relata sua vida em retrospectiva. Desde a infância a família da médium é adepta do espiritismo e sua mãe apresenta características de transe mediúnico, nos quais perde completamente a consciência

²⁶ Imaginação Ativa é uma técnica junguiana que leva o ego à interação consciente com o material inconsciente com a finalidade de fazer surgir precisamente a Função Transcendente. Para um maior aprofundamento deste assunto, recomendamos aos leigos o excelente livro de Robert Johnson, “Imaginação Ativa”, publicado no Brasil pela editora Mercuryo.

²⁷ Kaminski, Walkiria. “Pescadores de Almas – Depoimento Real Sobre Reencarnação”, Casa do Caminho, 1988.

para, a seguir, realizar comunicações das quais não tem o menor conhecimento quando desperta. Em uma destas comunicações, a mãe da médium realiza a profecia de que uma de suas filhas passaria na idade adulta por graves dificuldades ao lado de uma pessoa da raça polonesa. Anos depois, em outro transe, a mãe da médium a exorta a continuar um relacionamento que a jovem estava relutando em assumir e esta exortação contradita abertamente com a atitude da mãe quando desperta, pois ela efetivamente gostaria que a filha não se relacionasse com o jovem em questão.

Por seu turno, o pai da médium apresentava, tanto quanto esta, relatos de vidência dos espíritos dos mortos. Em 1970, portanto quando Walkiria tinha 18 anos de idade, seu pai falece, o que lhe causa grande sofrimento emocional. Três anos depois ela se casa com um jovem de família polonesa e, como previra a mãe, vive ao lado dele grandes dificuldades financeiras, passa a apresentar um quadro reumático grave e ainda demonstra sofrer de uma depressão unipolar com ideação suicida. A mediunidade, que até então se caracterizava apenas pela vidência, irrompe na forma de fenômenos físicos aos 23 anos, o que a leva de volta a um centro espírita para a realização do que se chama desenvolvimento mediúnico, que se caracteriza pela 'educação' das manifestações até então descontroladas da mediunidade.

Aos 29 anos, em 1981, seus trabalhos mediúnicos se deslocam da ministração de passes e trabalho em sessões de desobsessão para um tipo bastante diferenciado de fenômeno: a produção de obras artísticas assinadas por pintores famosos, dentre os quais Rembrandt, Toulouse Lautrec, Matisse, Van Gogh e Amedeo Modigliani. O aparecimento deste último pintor foi um elemento determinante na constituição psíquica de Walkiria, pois na Páscoa de 1982, durante sua primeira exposição, ela realiza o que se chama 'regressão espontânea a uma vida pretérita' e se vê como a jovem esposa francesa de Modigliani, Jeanne Hebuterne, que suicidou-se grávida dias após a morte do marido, vítima de tuberculose.

Realizados estes levantamentos biográficos, iniciemos agora nossa análise do caso, nos atendo primariamente a todos os elementos que poderiam refutar a hipótese de uma mediunidade legítima a fim de extrairmos do caso os elementos que sobrevivam a este escrutínio e que possam nos dar o diferencial entre o patológico e o verdadeiramente mediúnico.

O fato de ter nascido em uma família espírita faz de Walkiria uma crédula, ou seja, coloca sua disposição psíquica consciente em um nível elevado de aceitação e tolerância ao fenômeno mediúnico, o que não ocorreria fosse ela originária de uma família que tivesse, por exemplo, uma crença protestante ou uma abordagem completamente materialista da vida. Nestas duas últimas famílias, suas companhias 'espirituais' de infância teriam sido classificadas como fantasias e, efetivamente, poderiam ter sido meras objetivações de um conteúdo do inconsciente infantil, pois, nesta fase de formação e consolidação da personalidade consciente, os limites entre o ego e o inconsciente são ainda fluidos, o que possibilita que os conteúdos emocionais sejam objetivados na figura de 'companheiros invisíveis' que atendem aos anseios de companhia do ego infantil. Estes companheiros fantásticos possibilitam à criança um

recurso ideal para lidar com angústias, medos, raivas etc., ou seja, participam da formação do ego como elementos de equilíbrio entre o socialmente aceitável e o inconscientemente desejado. Com eles a criança brinca e fala sobre suas angústias de adaptação, conta e 'ouve' histórias que a ajudam a se referenciar subjetiva e objetivamente e, fundamentalmente, rompem o sentido de isolamento que muitas vezes ocorre quando a criança descobre que no mundo adulto há ainda muitas portas que lhe são fechadas sem que em seu inconsciente estas mesmas portas deixem de existir.

Em seu relato, Walkiria não inclui qualquer referência a maiores detalhes desta interação infantil e sabemos apenas que as visões se desenvolveram ao longo dos anos, mesmo na fase adulta, o que não seria comum na hipótese de 'companheiros invisíveis infantis', mas condiz com sua realidade histórico-familiar. Sabemos, ainda, que o caráter confortador dos personagens vislumbrados permaneceu o mesmo, pois ela não relata visões de seres monstruosos²⁸, mas de seres de elevado cunho espiritual que vinham em seu socorro sempre que a consciência passava por um processo de angústia.

É importante ressaltar que diferente do caso S.W., Walkiria não entrava em transe durante suas visões e permanecia em estado de completa vigília. Tivesse sido ela examinada por um psiquiatra ortodoxo, talvez pudesse ter recebido o diagnóstico de Personalidade Limítrofe ou Borderline, que se caracteriza, dentre outras coisas, pela invasão de imagens oníricas durante o estado de vigília, sem que o paciente se dê conta da 'irrealidade' de suas visões. Walkiria, contudo, acusa ter plena diferenciação entre a visão de um espírito e a visão de um vivo, mas trata a ambos como uma realidade inquestionável.

Na hipótese de que estas visões tenham um caráter patológico, poderiam ser explicadas pelo fato de existir no inconsciente de Walkiria uma disposição depressiva com ideação suicida que ela mesma confessa. Assim sendo, ainda que seu ego mantivesse uma cota libidinal próxima do normal, e que ela fosse capaz de manter uma funcionalidade adaptativa que lhe permitisse estudar, divertir-se e trabalhar como qualquer outra jovem, existia em sua psique um desejo constante de morte que poderia explicar suas visões. Como ela não detalha estas aparições e as classifica com o mesmo teor que teriam 'companheiros invisíveis' de função adaptativa de uma criança, não temos elementos para excluir a possibilidade de que estes 'espíritos' tenham sido frutos de uma compensação inconsciente à sua atitude depressiva. E somente com o desenvolvimento do caso é que poderemos colocar a hipótese de fantasia neurótica em suspenso.

Analisemos agora os fenômenos que ela chama de manifestações físicas. Na introdução deste artigo explicamos que há duas hipóteses para que estes fenômenos ocorram: a capacidade telecinética e a capacidade de provocar sincronicidades. Estas duas hipóteses podem ser aplicadas ao caso, pois a telecinese se define pela possibilidade de o sujeito produzir por sua vontade – ainda que neste caso seja uma

²⁸ O que não significa que estas visões não possam ter ocorrido, apenas que não foram relatadas.

vontade inconsciente – manifestações sensoriais visíveis ou audíveis no meio circundante sem qualquer contato com objetos que as possam provocar; e a sincronicidade, também chamada de ‘conexões acasuais’ é a constelação de um conteúdo psíquico que retira do inconsciente uma cota libidinal suficientemente forte para provocar coincidências na matéria sem que haja uma relação causal entre os eventos internos e externos. Daremos um exemplo elucidativo: quando estudava sobre o simbolismo do peixe na História e sua importância psíquica, Jung defrontou-se em um período de 24 horas com nada menos que seis ‘coincidências significativas’ na qual o elemento central era um peixe; e, no dia em que relatava estas ocorrências em um artigo sobre sincronicidade, após escrever o parágrafo contando o evento dos seis peixes, deparou-se com um peixe morto, sem qualquer ferimento, às margens do lago perto do qual vivia. Era o sétimo ‘peixe’ da série²⁹.

Em seu livro, Walkiria relata que o aparecimento do que ela chama de fenômenos físicos veio conturbar sua vida pacata de recém-casada e a obrigou a freqüentar sessões de desenvolvimento mediúnico. Lembremos que em sua psique inconsciente existia uma forte resistência a este casamento e ainda que houvesse uma harmonia amorosa entre o casal, a previsão materna da infância e os temores que ela apresentou durante todo o tempo de namoro com seu marido, que tinha ascendência polonesa, ainda assombravam seu imaginário, mesmo que de forma não consciente. Lembremos que as fantasias são conteúdos inconscientes que enquanto possuírem uma libido baixa permanecem fora do âmbito da consciência; mas quando agregam em torno de si uma cota de libido mais elevada, e esta elevação ocorre preferencialmente quando o motivo inconsciente permanece não integrado à consciência e está em oposição a esta, realizam uma pressão crescente sobre o ego que é, neste caso, obrigado a voltar seu foco sobre eles. Neste movimento, o conteúdo inconsciente pode ser, como já o dissemos, projetado para fora no mundo exterior, seja na forma de fantasias sobre o outro e o mundo objetivo, seja, como no caso, na ocorrência de sincronicidades ou paranormalidade.

Parágrafos a seguir, Walkiria relata que o fato de ter começado a freqüentar as sessões de desenvolvimento a levaram a se confrontar com seu próprio inconsciente, pois ela diz textualmente que descobriu defeitos terríveis em si mesma. Em termos psicanalíticos, pode-se supor que o inconsciente de Walkiria estava em um ponto-limite, e precisava que ela se confrontasse com o que chamamos tecnicamente de Sombra, e que os fenômenos aos quais ela se reporta tiveram por finalidade levá-la a esta constatação. O propósito de um confronto com a Sombra é levar a consciência a tomar em suas mãos a responsabilidade sobre suas motivações inconscientes e a assumir como seus os conteúdos até então ‘execrados’ ou não reconhecidos. Nesta interação com a Sombra, o ego descobre que não é tão ‘bonito e organizado’ quanto imaginava até então e tem que se adaptar ao fato de que em sua psique existe também o feio e o

²⁹ Jung, Carl Gustav. “Sincronicidade: Um Princípio de Conexões Acasuais”, OC. Volume VIII, Ed. Vozes, 1971.

caótico – e que ao final das contas, qualquer um de nós é tão bom quanto mau, ao mesmo tempo!

Se o resultado do chamado desenvolvimento mediúnico foi a diminuição dos fenômenos físicos e, ainda, a ampliação da consciência de Walkiria sobre si mesma, graças ao confronto com a Sombra, encontramos então a peculiaridade de que este desenvolvimento levou aos mesmos resultados que são alcançados quando um paciente psicanalítico chega para o tratamento em profundo desequilíbrio psíquico e realiza então um trabalho sério e efetivo sobre seu inconsciente. Ou seja: por enquanto ainda não podemos descartar a possibilidade de que a mediunidade de Walkiria tenha sido muito mais resultado de um desequilíbrio psíquico do que um fenômeno legítimo. Esta possibilidade, inclusive, é aventada pela própria Walkiria em seu livro, pois até então qualquer um de seus dons mediúnicos pode facilmente ser encontrado também em ocorrências neuróticas e psicóticas comuns tanto em consultórios psicanalíticos, quanto em clínicas psiquiátricas.

Mas é a análise detalhada dos fenômenos que se seguiram a estes que nos levaram a aventar a hipótese de retirá-la da mera classificação patológica. Em 17 de julho de 1981, então sob forte pressão emocional graças à doença de seus três filhos e às dificuldades financeiras, Walkiria começa a produzir, sob transe mediúnico, obras de arte assinadas por grandes pintores da humanidade. Uma vez mais poderíamos supor que o inconsciente estaria tentando supercompensar uma vida árdua para o ego, produzindo em um movimento megalomaniaco algo que a levasse a suportar as dificuldades reais pelas quais passava. Lembremos que no caso da jovem S.W. existia igualmente uma grande frustração por sua apagada condição social e que foi esta frustração que determinou o surgimento de uma mediunidade que elevou seu status dentro do grupo social que pertencia. No entanto, diferentemente do caso de S.W., a produção de Walkiria não decaiu com o passar dos anos.

Na introdução do caso, esclarecemos que não tivemos oportunidade de observá-la diretamente e que nossas fontes são indiretas. Contudo, na Internet encontramos a reprodução de três obras produzidas por Walkiria e assinadas respectivamente pelos espíritos de Van Gogh, Kandinsky e Tarsila do Amaral. De acordo com nosso familiar que a observou em transe mediúnico em maio de 1989, Walkiria produziu cerca de 30 peças em um curto período de aproximadamente meia hora, todas as obras eram de rara beleza plástica. Como não tivemos a oportunidade de analisar em amplitude seu acervo e, ainda, como não dispomos de conhecimento artístico além do nível elementar, não iremos discutir aqui se o conjunto de suas obras ou se mesmo aquelas que pudemos observar pela Internet possuem ou não o mesmo estilo que dos nomes dos artistas sob a qual são assinadas.

O elemento que efetivamente nos faz pôr em suspenso a hipótese de fraude é bem diverso da validação autoral. Pela rapidez com que as peças são produzidas podemos concluir que o agente produtor não é de forma alguma o ego ou consciência, pois até mesmo o mais experimentado e experimental dos pintores leva bem mais do que 30

minutos para produzir um único quadro complexo³⁰. Em seu livro Walkiria confessa que até o desenvolvimento desta habilidade não tinha qualquer conhecimento profundo sobre artes e que desconhecia conscientemente os nomes sob o qual assinava algumas de suas obras eram de pintores que passaram para a história como artistas famosos. Poderíamos admitir, no entanto, que aqui e ali ela efetivamente poderia ter visto algumas reproduções de obras dos referidos artistas sem dar a elas a devida atenção consciente e reter apenas em sua memória inconsciente os elementos desta visão. Esta 'não atenção direcionada' é, como explica Jung, um dos elementos necessários para que ocorra um caso legítimo de criptomnésia, pois a 'memória' irromperia no futuro do ego sob forma de produção 'original' sem que o mesmo se lembrasse da fonte verdadeira do conhecimento.

Contudo, a hipótese da criptomnésia também fica abalada pela diversidade impressionante de estilos e temas de suas obras, pois somente se ela tivesse realizado um curso de artes plásticas ou fosse uma pesquisadora amadora teria conseguido armazenar em seu inconsciente pessoal uma quantidade de informações plásticas virtualmente inesgotável. Estaríamos, neste caso, diante de uma das maiores pintoras do século XX, pois além de produzir obras apuradíssimas em tempo recorde, em apenas três exemplos até mesmo um leigo pode perceber um profundo domínio de mais de uma gramática pictórica. A hipótese de ela estar acessando e canalizando um conhecimento pertencente à faixa do Inconsciente Coletivo Transcultural poderia ser elencada, mas ainda não explicaria a variação temática que se sustenta ao longo do tempo.

Em nosso trabalho psicanalítico estamos acostumados a analisar a produção artístico-terapêuticos de nossos pacientes e sabemos, por experiência clínica, que ao se deixar o inconsciente 'falar' por símbolos pictóricos, ele irá apresentar espontaneamente 'obras' que, ainda que sejam diferentes entre si, terão algum tipo de 'identidade única' pautada pelo complexo energético que assim se expressa. Em outras palavras: sempre haverá um 'tema central' que se manifesta através de um estilo; e estes tema e estilo só se modificam quando o conteúdo inconsciente é totalmente assimilado pela consciência, abrindo espaço para que o inconsciente possa então trabalhar em outras áreas e apresentar novo material. Esta peculiaridade ocorre graças à capacidade limitada do ego para assimilar o inconsciente e, assim, o próprio inconsciente gradua a liberação do material. Somente quando o ego rompe e desenvolve uma psicose é que o inconsciente perde este parâmetro de graduação. Lembremos que parágrafos acima aventamos a possibilidade de que Walkiria tivesse algo parecido a uma personalidade Borderline. Isto poderia levar à invasão da consciência por vários conteúdos inconscientes simultaneamente, equivalendo, assim, a uma inundação ou transbordamento dos limites entre consciência e inconsciente. Mas mesmo nestes casos, ainda encontramos um eixo de conexão entre as diferentes fantasias inconscientes, ou

³⁰ Apenas em alguns raríssimos casos de Autistas com habilidade artística poderemos encontrar tamanha agilidade. Contudo, estas pessoas são todas claramente identificadas com o Transtorno Autista desde a mais tenra infância, o que não é o caso de Walkiria.

seja, ainda que os conteúdos sejam diversificados e caóticos, uma análise profunda do material irá encontrar um 'tema central' ao redor do qual os outros se constelam.

Não é o que ocorre no trabalho de Walkiria, pois cada 'pintor' tem um estilo que poderia ser chamado de 'tema central' em nossa análise psicanalítica. Além disto, a personalidade Borderline se caracteriza por não conseguir impor limites ao inconsciente, que se manifesta quando quer, na hora que quer e do jeito que quer. Efetivamente em seu livro Walkiria confessa que perdia este controle quando o espírito que a influenciava era o do pintor Amadeo Modigliani, mas bastou tomar consciência de que não poderia fazer assim, pois isto contrariava as regras do kardecismo, para que o espírito se enquadrasse nas normas impostas por ela. Qualquer profissional experiente sabe que este controle rígido sobre o inconsciente é impossível no caso de uma pulsão vinda diretamente do inconsciente, esteja esta pulsão se manifestando como simples neurose ou como psicose. E ainda que ela relate a angústia pela pintura com todos os caracteres de uma obsessão inconsciente, exatamente por ter estes caracteres clássicos é que afirmamos que ela não teria condições de fazer frente ao impulso e restringir suas pinturas a um único período, nas tardes de sábado.

Estamos agora, portanto, próximos de conseguir definir o elemento diferencial entre uma manifestação patológica de uma manifestação mediúnica legítima. Resumamos, antes disto, aonde não encontramos eles elemento: ele não é encontrado no caráter telepático, pois já provamos que a telepatia é fenômeno comum ao ser humano; também não o encontramos na modificação da personalidade do médium, pois a canalização histérica ou neurótica do próprio inconsciente também levará, obrigatoriamente, à manifestação de uma outra personalidade – apenas que esta personalidade está no próprio inconsciente da pessoa; tampouco a apresentação de um fenômeno paranormal, seja ele telecinético ou sincrônico, nos leva para muito longe das manifestações espontâneas do inconsciente, pois pode ocorrer toda vez que houver a necessidade de integrar na consciência um conteúdo da Sombra, antagônico ou complementar à postura consciente, ou do Self; igualmente o transe, o sonambulismo ou o semi-sonambulismo, a glossolalia, os movimentos automáticos ou as visões são encontradas em manifestações históricas, patológicas ou ser induzidos por hipnose.

Isto nos leva a uma triste constatação: analisados de perto, muitas das pessoas que se dizem médiuns são apenas indivíduos que não estão conseguindo lidar com seus conteúdos intrapsíquicos e que estão se valendo do fato de vivermos em uma sociedade que absorve, sem maiores conflitos, a ocorrência mediúnica para darem livre curso a estes conteúdos inconscientes. E isto é válido até mesmo para aqueles que apresentam comunicações de caráter notoriamente 'sábio'. Lembramos que dentro do inconsciente de todos nós existem, ao lado da Sombra e de complexos autônomos, uma figura conhecida como Self. Este Self, como o definiu Jung, tem uma sabedoria e um conhecimento transcendentem, adquirido ao longo de infindáveis encarnações e experimentações na matéria. Ligado ao Inconsciente Coletivo, ele é a Centelha Cósmica, a parte de nós que foi feita à imagem e semelhança do Criador e, assim, é de se esperar que uma canalização do Self apresente verdades transcendentem de

caráter numinoso. Contudo, mesmo nestes casos é possível que uma análise detalhada dos conteúdos consiga esclarecer qual é a verdadeira fonte dos mesmos: o Self igualmente não irá liberar quaisquer conteúdos que não possam ainda ser assimilados pela consciência, ou seja, depois de um determinado tempo as comunicações irão estar sempre repetindo os mesmos temas, apenas que revestidos em uma nova roupagem. Em outra linha, também não podemos descartar o fenômeno mediúnico e classificá-lo como patológico apenas porque a pessoa adquire uma certa importância no meio circundante.

Nas manifestações mediúnicas legítimas, pelo que vimos, o conteúdo das mensagens pode até apresentar referências à personalidade do médium, mas não se reveste desta monotonia conceitual ou temática. E este é o elemento verdadeiramente diferencial entre S.W. e Walkiria: a despeito de ambas apresentarem vários sintomas comuns, como vimos acima, a produção 'mediúnica' de S.W. reveste-se de monotonia em repetições infundáveis de romances eivados de tramas e sexualidade não integrada; ao passo que a produção de Walkiria apresenta uma variedade sempre crescente e nada monótona em sua apresentação. Concluimos, então, que se quisermos efetivamente auxiliar nossos pacientes a lidar com fenômenos inicialmente chamados de mediunidade, devemos deixá-los adentrar profundamente nos relatos de suas experiências a fim de conseguirmos levantar se há ou não uma variação temática ao longo de semanas ou meses. Tomando o parâmetro temporal do caso S.W., e dando um crédito para que a consciência do paciente se acomode em suas manifestações, podemos estabelecer que se não ocorrer uma variação temática em um período de três a seis meses – período este em que S.W. foi flagrada em embuste – devemos conduzir a análise para uma integração do conteúdo informando claramente ao paciente tratar-se de projeções do seu inconsciente e não de manifestações espirituais.

Neste ponto alguns devem estar se perguntando qual deve ser a conduta do analista ao concluir tratar-se de uma manifestação mediúnica legítima. A resposta é simples e um tanto óbvia: devemos deixar que a pessoa fale de suas experiências com naturalidade e, paralelo a isto, devemos exortá-la a que procure um centro espírita para dar curso ao que se chama desenvolvimento mediúnico, pois, como no caso de Walkiria, o fato de alguém possuir uma capacidade ou uma habilidade, ainda que inata, não a exime de realizar um treinamento sistemático da mesma. A mediunidade não treinada faz com que o indivíduo seja invadido por manifestações extemporâneas que prejudicam sua funcionalidade e sua adaptação social tanto quanto qualquer manifestação paranormal ou sintoma psicopatológico.

3) Jeanne e Ivenes: Complexos Autônomos ou Personificação do Inconsciente?

Concluiremos este artigo analisando um outro elemento comum tanto a Walkiria quanto a S.W. e que nos dá o ensejo de explicarmos, na prática, o que entendemos

sob o conceito de complexo autônomo e diferenciá-lo de uma manifestação do Self. Tanto Jeanne, quanto Ivenes foram identificadas prontamente como sendo não espíritos de mortos, mas como elementos da psique das respectivas comunicantes. No caso de Jeanne, havia um elevado grau de sofrimento atribuído à sua existência que poderia explicar a atitude depressiva com ideação suicida de Walkiria, bem como uma rejeição inconsciente à figura do marido que, conforme seu relato, apresentava características fisionômicas extremamente similares ao marido de Jeanne, o pintor Amadeo Modigliani. Mantendo o mesmo rigor analítico, poderíamos atribuir à Jeanne, dentro de uma atitude clássica da psicanálise, a finalidade inconsciente de isolar em um elemento personalístico único todos os conteúdos depressivos de Walkiria e, desta forma, possibilitar um destacamento desta depressão para uma área psíquica isolada do ego. Estes deslocamentos têm, em termos práticos, a mesma finalidade que o mecanismo de projeção externa, ou seja, têm a função de possibilitar ao ego lidar com uma energia intrapsíquica sem ser inundado por ela. E em Imaginação Ativa este é o recurso sugerido ao paciente a fim de que ele possa lidar com maior objetividade exatamente com medos, angústias, raivas, frustrações ou qualquer outro conteúdo inconsciente que perturbe sua funcionalidade objetiva ou subjetiva. Dentre os analistas, dizemos, então, que a Imaginação Ativa é uma espécie de 'psicose controlada', pois uma vez que o sentimento seja configurado perante a consciência de forma a destacar-se dela, possibilitará à personalidade a oportunidade de ir transformando e assimilando gradualmente seu conteúdo. O objetivo é trabalhar gradualmente o conflito até que surja entre a atitude consciente e a atitude inconsciente uma espécie de ponto medial, que inclua e transcenda a polarização antagônica que existia até então.

Dentro deste conceito, poderíamos ver em Jeanne exatamente uma tentativa espontânea do inconsciente de Walkiria de lhe proporcionar esta integração e de lidar com sua atitude depressiva sem a assumir egoicamente, mas como elemento constituinte da totalidade de sua psique. Esta constelação de sentimentos e emoções na forma de personagens ocorre com todos nós durante nossos sonhos, uma vez que os sujeitos que aparecem neles são parcelas de nosso inconsciente 'personalizadas' em figuras que nos possibilitarão, se devidamente analisadas, ampliar o conhecimento de nós mesmos sem que precisemos projetar estes conteúdos nas pessoas que nos cercam. E, na hipótese de Walkiria possuir uma personalidade limítrofe, não seria nada espantoso que ela se defrontasse com a realidade de Jeanne não em sonhos, mas durante o estado de vigília.

Em relação à aparição, aceitação e integração, o caso de Ivenes tem um elemento diferencial importante, pois o seu surgimento dava-se somente nos momentos de transe e seu ego não tomava conhecimento direto da realidade por ela exposta. Ainda que Ivenes tenha colocado S.W. como uma extensão de si mesma, no seu estado de plena consciência, S.W. não apresentava qualquer identificação com ela. Parágrafos acima dissemos que o Self também pode se comunicar com a consciência e que o teor destas comunicações terá efetivamente um caráter mais elevado do que aquele possível de ser alcançado pela consciência. Contudo, como elemento que participa simultaneamente tanto do Inconsciente Coletivo, quanto pessoal, o Self tem um componente numinoso e

avassalador, o que o coloca em um nível de transcendência acima da média. Em termos conceituais, quando Ivenes define S.W. como uma parte de si mesma e não o contrário, poderíamos encontrar aí exatamente a definição de Self, pois como Jung o disse, somos nós que estamos contidos nele e não o oposto. Ivenes apresenta em suas comunicações um outro ponto sugestivo para lhe serem atribuídas as características de Self: identifica-se por um nível de maturidade e sabedoria compatíveis com uma idade muito acima da idade de S.W. Além disto, ela também demonstra total conhecimento da realidade interna e externa da jovem, o que é compatível com um elemento inconsciente, tanto do Self quanto da Sombra.

Jeanne, por outro lado, não demonstra qualquer conhecimento da realidade vivida por Walkiria e este é o elemento fundamental para a diferenciação entre uma manifestação do Self ou da Sombra e uma manifestação de um complexo autônomo. Na qualidade de personalidade vivida pelo ser em outra encarnação, o complexo autônomo não irá conhecer qualquer evento que se dê além de sua existência, ou seja, quando ocorre um reencarne, ele deixa de existir para que o ser forme outra personalidade. Quando contatado, seja através de um sonho, de uma imaginação ativa ou, como no caso presente, de forma espontânea, ele irá apresentar exatamente as mesmas características que tinha até então e uma completa ignorância sobre a personalidade atual. Esta ignorância poderá ser suprida em um processo de análise, exatamente pela ferramenta da imaginação ativa, mas ainda assim, o complexo terá informações apenas e tão somente enquanto a consciência estiver lidando com ele, ou seja, enquanto ela estiver mantendo-o informado sobre os eventos que vive.

Citemos um exemplo fictício: suponhamos uma pessoa de meia idade que esteja casada e cheia de responsabilidades sociais em sua profissão e família e que descubra dentro de si um complexo autônomo de um jovem aventureiro absolutamente avesso a formar laços de compromisso sociais. Em um trabalho árduo de análise e interação este complexo pode ser levado a compreender que naquele momento a consciência vive uma vida bastante diversa e que não pode ser pressionado a abandonar tudo e pôr uma mochila nas costas, saindo pelo mundo despreocupadamente. Supondo um sucesso do trabalho psicanalítico e uma modificação neste conteúdo, tão logo a consciência se volte para outros conteúdos intrapsíquicos, ele irá 'estacionar' no ponto em que foi deixado. Anos depois, caso o ego volte a contatar com ele, irá descobri-lo exatamente no mesmo ponto em que foi abandonado, ou seja, não terá sobre o desenvolvimento posterior da consciência qualquer informação.

E isto é exatamente o que ocorre com Jeanne. Ainda que Walkiria tenha colocado em seu livro uma espécie de conscientização pós-morte, ao surgir espontaneamente em sua psique, Jeanne apresenta precisamente a mesma postura depressiva e suicida, como se não tivesse sido 'informada' que a vida não se extingue com a morte e que o 'além' não é solução pacífica para os conflitos existenciais ou angústias da vida. E mais: Jeanne não compartilha da religião espírita que Walkiria tem desde o berço.

Um outro elemento fundamental presente na configuração de todo complexo autônomo é algo que vamos chamar aqui, por falta de expressão melhor, de

viabilidade histórica. Por esta expressão estamos definindo uma coerência psicológica entre as características apresentadas pelo complexo e o momento histórico que ele foi formado. Citemos o caso de uma de nossas pacientes a fim de explicarmos isto. A mulher, de meia-idade, possuía um misto de atração e pavor pelo engajamento em movimentos políticos de cunho popular. Ao mesmo tempo em que sentia uma forte pressão interna para se aliar a um partido político social, sentia igualmente uma espécie de fobia em expor suas opiniões políticas. Em uma regressão espontânea, como no caso de Walkiria, viu-se no corpo de um homem opositor da monarquia e envolvido nos movimentos populares que antecederam em pouco à Revolução Francesa e, no desenrolar da regressão, viu-se preso e torturado nas masmorras da Bastilha exatamente por ter exposto abertamente sua posição política. Ele não se reconhece como um líder, mas apenas como um partidário que, como tantos outros, morreram anonimamente sob tortura. Sua viabilidade histórica não está, portanto, em poder-se conferir nos livros de história a existência daquela personalidade específica, mas em poder-se conferir que os opositores da monarquia francesa efetivamente foram presos e mortos de roldão antes da Revolução se consolidar. E mais: nossa paciente viu-se como um homem do povo. Se ao invés disto ela tivesse se visto como uma jovem dona-de-casa do povo, cercada de filhos e que fora presa por acaso, poderíamos questionar esta viabilidade histórica, pois as autoridades francesas de então tinham algo muito mais sério com o que se preocupar. Agregue-se a isto o fato de que a probabilidade histórica de que uma mãe e dona-de-casa francesa do século XVIII tivesse tempo para se engajar em movimentos políticos é infinitamente mais baixa do que a de um homem do mesmo período.

Como no caso de Walkiria, o complexo autônomo de nossa paciente também pressionava o ego a partir de suas próprias vivências e, igualmente, não acusava uma atualização evolutiva histórica, ou seja, não demonstrava ter qualquer conhecimento de que tanto aquela vida, quanto aquela morte, já tivessem sido superadas e não existissem mais. Disto concluímos que o complexo autônomo tem uma outra característica importante: todos os medos, conflitos, angústias, desejos e esperanças que possuía quando do desencarne ficam absolutamente intocados até que a personalidade atual se volte para eles e os resolva. Desta forma, no caso de nossa paciente, o desejo de se envolver em movimentos políticos era coerente com a realidade da personalidade anterior, bem como o medo de fazê-lo. E enquanto ela não se defrontou com esta outra personalidade, ouviu seus motivos e a informou da mudança de sua atitude consciente, que hoje se volta muito mais para o desenvolvimento interior que para questões sociais, bem como da inadequação de manter um trauma de um evento já superado, no caso a morte, ela não se sentiu liberada para seguir sua vida e sua nova orientação libidinal de forma tranqüila.

Para finalizar gostaríamos de acrescentar que em nossos trabalhos de pesquisa e observação de eventos 'mediúnicos' não raras vezes identificamos a manifestação de um complexo autônomo na figura do que os espíritas chamam de obsessores. Um obsessão se define por possuir uma postura antagônica à consciência, mas deve ser diferenciado de um complexo inconsciente por um elemento bastante simples: à moda

do Self, da Sombra ou do Animus/Anima, ele possui informações claras e precisas sobre tudo o que ocorre ao ego na encarnação atual. Lembremos que um espírito desencarnado habita uma dimensão paralela a esta, o que o coloca em condições de saber exatamente tudo o que aqui se passa. E mais: é exatamente esta capacidade que o possibilita identificar na matéria seus desafetos reencarnados. Ou seja: eles sabem exatamente diante de quem estão e apenas se recusam a acreditar que houve uma modificação entre as motivações emocionais anteriores e presentes, o que está bem próximo da realidade, pois enquanto o complexo autônomo da vida anterior não for trabalhado, ele continuará existindo tal qual era no inconsciente do indivíduo reencarnado.

Este é o motivo pelo qual não adianta realizar infinitas sessões de desobsessão enquanto não houver esta modificação na disposição inconsciente do obsedado. Dentro dele, aquela pessoa que afetou de forma negativa quem hoje se coloca como seu obsessivo, continua existindo e está, desta maneira, em estreita sintonia com este último. Esta sintonia, contudo, não existe apenas no caso dos obsessivos, pois como nos conta Walkiria, Jeanne foi uma estudante de Belas Artes em um momento histórico no qual Impressionismo, Expressionismo e Cubismo encantavam o espírito dos franceses. Como mera estudante, contudo, Jeanne não poderia ser responsabilizada por ter produzido sozinha a variedade e a qualidade das obras apresentadas por Walkiria, mas isto a habilita para ser o complexo autônomo portador da ligação entre Walkiria e todos os espíritos que através dela se expressam.